

FALTA

CIDADE

O PAPEL INSTRUMENTAL DA ARQUITETURA  
NA PRODUÇÃO DA HABITAÇÃO COLETIVA  
NA CONSTITUIÇÃO SOCIAL DO RESTELO

Ana Leão Carvalho (licenciada)

Projecto Final de Mestrado para a Obtenção do Grau de Mestre em  
Arquitectura

Orientação Científica: Professor Doutor Daniel Maurício Santos de  
Jesus

Júri:  
Presidente Professora Doutora Teresa Sá  
Vogal Professor Doutor Jorge Spencer

Documento Definitivo  
Lisboa, FA Ulisboa, Janeiro, 2021



# FALTA CIDADE

O PAPEL INSTRUMENTAL DA ARQUITETURA NA PRODUÇÃO DA  
HABITAÇÃO COLETIVA NA CONSTITUIÇÃO SOCIAL DO RESTELO

Ana Leão Carvalho

Projecto Final de Mestrado para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica: Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Lisboa, FA Ulisboa, Janeiro, 2021

## Resumo

O enunciado de partida - "*a falta de cidade*" - é aqui entendido como mote de pesquisa e como suporte para o argumento desenvolvido na tese. A ideia de uma "presuposta ausência" traduz a inquietação sugerida pelo lugar, bairro de habitação predominantemente coletiva designado por Alto do Restelo e desenvolve-se a partir da constatação de uma relativa homogeneidade na sua composição social. À vista de uma interpretação histórica e política, tentam compreender-se as razões pelas quais o bairro evoluiu no sentido da anulação progressiva de uma certa diversidade de ocupação. Será depois ensaiado, através da concretização de uma proposta tipológica, um contributo para a (relativa) desconstrução dessa condição. O projeto desenvolve-se aqui como exercício ambivalente, pois se colhe referências e estabelece uma relativa continuidade com o edificado a montante, procura à revelia um contraponto julgado necessário, veiculando uma tentativa de antítese.

O Restelo manifesta-se na investigação como objeto de observação e experimentação das questões abordadas, figurando a declarada falta de cidade. O projeto da EPUL de Teotónio Pereira e Nuno Portas evidencia hoje os limites do papel representado pela arquitetura na constituição da cidade, em que a apropriação do edifício transcende o controlo ideológico e demonstra na impossibilidade de contrariar, por si só, o processo de gentrificação e especulação imobiliária. Neste contexto, assiste-se à generalização de um modo de vida contemporâneo, caracteristicamente individualizado, que circunscreve a vivência da casa à esfera privada, constringendo potenciais relações de vizinhança e recusando o sentido coletivo que os espaços públicos e de transição promovem.

Admitidos os limites do dispositivo arquitetônico em conformar um desígnio de apropriação, não obstante, procura-se a concretização projetual de um conjunto edificado com uma dominante de habitação coletiva que compreenda a diversidade social e cultural de quem habita, e promova uma forma revisitada de “relação com a rua”, idealizando a convivência de vizinhança e a contribuindo para um acréscimo de heterogeneidade do bairro.

Considera-se a flexibilidade do espaço doméstico promotor de uma apropriação mais livre e espontânea, e também um âmbito poroso na transição entre o interior doméstico e os espaços coletivos, como contributos para a eventual coexistência de grupos de origem social menos padronizada. Para o efeito ensaiam-se no projeto da casa, possibilidades para materializar um domínio razoável (no contexto de uma habitação produzida em série) de adaptações às necessidades e mudanças que são apanágio da vida do(s) indivíduo(s).



# MISSING CITY

THE INSTRUMENTAL ROLE OF ARCHITECTURE IN THE PRODUCTION  
OF COLLECTIVE HOUSING IN THE SOCIAL CONSTITUION OF RESTELO

Ana Leão Carvalho

Projecto Final de Mestrado para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Adviser: Arch. Ph. Daniel Maurício Santos de Jesus

Lisbon, Lisbon School of Architecture, January, 2021

# Abstract

The opening statement - "the lack of a city" - is here perceived as both the research motto and a support for the argument developed in this thesis. The idea of a "presupposed absence" translates the uneasiness suggested by the place, a housing neighbourhood predominantly collective named Alto do Restelo, and develops itself from the acknowledgment of a relatively homogeneity in its social composition. In light of an historic and political interpretation, it is attempted to understand the various reasons why the neighbourhood evolved towards the gradual reduction of a certain diversity of its inhabitants. It will then be essayed a typological proposal, supporting the relatively deconstruction of that condition. The project develops here as an ambivalent exercise, conveying an attempt of an antithesis. It not only collects references and establishes a relatively continuity, but is also in the quest of a counterpoint judged necessary.

Restelo manifests itself in this research as a place of observation and experimentation of the questions addressed, portraying the stated lack of a city. The EPUL project by Teotónio Pereira and Nuno Portas proves today the limit of the role played by architecture in the constitution of the city, in which the appropriation of the building transcends the ideological control and demonstrates the inability to refute, by itself, the gentrification process and real estate speculation. In this context, it is witnessed the generalization of the contemporary way of life, characteristically self-centred, which circumscribes the living experience of a home to the private sphere, constraining potential neighbourhood relations and refusing the sense of collective belonging that public and transitional spaces promote.

Admitted the limitation of the architectural device in conforming the purpose of appropriation, nonetheless, the quest is to achieve a collective housing predominantly collective, which understands the social and cultural diversity and inclusion of its inhabitants, and promotes a renewed "relationship with the street". Ultimately, envisioning the coexistence of a neighbourhood, contributing to an increasing heterogeneous community.

It is considered that the flexibility of the domestic space is recognized to promote a freer and more spontaneous appropriation, and also a porous scope in the transition between home interior and collective spaces, are contributors of an eventual acquaintance among groups of less standardized social origins. With that purpose, it is essayed in this proposal, within a context of housing produced in series, ways to materialize in a reasonable domain the adaptation of the needs and changes that appanage individuals' lives.



*"Para avaliar uma cidade como espaço organizado, há apenas uma solução: percorrê-la, vivê-la, deambular pelas suas ruas, descer as suas encostas, subir aos seus pontos mais altos, habitar as suas casas, senti-la como um organismo vivo que não pára, que dia a dia se altera. Aqui um parque começa a despontar, além um grupo de casas, depois uma estrada talhada na terra, tudo acontecimentos plásticos, acontecimentos formais, volumes, superfícies, cores, a que se acrescentam os cambiantes que a variabilidade de certos factores naturais, como luz, neles provocam"*

(TÁVORA, 2013)



# Agradecimentos

Mãe e pai, à nossa casa, à nossa estante e às muitas discussões à mesa.

À pipa, por tudo e por nada.

Ao xico e à daniela por apoiarem sempre.

Deborah, pelos anos que passam sem percebermos qual a dificuldade.

À Sara, juntas nesta brincadeira desde o primeiro dia.

Ao professor Daniel Jesus, pelos ensinamentos e a motivação e o atrevimento de nos fazer *pôr em causa*.



# Índice

Resumo	iv
Abstract	viii
Agradecimentos	xiii
Índice	xv
Índice de Figuras	xvii
Introdução	3
I. TESE	9
- Cidade Moderna	11
- Tempo Vivido	21
- Produção do Espaço	25
- <i>FALTA CIDADE</i>	31
- Encosta da Ajuda	35
II. ANTÍTESE	49
- Experiência do Lugar	53
- <i>A Casa</i>	67
- A Cozinha	77
- Casa-tipo	78
- Agregação I	87
- Agregação II	91
- <i>O Monte</i>	111
Considerações finais	117
Bibliografia	
Anexos	



# Índice de figuras

1-2. Vista sobre a favela da Rocinha, Rio de Janeiro que se considera também representar a cidade vivida que os versos de Pablo Neruda reclamam. Fotografia da autora.

3. Imagem representativa da exposição A Clockwork Jerusalem que apresenta as aspirções e falhanços da radicalidade do modernismo brutalista do pós-guerra. FAT Architecture em: <http://arquivo2.jornalarquitectos.pt/fundamentalmente-veneza/>

4. Representação da espontaneidade do organismo habitacional que M. Hulot e seus vizinhos habitam. Do filme *Mon Oncle* de Jacques Tati em <https://www.pinterest.pt/pin/151574343684965142/>

5. Sistema de circulação e relações que o dispositivo arquitetónico possibilita. Do filme *Mon Oncle* de Jacques Tati em <https://www.vice.com/fr/article/kbpgee/jacques-tati-el-pionero-de-la-comedia-francesa-en-gifs>

6. M. Hulot constata o excesso do consumo moderno. Do filme *Mon Oncle* de Jacques Tati em [https://www.elconfidencial.com/multimedia/album/cultura/2017-08-24/100-mejores-comedias-de-la-historia\\_1433424/](https://www.elconfidencial.com/multimedia/album/cultura/2017-08-24/100-mejores-comedias-de-la-historia_1433424/)

7. A rígida experiência habitacional do modernismo no tempo de lazer no cenário da Vila Arpel. Do filme *Mon Oncle* de Jacques Tati em [https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-38701/cine-y-arquitectura-mon-oncle/mon\\_oncle1](https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-38701/cine-y-arquitectura-mon-oncle/mon_oncle1)

8. If you don't have enough time, maybe you don't have enough Tappan Machines. TAPPAN Time Machine em [https://www.pinterest.pt/pin/AQoxZcJnAMcWC-wAFcjey5MVkT-Gk\\_7QWz5-T4fbjPELFEBSD\\_SmNtlo/](https://www.pinterest.pt/pin/AQoxZcJnAMcWC-wAFcjey5MVkT-Gk_7QWz5-T4fbjPELFEBSD_SmNtlo/)

9. *Metro-bulot-dodo*. Anto em <http://galettemasquee.blogspot.com/2014/02/de-labsurdite-du-rythme-metro-boulot.html>

10-11. Fotografia aérea de Mumbai, Índia da série *Unequal scenes* que expõe as desigualdades sociais à visão da produção de espaço. Do fotógrafo Johnny Miller em <https://www.nationalgeographic.com/culture/2019/03/visualize-inequality-by-viewing-cities-from-above/>

12. Propaganda ao urbanismo que protege o *investimento*. Em <https://haroldberube.com/vendre-la-banlieue-aux-montrealais/>

13. Desenho de cheios e vazios do bairro do Restelo. Desenho da autora.

14. O Restelo que vai desde a escala da moradia aos edifícios em altura. Imagem produzida pela autora.

15. Planta de circulações do Plano Pormenor do Restelo, N. Teotónio Pereira, N. Portas e J. Paciência. Em Pereira, Nuno Teotónio (2005). *Arquitectura e cidadania*. Quimera Editores, Lisboa.

16. Perspetiva dos quarteirões desenvolvidos por N. Teotónio Pereira e Nuno Portas. Em Pereira, Nuno Teotónio (2005). Arquitectura e cidadania. Quimera Editores, Lisboa.

17. Torre do Restelo, Rua Carlos Calisto. Fotografia da autora.

18. Projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987), Rua Gonçalo Nunes. Fotografia da autora.

19. Entrada individual para duplex no piso térreo do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987), Rua Gonçalo Nunes. Fotografia da autora.

20. Projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987), Rua Diogo de Teive. Fotografia da autora.

21. Entrada partilhada para duplex do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987), Rua Diogo de Silves. Fotografia da autora.

22. Escadinhas do Alto do Restelo definidas no projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987). Fotografia da autora.

23. Projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987) e projeto de Nuno Leónidas (1992), vista das Escadinhas do Alto do Restelo. Fotografia da autora.

24. Moradia que integra a fase do quarteirão-piloto do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1972-75), esquina Rua Pêro de Albuquerque com Rua Álvaro Esteves. Fotografia da autora.

25. Piso térreo e galeria do quarteirão piloto do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1972-75), Rua Pêro de Albuquerque. Fotografia da autora.

26. Traseiras de moradia integrante da fase do quarteirão piloto do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1972-75), Rua António Raposo Tavares. Fotografia da autora.

27. Projeto de Vitor Alberto (1982-86) arquiteto da EPUL, Rua João Dias. Fotografia da autora.

#### ANTÍTESE

28. Desenho do contorno do monte. Desenho da autora.

29. Vista do monte a partir da rua Diogo de Silves. Fotografia da autora.

30. Vista do monte na rua Diogo Teive. Fotografia da autora.

31. Vista do monte no cruzamento da rua Diogo Teive com a rua Pedro Sintra. Fotografia da autora.

32. Ampla perspectiva do monte do ponto de vista da rua Gonçalo Velho Cabral. Fotografia da autora.

33. Perspetiva do terreno e respetivo contexto. Desenho da autora.

34. Planta com indicação de ruas. Desenho da autora.

35-36. Ilustração do projeto *City in Space*. RBTA em <https://ricardobofill.com/projects/city-in-the-space/>

37. O princípio da densidade é evidente no projeto *Walden 7*. RBTA em <https://ricardobofill.com/projects/walden-7-2/>

38. Implantação de projeto com base nos princípios do projeto *Walden 7*. Desenho da autora.

39. Implantação de projeto com base nos princípios do projeto *Center Village*. Desenho da autora.

40. Relação entre as habitações e os espaços exteriores gerados. Fotografia de James Brittain em <https://www.archdaily.com.br/br/01-127091/centre-village-slash-5468796-architecture-plus-cohlmeier-architecture-limited>

41. A publicidade da rua no projeto *Center Village*. Fotografia de James Brittain em <https://www.archdaily.com.br/br/01-127091/centre-village-slash-5468796-architecture-plus-cohlmeier-architecture-limited>

42. Galeria projeto *Walden 7*. RBTA em <https://ricardobofill.com/projects/walden-7-2/>

43. Galeria projeto *Wadden 7*. RBTA em <https://ricardobofill.com/projects/walden-7-2/>

44. Apropriação de varanda no projeto *Bairro Gaudí*. RBTA em <https://ricardobofill.com/projects/gaudi-district/>

45. Estudo do projeto de Habitação Social de Alvenaria (2013), em Lisboa, do fala atelier. Através da criação de um módulo pretendia permitir que as habitações se desenvolvessem de uma forma interativa. Desenho da autora.

46. A casa na *Quinta Monroy* (2004), Chile, projeto evolutivo de autoria de Alejandro Aravena. Fotografia de Cristobal Palma / Estudio Palma, Tadeuz Jalocha em <https://divisare.com/projects/109887-elemental-alejandro-aravena-cristobal-palma-estudio-palma-quinta-monroy>

47. A base do projeto *Quinta Monroy* (2004), Chile. Fotografia de Cristobal Palma / Estudio Palma, Tadeuz Jalocha em <https://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental>

48. A evolução na *Quinta Monroy* (2004), Chile. Fotografia de Cristobal Palma / Estudio Palma, Tadeuz Jalocha em <https://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental>

49. Estudo da flexibilidade passiva que caracteriza a casa pombalina. Desenho da autora.

50. Estudo de possibilidades de apropriação no projeto de habitação coletiva *Dapperbuurt*. Magreet Dunker em [https://undiaunaarquitectura.wordpress.com/2015/09/06/margreet-duinker-1953/magreet-duinker\\_dapperbuurt-estudio-de-usos\\_frame-and-generic-space\\_2006/](https://undiaunaarquitectura.wordpress.com/2015/09/06/margreet-duinker-1953/magreet-duinker_dapperbuurt-estudio-de-usos_frame-and-generic-space_2006/).

51. Projeto fotográfico *Maria, José e menino* procura representar e construir uma narrativa sobre a *domesticidade* associada à *casa*, numa casa de família de classe média em Barretos, São Paulo. Fotografia de Marina Schiesari em [https://www.archdaily.com.br/br/916466/a-domesticidade-como-protagonista-exposicao-maria-jose-e-menino-no-mis?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/916466/a-domesticidade-como-protagonista-exposicao-maria-jose-e-menino-no-mis?ad_medium=gallery).

52. Representação da evolução do pensamento do espaço da casa, expondo de forma simplificada as alterações dos núcleos e da conseqüente relação com o exterior. Imagem produzida pela autora.

53. Corte de relação entre dois duplex, expondo o piso partilhado entre ambos. Desenho da autora.

54. Estudo das possibilidades de apropriação do espaço desenhado. Desenho da autora.

55. Agregação vertical constituída por dois simplex na base e dois duplex que assentam sobre essa mesma base. Imagem produzida pela autora.

56. Relação da cozinha com o patamar de transição e e galeria. Desenho da autora.

57. Galeria do Bloco das Águas Livres, de N. Teotónio Pereira e B. Costa Cabral. Em Pereira, Nuno Teotónio (2005). *Arquitectura e cidadania*. Quimera Editores, Lisboa.

58. Fachada para rua Diogo de Silves. Imagem produzida pela autora.

59. Ilustração resultante do projeto de Nicolas Moulin *VIDERPARIS* em que aos vestígios de vida social estão completamente ausentes. Nicolas Moulin em <https://www.atlasofplaces.com/photography/vider-paris/>

60. A fachada do monte. Fotografia da autora.

61-63. Bairro da Bouça, Porto. Fotografia de Sarah Le Donne em <http://blog.sarahledonne.com/2016/08/bouca-social-housing-alvaro-siza-vieira/>

64. Galeria do Copromo lugar de interação entre as partes. Fotografia de Zeca Osorio em <https://www.zecaosorio.com/copromo>

65. Piso tipo do projeto Copromo. Fotografia de Zeca Osorio em <https://www.zecaosorio.com/copromo>

66. Planta do bloco tipo constituído. Desenho da autora.

67. Corte transversal que reflete a reflexão sobre a comunicação do todo e das partes. Desenho da autora.

68. A densidade e diversidade do projeto Bairro Gaudi resulta em planos de cobertura que acolhem a dimensão pública da comunidade que o habita. RBTA em <https://ricardobofill.com/projects/gaudi-district/>

69. Perspetiva do espaço de entrada da habitação, enquadrando a relação entre a galeria, o patamar de transição e os espaços interiores da cozinha e *marquise*. Imagem produzida pela autora.

70. Espaço central de acessos do projeto *Walden 7*, em torno do qual se posicionam as entradas para as habitações. RBTA em <https://ricardobofill.com/projects/walden-7-2/>

71. Acessos comuns do projeto das Torres dos Olivais Sul, de N. Teorónio Pereira. Nuno Teotónio (2005). *Arquitectura e cidadania*. Quimera Editores, Lisboa.

72. Planta de implantação do projeto idealizado. Desenho da autora.

73. Planta piso tipo do projeto à cota +95.50m. Desenho da autora.

74. Planta piso do projeto à cota +98.50m. Desenho da autora.

75. Planta à cota +89.50m que considera a demonstra a possibilidade de criação de estacionamento, de acordo com os requisitos legais.

75. Planta à cota +89.50m que considera a demonstra a possibilidade de criação de estacionamento, de acordo com os requisitos legais. Desenho da autora.

76. A idealização da apropriação do terreno permeável. Imagem produzida pela autora.

77. A divisão tripartida que surge nos momentos interpretativos iniciais. Desenho da autora.

78. Perspetiva do monte para nascente. Fotografia da autora.

79. Vista do monte para norte.. Fotografia da autora.

80. Vista do monte para nascente, alcançando a ponte 25 de Abril e o rio Tejo. Fotografia da autora.

81. Ampla perspetiva para sul sobre o rio Tejo. Fotografia da autora.





# Introdução

*"O lugar neutro que é de todos e de ninguém, onde as pessoas se cruzam quase sem se ver, onde a vida do prédio ecoa, ... longínqua e regular"* (PEREC, 2015: 19) antevê a vida social dos espaços que interliga: a fortificação do espaço privado e o vazio do espaço público. Ideologicamente para quem a habita, a casa contemporânea é o apogeu do exclusivo, inteiramente desconectada da rua e da interação com o outro. Esse recolher e a desassociação com o bairro reflete-se no (não)habitar dos espaços públicos, ou "neutros", contrariando a continuidade cidade/habitação: realidades obrigatoriamente congregadas, *"pois não há cidade sem habitação (teríamos/teremos um espaço sem vida com adequada continuidade), nem habitação sem cidade (teríamos/teremos um espaço "urbano" limitado às funções de grande dormitório)."* (COELHO, 2013: 65).

O entendimento da casa manifesta-se não só como a produção racional e funcional de um espaço dito doméstico, mas como lugar intrinsecamente simbólico, cujo habitar influencia o ser individual e coletivo. Mas também enquanto matéria construída que representa a ligação física e simbólica de cada sujeito à cidade comum. O sistema que é a cidade é constituído na relação da cidade com a casa. Assim, pretende-se refletir sobre o papel instrumental da arquitetura na conceção da habitação, que o mesmo é dizer, na constituição da cidade.

O argumento (e a narrativa construída) divide-se assim em duas partes. Num primeiro momento, enunciam-se as

inquietações que motivam a investigação e, progressivamente, define-se um discurso lógico através de perspectivas referenciais do tema para o pôr a descoberto, no sentido de delinear a tese. A segunda fase procura, veiculada pela prática de projeto, contrariar a tese estabelecida, de forma a produzir a sua antítese.

A exposição da investigação inicia-se com a crítica ao processo moderno de produção de habitação e cidade e à imediata subordinação à homogeneização imposta pelo mesmo. A encenação cética e satírica da homogeneização modernista construída pelo cineasta Jacques Tati sustenta a reflexão que expõe o absurdo da cidade moderna. Esta, que ambicionava a relação simbiótica pessoa/máquina e em que o indivíduo, não encontra margem para a desorganização e para a espontaneidade juxtaposta ao elogio da aleatoriedade, que o distingue de um mundo tradicional, ou pré-moderno.

De seguida, procura-se justificar que o indivíduo perdeu o controlo do seu tempo, em parte, como consequência da predeterminação e uniformidade comportamental determinada pela rigidez do pensamento moderno, na constituição de cidade. Considera-se que a marca do capital na morfologia urbana é causa do afastamento à cidade e da monótona rotina do trabalhador e, por isso, que a organização do espaço é usada como pretexto normativo para predeterminar a (falta de) possibilidade do tempo vivido.

O método de exploração de uma "produção do espaço" identifica a lógica liberal, que mantém em constante diálogo o capital e o território, como um problema político que através de um discurso funcionalista procura monopolizar os espaços da cidade, privilegiando os interesses privados e público-privados, conduzindo ao processo de gentrificação e consequente perda de identidade dos sistemas constituidores de cidade, ou a uma alienante homogeneização dos mesmos.

A afirmação *FALTA CIDADE!* manifesta-se como um mote de pesquisa na exploração e procura de respostas às questões políticas e sociais levantadas, adotando um sentido social, político e, agora mais do que nunca, ambiental

Em modo de conclusão, reconhece-se a Encosta da Ajuda como um território sujeito a uma série de planos urbanos ao longo do tempo e cuja impressão dessas intervenções serve de base à experiência individualista da cidade promovida pelo capitalismo. Também o estudo da habitação se vê como fundamental para a tentativa de refutar a tese.

O raciocínio da antítese parte da experiência do lugar e explora a possibilidade especulativa do contexto, procurando contrariar a produção neoliberal do espaço. Então, o projeto evita emergir desconexo da aparente ordem estabelecida, mas assume uma deriva, num sentido de experimentação e desprendimento formal, no que concerne à inserção urbana.

As transformações dos modos de habitar conduzem aos conceitos de adaptabilidade e de flexibilidade, como oposição ao dispositivo arquitetónico radicalmente definido e inalterável do modernismo. Parte-se para a idealização de uma habitação cuja base possibilite a apropriação mais livre e adaptável às diferentes necessidades de grupos diversos no mesmo edifício, mas que também promova a apropriação e extensão do espaço privado para o espaço coletivo e, por conseguinte, se entenda poroso ao estabelecer de relações de vizinhança.

A interpretação do conceito morfológico de *interior de quarteirão* determina não só a lógica de agregação horizontal, mas também o desenvolvimento vertical, estabelecendo-se próximas, mas diferenciadas relações com as ruas e pátios, procurando-se a abertura e a comunicação entre sujeitos constituintes da cidade.

Sublinham-se, assim, as questões centrais que se compreendeu estarem na origem da *falta de cidade* e cuja interpretação pessoal e provocatória apenas define um domínio de possibilidades. Neste sentido ideológico, importa entender-se a cidade como resultante de "*uma ideia de democracia e de igualdade social*", "*território que é construído pela sociedade e não o inverso, contrariando o isolamento político da arquitetura e a ilusão de cidade*" Álvaro Domingues em *A Cidade depois da Cidade* (Reabi(l)itar, 2013).





I. TESE



# Cidade Moderna

*"... e janela e janela e janela e  
janela e janela e outra porta  
outra porta e outra porta outra porta."*

*Até ao duro infinito moderno  
com o seu inferno de fogo quadrado  
pois a pátria da geometria  
substituí a pátria do homem"*

De súbito as ruas desorganizadas e estreitas, os becos, as portas abertas para a rua e as pessoas à conversa nas janelas, dão lugar às ruas largas, ao barulho dos carros, à repetição, às janelas fechadas e silenciosas. A cidade tradicional perde-se no tempo e a necessidade de crescer dá lugar ao moderno, ordeiro e impessoal. Os versos de Pablo Neruda (citado em La Secla, 2011) reclamam a *cidade vivida* enunciada pela cor, a festa e a desordem, contrastante com a cidade do planeamento observada à distância, despida de intervenientes e enlouquecida na ordem e geometria. Valparaíso é o lugar do poema que enuncia o hegemónico problema da cidade<sup>1</sup>.

---

1. F. La Secla revisita nos versos dedicados a Valparaíso de Pablo Neruda "uma singularíssima forma de viver, uma sociabilidade densa, tranquila, popular, um cuidado e afecto com os lugares" encontrada na área de Sagrera, e considera que estes versos poderiam originar uma discussão sobre a "Barcelona do povo" e a "Barcelona dos urbanistas" em LA CECLA, Franco. Contra arquitetura. Caleidoscópio. 2011 p.89-90

Página seguinte

1. Vista sobre a favela da Rocinha, Rio de Janeiro que se considera também representar a cidade vivida que os versos de Pablo Neruda reclamam.

2. Vista sobre a favela da Rocinha, Rio de Janeiro que se considera também representar a cidade vivida que os versos de Pablo Neruda reclamam.



Após a 2ª Guerra Mundial, a sociedade europeia vivia uma era caracterizada pelo rápido crescimento económico e produtivo, absorvida pelo otimismo do espírito da 'máquina!'<sup>2</sup>. A prosperidade económica e tecnológica que surgia nas grandes cidades contrastava com a destruição deixada pela guerra, o que proporcionava não só a rápida evolução do nível de vida (e a produção de "estilos de vida"), mas também as disparidades sociais que resultaram do desequilíbrio que progressivamente se viria a agravar entre as procuras elementares, por um lado, e desejos supérfluos, por outro: 'todos' queriam um carro, uma máquina de lavar, uma televisão.

O encanto perdido pelos tradicionalismos deu lugar ao cenário modernista que se perpetua até aos dias de hoje, na cidade que habitamos. Cenário de relativo anonimato, construído por espaços da cidade que preservam (por imperativo ou consentimento) a ausência dos símbolos, ficando estes reservados às diversas escalas constituintes da máquina de reprodução do capital, ou aos grandes empreendimentos que determinam a expressão da (boa) memória coletiva e preservam o culto da identidade.

---

2. Referência à *Ode Triunfal* do heterónimo Álvaro de Campos

Página seguinte

3. Imagem representativa da exposição A Clockwork Jerusalem que apresenta as aspirações e falhanços da radicalidade do modernismo brutalista do pós-guerra.



Enquanto se vendia a modernidade como um hino positivista, Jacques Tati expressava ceticismo acerca da nova cultura global, que surgia por oposição às cidades tradicionais e adotava uma posição satírica inerente ao pós-modernismo. No filme *Mon Oncle*, Tati caricaturiza a eficiência modernista no seu processo de homogeneização e a imediata subordinação do Homem ao novo mundo imposto. No fundo, a arquitetura moderna racional, controlada, sem contexto histórico, surge como o motor para um estilo de vida monótono e excessivamente sério, ilustrado no filme pela caricatura triunfal da casa moderna, a Villa Arpel, que serve de montra para expor o absurdo da modernidade.

*“Linhas geométricas não produzem pessoas agradáveis”<sup>3</sup>* (*L’Oeil sur l’écran*, 2012), ao longo do filme é expressa esta ideia de que nós somos reflexo do lugar que habitamos, criticando a estandardização e o estado inanimado que o movimento modernista sustentava sob o mote da eficiência – segundo a qual se projetava, como principal constituinte da nova urbanidade <sup>4</sup>.

3. Declaração proferida no contexto do lançamento do filme integrada no seguinte discurso “Ce qui me gêne, ce n’est pas qu’on construise des immeubles neufs, il en faut, mais des casernes. Je n’aime pas être mobilisé, je n’aime pas la mécanisation. J’ai défendu le petit quartier, le coin tranquille contre les autoroutes, les aéroports, l’organisation, une forme de la vie moderne, car je ne crois pas que les lignes géométriques rendent les gens aimables.”

4. Contexto que relembra o emblemático conjunto de unidades eficientes da *Unité d’habitation* e a célebre sentença “As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas” em GUERRA, Isabel (1994) – “As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas”, *Sociedade e Território*, nº20, p. 11-26

A exploração da dicotomia entre a realidade moderna e a experiência da vida urbana é protagonizada pela personagem disruptiva de Monsieur Hulot, que contrasta com o indivíduo moderno integrado, ao parecer ignorar deliberadamente a inconveniência que lhe é imposta pelo design.

M. Hulot é uma figuração dramatúrgica da espontaneidade, da alegria e da agitação que atribuímos a Saint Maur, que retrata a resistência à modernidade. A experiência do personagem no bairro parisiense mistura interações espontâneas entre conhecidos e desconhecidos, que se relacionam sem ceder a qualquer imposição externa, sendo legível a existência de uma rede estruturada organicamente, metabolismo semelhante e indissociável do edifício que habita. A sua casa participa como uma exaltação à desordem, numa representação (também) exagerada e simbólica da casa tradicional, estando integrada no organismo habitacional que acompanha esta representação e caracteriza-se peculiarmente pela intuitiva circulação comum, que intercepta o espaço privado e experiências domésticas conflituantes, perturbando a imagem arquetípica da racionalidade moderna.

Página seguinte

4. Representação da espontaneidade do organismo habitacional que M. Hulot e seus vizinhos habitam.

5. Sistema de circulação e relações que o dispositivo arquitetónico possibilita.



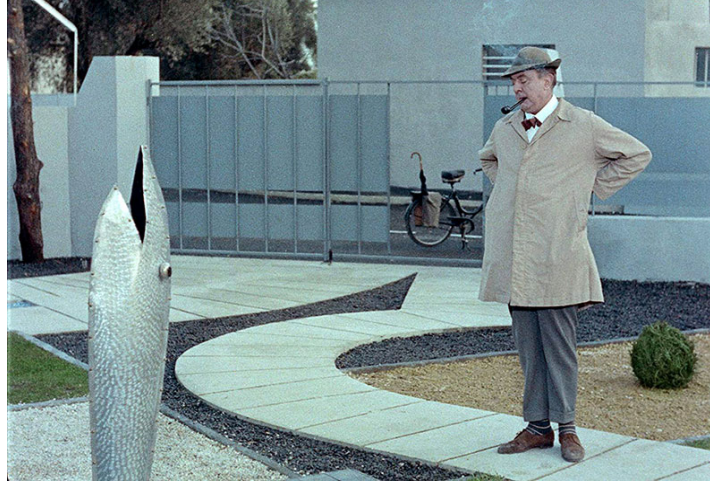
A representação da ordem moderna, marcada por um forte antagonismo ao sistema tradicional, é impulsionada pela Villa Arpel e pela homogeneidade exagerada dos seguidores da sua lógica, que parecem incorporar como desígnio comportamental o estreito valor de uso sugerido pela arquitetura. O elogio do brilho da superfície incessantemente limpa, a amplitude do silêncio e o eco da ação desastrada, reflexos do domínio que o objeto arquitetônico exerce sobre os habitantes. A desconexão da automação nas rotinas domésticas é o espelho do consumo moderno e ridiculariza a devoção às transformações da modernidade. O cenário de um modo de habitar predeterminado e da uniformidade comportamental da rede de vizinhança desvenda a rigidez do pensamento moderno na constituição da cidade, dessincronizada da aleatoriedade do mundo tradicional.

O culto modernista elogia e promove a relação simbiótica pessoa/máquina, formatando o cotidiano e desvalorizando a organicidade da experiência urbana e da casa. Assim, o indivíduo não se permite à desorganização e perde o controle do seu tempo.

Página seguinte

6. M. Hulot constata o excesso do consumo moderno.

7. A rígida experiência habitacional do modernismo no tempo de lazer no cenário da Vila Arpel.





Could we spare please? Yes, is the inevitable Tappan Electric Range. It uses electric coils to bake cakes in 3 minutes, cook 2 lbs. steaks in 10 minutes. Fried never sticks and bakes. Cooks so fast flavor can't get out (but you can—this kitchen wonder opens heavy every day).

Some of people? Cook a meal for 20 in the Tappan Electric Range. It's got the biggest oven of any 20-inch range. Visually over windows lets you see what's cooking, and Tappan's New Hood which never cooking odors.

Double up your cooking with a Tappan Double Oven Gas Range. Two ovens save you space—and who ever heard of food sticking to Tappan-coated oven doors? And just above, not just inside the oven, they pop with the lid.

## If you don't have enough time, maybe you don't have enough Tappan Time Machines

Serve sleeping bags. Tappan's Twin-Temp Cooler Refrigerator-Freezer is a 21-inch, four-section refrigerator for your kitchen. Stores 200 meals, fits a great 36-inch wide. Discount price \$1,195. Offers unlimited possibilities. Match the refrigerator to your cabinet or open a variety of colored laminates. (See and a backboard?) And an air-freezing, ever.



Double some often in a Tappan Electric Dishwasher, for washing up your dirty dishes. A Tappan gets dirty! And most dishwashers are noisy. Tappan's Dishwasher is quiet. It's got the biggest tub in any dishwasher. It's got the biggest tub in any dishwasher. It's got the biggest tub in any dishwasher. It's got the biggest tub in any dishwasher.



Double some often in a Tappan Electric Dishwasher, for washing up your dirty dishes. A Tappan gets dirty! And most dishwashers are noisy. Tappan's Dishwasher is quiet. It's got the biggest tub in any dishwasher. It's got the biggest tub in any dishwasher. It's got the biggest tub in any dishwasher. It's got the biggest tub in any dishwasher.



**TAPPAN**  
Time Machines

# Tempo Vivido

*"No contexto presente, qualquer pretensão de problematizar a arquitectura implicará "estranhar a regra do tempo", mais do que "indisciplinar as convenções dos espaços." (Jesus, 2016 :6)*

Os princípios que imperam sobre a organização do espaço urbano, subservientes ao sistema capitalista, promovem uma certa separação higiénica, uma clara divisão de funções entre o lazer, o trabalho e a residência - isto, de modo a salvaguardar o tempo útil (o tempo cuja utilidade deve ser validada), controlar a propagação de inutilidades (prevenir o lazer de contaminar o exercício laboral) e limitar a residência a uma incubadora para recuperação da energia laboral. Semântica, e por isso comumente, o *útil* considera-se sinónimo do *necessário* e resume tudo o que há de benéfico e/ou vantajoso, mas também representa os dias que não são feriados; o tempo útil é viabilizado de forma a que tudo o que não dê lucro seja considerado *inútil*. *"Estranhar a regra do tempo"* significará primeiramente entender que este existe segundo as regras do sistema produtivo, e num segundo momento, compreender que este não está ao abrigo de um potencial questionamento. A utilidade mantém-nos reféns do complexo sistema de produção e de trocas, e consequentemente, o tempo útil assente nesses princípios é materializado na cidade que se constrói e nos implica.

Página anterior

8. If you don't have enough time, maybe you don't have enough *Tappan Machines*.

Conforme Manuel Castells descreve no livro *Lutas Urbanas e Poder Político*, de 1976, o estado usa como pretexto a organização do espaço para determinar a vida quotidiana, predeterminando o tempo vivido. Assim, a planificação urbana assente em ideais aparentemente utópicos e apolíticos, transforma-se em mecanismo influenciador de mutações sociais e controlador das mesmas. A cidade funcionalista e higiênica não se constitui resultante apenas técnica, mas também influencia as relações de poder existentes, cuja ideologia vai transformar o território segundo um conjunto de valores, que neste caso são determinados pelo sistema capitalista.

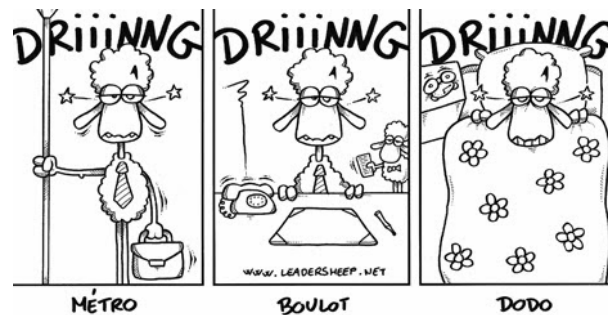
O domínio moderno sobre o tempo vivido relembra os versos da *Ode Triunfal* "Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime! Ser completo como uma máquina! Poder ir na vida triunfante como um automóvel último modelo!". Estará o nosso tempo vivido já inerte ou estará intolerante à exaltação e aceleração de "crescimentos, produções e interesses" que nos afastam da cidade e das "Luzes e febris perdas de tempo (...) que entram Pela minh'alma dentro!" (Campos,) e nos gasta na rítmica expressão *metro-bulot-dodo*.

---

6. *Metro-bulot-dodo* expressão que reflete a vida monótona do trabalhador: metro-trabalho-dormir

A impressão do capital sobre a morfologia urbana é causa da reprodução do processo de afastamento do sujeito (político) à cidade, e da consequente absorção do tempo por si vivido. A monotonia da rotina do trabalhador (com tudo o que isso implica) é descrita por M. Castells (1976), que põe em evidência o caos temporal e social gerado pelo glorificado crescimento das cidades.

*"Para milhões de homens são as intermináveis horas extenuantes de transporte, de manhã e à noite, apertados, dentro duma carruagem, numa multidão sem rosto, que se espalha num corredor do metropolitano à pressa, a passo cronometrado ou então impotentes num mar de viaturas imóveis com os motores a trabalhar e a gastarem mais para que este gesto se reproduza ao automóvel mais próximo do que para conseguir avançar. (...) É o isolamento dos subúrbios com os seus pavilhões ou a solidão dos grandes aglomerados habitacionais onde se justapõem os núcleos de existência individuais e incommunicáveis. É também o marginalizado de certos grupos sociais específicos."* (:16)





# Produção do Espaço

Na perspectiva da produção neoliberal do espaço urbano, na qual o poder público não representa o papel moderador do mercado imobiliário, pretende-se pôr em evidência os efeitos desses instrumentos de organização do espaço sobre o sistema das cidades. O direito à habitação deixa de existir e a habitação passa a ser vista como uma mercadoria.

Esta, que segundo Lefebvre (2002), é a realidade que ocorre no pós guerra, está associada não só aos avanços da indústria, mas também à urbanização da sociedade, que perdia a escala física e social característica da ruralidade. Este crescimento é impulsionado por um desejo de experienciar o moderno, aliado aos novos mecanismos que vão surgindo no meio produtivo, possibilitando rapidez e eficácia na criação em massa e na repetição, que figurava o crescimento ansiado. Assim, o espaço resulta de uma determinada organização social, econômica e política e, tal como é clarificado em *O Direito à Cidade* (2012), o *novo urbanismo* é criticado devido ao condicionamento que a economia capitalista impõe na apropriação do espaço, promovendo o urbanismo enquanto sistema de separação e subordinação.

O processo de desenvolvimento da cidade mantém em constante diálogo a associação entre capital e território, entre o económico e o espacial. Desde a revolução industrial que a cidade representa um local organizado para e pelo investimento, consoante períodos de valorização e desvalorização sucessivos (Mendes, 2017) e é a partir desta relação de poder, que não compreende o espaço socialmente produzido, que a tendência para desigualdades socioespaciais acontece.

As políticas urbanas e a lógica liberal de produção do espaço configuram um problema político, agravado pela pueril ação intervencionista da administração pública que tendem a orientar-se por "*um modelo gestor (...)* em que o uso dos recursos públicos se faz para atrair investimento" (Mendes, 2017, p.57), ditado pelas determinações do setor privado, veiculadas por um discurso positivista regado pela atividade económica. Assim, a cidade funcionalista e higienizada procura monopolizar os espaços da cidade, incorporando e privilegiando os interesses privados e público-privados: identifica-se a crescente hegemonia da lógica da rentabilidade, cujas palavras de ordem são exclusividade e seletividade.

Página seguinte

10. Fotografia aérea de Mumbai, Índia da série *Unequal scenes* que expõe as desigualdades sociais à visão da produção de espaço.

11. Fotografia aérea de Mumbai, Índia da série *Unequal scenes* que expõe as desigualdades sociais à visão da produção de espaço.



O modelo dominante que incita o exagerado ritmo do processo de urbanização constitui *cidade*, não só através da sua figuração e materialização, mas também através da transformação das suas redes de sociabilidade, evidenciando distâncias e desigualdades. Este sistema tem como produto as diferentes modificações na produção e apropriação do espaço urbano. Neste contexto, L. Mendes (2016) evidencia a relação entre "*uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada*" (:19) e uma morfologia social dividida e individualizada. Intensificada a impressão das estruturas capitalistas na constituição de cidade, o impacto tende para a articulação entre a pressão imobiliária e a revalorização do solo de bairros populares/tradicionais, gerando deslocamentos contrários - residentes são afastados para áreas cada vez mais periféricas; novos moradores são atraídos pelo "*processo de aburguesamento de bairros históricos*" (Mendes, 2016) - com a consequente perda (ou transformação) de identidade desses lugares. Esta transformação socio-espacial é apelidada de *gentrificação* o que, por definição, é representativa da ideologia neoliberal e figura "o processo de mudança urbana que melhor representa a luta de classes no palco da cidade da contemporaneidade" (Mendes, 2016).

Página seguinte

12. Propaganda ao urbanismo que protege o *investimento*.

# Ville d'Anjou

... ou l'urbanisme  
protège votre placement



Os fundamentos democráticos com que se contaria para regular o modelo de desenvolvimento urbano são desrespeitados pelo próprio urbanismo, subordinado às práticas de ordem capitalista. A democracia apenas se manifesta no espaço da cidade enquanto expressão dos interesses de uma sociedade heterogénea e pluricultural, em que a participação do cidadão é valorizada e estimulada, da relação entre a constituição social e o espaço físico. A cidade seria assim, e apenas nessa forma, o mecanismo de interseção e reunião da (re)apropriação, da participação e do recreativo, assente na exaltação de uma vida urbana densa e verdadeiramente democrática.



## *FALTA CIDADE*

A *ausência* de cidade, qualquer que seja a derivada que tal enunciado possa sugerir, é de certa forma apreendida inconscientemente, pelo ato elementar e comum de experienciar e questionar a própria ação no espaço urbano.

A cidade entendida como organismo vivo... e as propriedades autónomas que o constituem - a cor, a melodia e o barulho, o outro e o procurado desconhecido - configuram vibrações que reverberam pelos espaços habitados. Sobressai um relativo individualismo na contemporaneidade, gerador e gerado pelo recolhimento que alterna com a vida laboral. A cidade dos bairros, dos vizinhos entre janelas, a cidade que exalta o contacto e a procura escuta-se hoje à distância. Este pretexto primário e entendível para organizar uma proposta de projeto está intrinsecamente confrontado com as questões políticas e sociais, já abordadas, configurando-se como consequência das mesmas. A inquietação que surge na observação do lugar específico desdobra-se então em questões que universalizam a ideia da falta de cidade, não apenas particulares ao caso do Restelo.

Mas em que se traduz afinal, em concreto e para governo do presente trabalho, esta falta de cidade?

Na cidade aqui imaginada deverá caber a espontaneidade, as vivências do quotidiano deverão ser definidas pelo indivíduo e não pelo dispositivo material que o constrange. Nos raciocínios a pretexto da produção da habitação coletiva caberá abrigar os mais diversos modos de vida, em representação de culturas e classes sociais diferentes e, em paralelo, facilitar a cada indivíduo a liberdade de transpor a sua individualidade para a casa e para o edifício.

Uma cidade heterogênea e democrática! A cidade que prioriza o desenvolvimento da pessoa à rentabilidade utilitarista e que limita a segregação ao abrir-se totalmente aos seus habitantes, e cujo motor económico não se satisfaz no facilitar da especulação imobiliária, ou na sua objetivação como espetáculo que se apresenta em prol do turismo. Consequentemente, também será a cidade que aceita a *inutilidade* e não predetermina o tempo vivido, que se atreve a existir à noite e que não se restringe ao papel de dormitório, a *cidade maravilhosa*<sup>5</sup> que não nos nega o tempo de existir.

Noutro âmbito, será a cidade capaz de sustentar o seu modo de vida, que produz para a sua subsistência, constituindo um movimento equilibrado de troca e partilha, produção e consumo. À perspetiva aproximada da escala do bairro, a cidade que compreende a *casa* e os

7. Epíteto utilizado para a cidade do Rio de Janeiro

serviços necessários para a extensão do habitar, do ser individual e do ser coletivo. Na escala urbana, a cidade cuja matriz é motivadora de partilha e compreensiva com a duração do tempo.

Definem-se assim princípios base para aquilo que se considera falta de cidade, afiliados de outras tantas (grandes) questões: a perda do sentido de comunidade, a especulação imobiliária e conseqüente gentrificação, e a insustentabilidade das cidades.

Esta particular *falta de cidade* será manifesta como mote de pesquisa e, simultaneamente, como propósito de projeto, na tentativa de a refutar. Não obstante, pela consciência de que a arquitetura do edifício de habitação apenas define um domínio de possibilidades, cuja apropriação transcende o controle ideológico do objeto, a hipótese que se desenvolve não terá a pretensão de abranger ou negar formas alternativas de interpretação.



# A Encosta da Ajuda

*"Que perspectivas admiráveis se poderiam oferecer nessa encosta suave que sobe de Belém ao Alto da Ajuda!... Que admirável, pela finalidade política e educativa, seria o simbolismo dessa cidadezinha monumental! José Sousa Gomes em 1937" (citado em D'Almeida, 2013:27)*

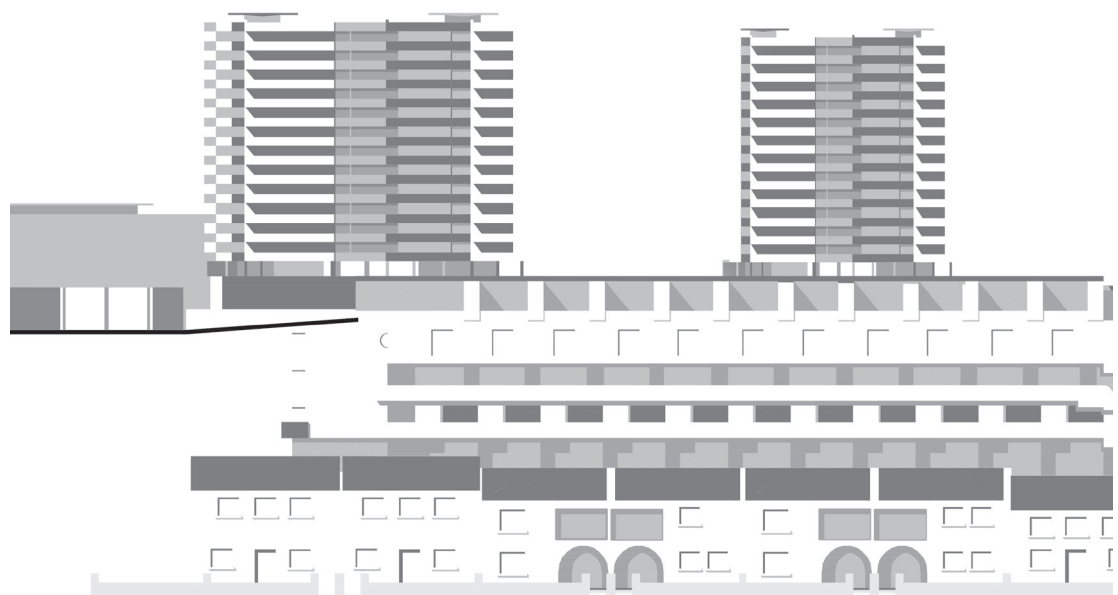
O aproximar da Exposição do Mundo Português (1940) e a necessidade de afirmação da *"capital do império"* gerou uma imagem particular de urbanidade ocidental, fabricada e publicitada em outras cidades europeias. Este momento e o processo de crescimento populacional atraíram à Encosta da Ajuda o urbanismo com ideais da cidade-jardim moderna, e propósitos de economia espacial. A esta fase de gestão e produção de cidade seguiu-se o modelo de habitação coletiva materializado através da construção em bloco inspirado pelo *"novo urbanismo"*, que estética e socialmente prevalece, e é também transportada para a densidade habitacional vertical das torres. O plano de pormenor da zona do Restelo (1970-1972), ainda sob a guarda do Estado Novo, procurou relacionar a densidade habitacional dos edifícios em altura com a escala da moradia (D'Almeida, 2013).

Página anterior

13. Desenho de cheios e vazios do bairro do Restelo

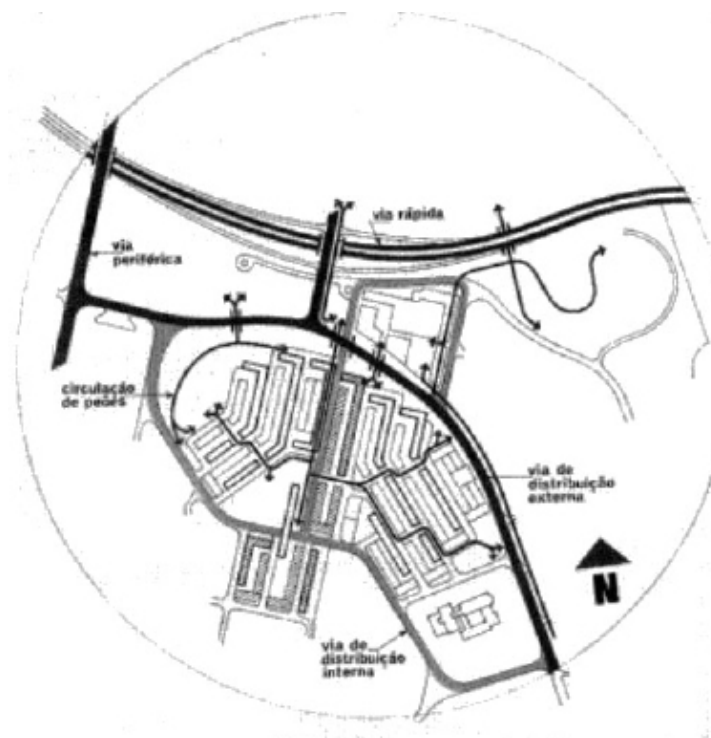
Página seguinte

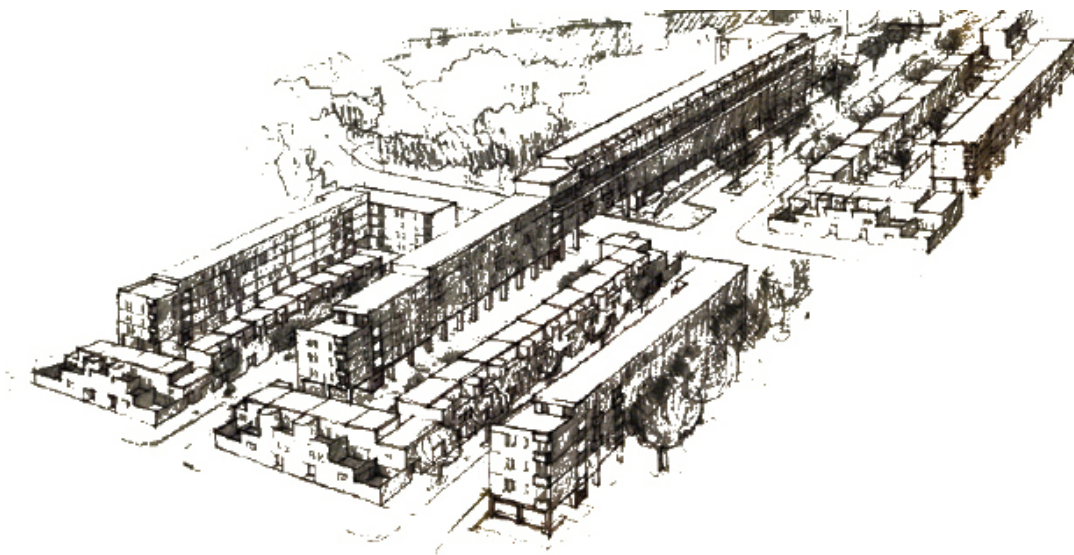
14. O Restelo que vai desde a escala da moradia aos edifícios em altura.



A Encosta da Ajuda, como antigamente era referido o Bairro do Restelo foi um bairro sujeito a uma série de planos urbanos ao longo do tempo, desde a primeira proposta de urbanização da encosta da Ajuda (1938), da autoria do arquiteto e urbanista Faria da Costa, até ao Plano de Pormenor do Restelo, promovido pela EPUL, a cargo dos arquitetos Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e João Paciência (1972-91), continuando até aos dias de hoje a ser alvo de interpretações e intervenções urbanas.

O plano de pormenor procurou recuperar modos de habitar e viver da cidade antiga e, aquando da aprovação do estudo prévio, foi delegado à Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL), de onde derivou um modelo gestionário que aprovava novas propostas que não respeitavam as diretrizes do plano, mas que contribuía para a visibilidade da Empresa na sua ação de urbanização e promoção imobiliária - em particular, na forma como contribuiu para a fixação da população de classe média na cidade de Lisboa (D'Almeida, 2013). Identifica-se o conjunto habitacional projetado por Teotónio Pereira e Nuno Portas como projeto que procurou devolver a casa à cidade. Um pensamento composto por tais ideais torna-se um mote fundacional para a intervenção que agora se propõe, uma vez que se considera que tal desígnio ainda não se cumpriu naquele contexto: ao contrário, a atual conjuntura do bairro parece reificar um modo de vida individualista, que tem determinado correspondente apropriação do espaço público contrária à génese social do projeto.





Embora o projeto tivesse como público alvo famílias de classe média e procurasse estimular relações de vizinhança e convivência, o edifício construído torna-se independente das intenções projetadas e passa a configurar a vida quotidiana de quem o habita, expressando a relação desta vivência com o contexto, e de forma consequente, as suas particulares ideologias e inquietações. Nuno Portas clarifica que a EPUL do Restelo *"nunca foi um bairro económico e que para ali foi habitar gente fina, amigos do atelier, intelectuais de primeira"* (citado em D'Almeida, 2013: 479). Ou seja, por mais que o dispositivo montado procure contrariar a tendência instituída pelo sistema neoliberal, como este configura indiretamente as redes de sociabilidade, as desigualdades no poder aquisitivo acabaram por gerar uma ocupação social unidimensional e individualizada, onde a concretização da perspetiva pretendida e prevista pelo arquiteto fica fora do alcance do mesmo e do projeto: a aleatoriedade implícita à experiência da arquitetura demonstram-na autónoma do processo projetual.

Páginas anteriores

15. Planta de circulações do Plano Pormenor do Restelo, N. Teotónio Pereira, N. Portas e J. Paciência.

16. Maquete do Plano de Pormenor com indicação dos quarteirões desenvolvidos por N. Teotónio Pereira e Nuno Portas.

Neste contexto, compreende-se também que a habitação serve de base à existência de *cidade*, não só em termos funcionais, mas por constituir o elemento mais representativo, simbólico e integrante do imaginário coletivo. E *casa* como espaço-tempo que acolhe a dimensão privada revela-se essencial à figuração de uma dimensão pública, tornando-se por isso também, reveladora da constituição de *cidade*.

As imagens seguintes servem como exposição da marca arquitetónica da EPUL nos limites da área enquadrada no Plano de Pormenor do Restelo.

#### Páginas seguintes

17. Torre do Restelo, Rua Carlos Calisto.
18. Projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987), Rua Gonçalo Nunes.
19. Entrada individual para duplex no piso térreo do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987), Rua Gonçalo Nunes.
20. Projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987), Rua Diogo de Teive.
21. Entrada partilhada para duplex do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987), Rua Diogo de Silves.
22. Escadinhas do Alto do Restelo definidas no projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987).
23. Projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1987) e projeto de Nuno Leónidas (1992), vista das Escadinhas do Alto do Restelo.
24. Moradia que integra a fase do quarteirão-piloto do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1972-75), esquina Rua Pêro de Albuquerque com Rua Álvaro Esteves.
25. Piso térreo e galeria do quarteirão piloto do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1972-75), Rua Pêro de Albuquerque.
26. Traseiras de moradia integrante da fase do quarteirão piloto do projeto de N. Teotónio Pereira e Nuno Portas (1972-75), Rua António Raposo Tavares.
27. Projeto de Vitor Alberto (1982-86) arquiteto da EPUL, Rua João Dias.















# II. ANTÍTESE



*"A partir da habitação, teria o homem primitivo, transposto sua não menos primitiva "soleira", para apropriar-se do espaço em escala mais ampla. A outra margem de um rio, passa a fazer parte do espaço da habitação através de uma ponte.*

*(...) não são habitações, mas complementos, objetos complementares à habitação através dos quais o espaço da habitação se universaliza.*

*A cidade é uma casa.*

*A casa é uma cidade." (Artigas, 1969:17)*



# Experiência do Lugar

O monte: mais alto que a colina; menos extenso que a montanha. A elevação da rocha compõe o imaginário do lugar, mantendo-se aberto à interpretação e especulação, por um lado, e contrastante com o tecido urbano consolidado que o envolve, por outro. O lugar escolhido para o projeto representa neste contexto a possibilidade da experiência de liberdade, a manifestação do incerto a invadir o planeado - e como tal, inevitavelmente, convoca a atenção.

Da sua experiência, associam-se a perspectiva da cidade, os percursos desenhados, as representações imaginárias. O percurso pela R. Diogo de Silves é acompanhado por uma fachada de terra, dois pisos de altura, que dialoga com o observador entre irregularidades rochosas e a vegetação primitiva e indisciplinada (as raízes atrevem-se a corromper o alcatrão). A inclinação da rua culmina no ponto de interseção com a R. Alvisse Cadamosto, definindo o nível mais elevado da rua e do terreno. Os contornos amaciam-se na aproximação à R. Pedro de Sintra e anunciam a descida gradual e a possibilidade de ampliação da perspectiva. O olhar distende-se pelo terreno e abandona a referenciação da rua. A Rua Velho Cabral circunscreve a cota mais baixa, onde encontra o terreno, e aí temos finalmente a visão ampla sobre a totalidade.

Página anterior

28. Desenho contorno do monte

Páginas seguintes

29. Vista do monte a partir da rua Diogo de Silves

30. Vista do monte na rua Diogo Teive

31. Vista do monte no cruzamento da rua Diogo Teive com a rua Pedro Sintra.

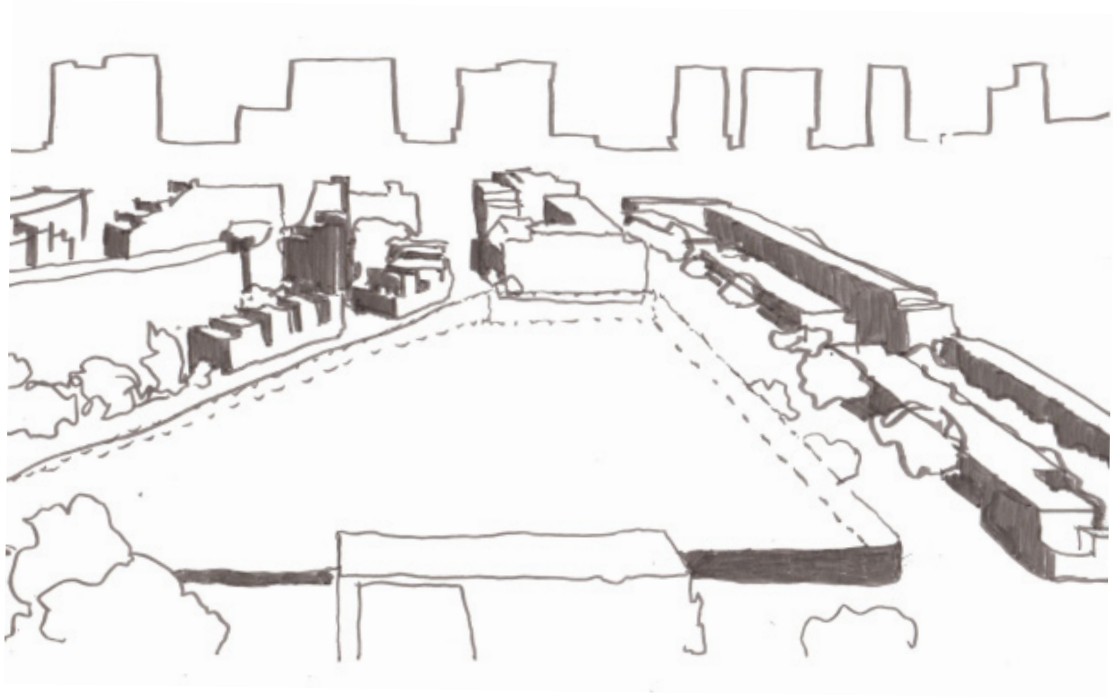
32. Ampla perspectiva do monte do ponto de vista da rua Gonçalo Velho Cabral

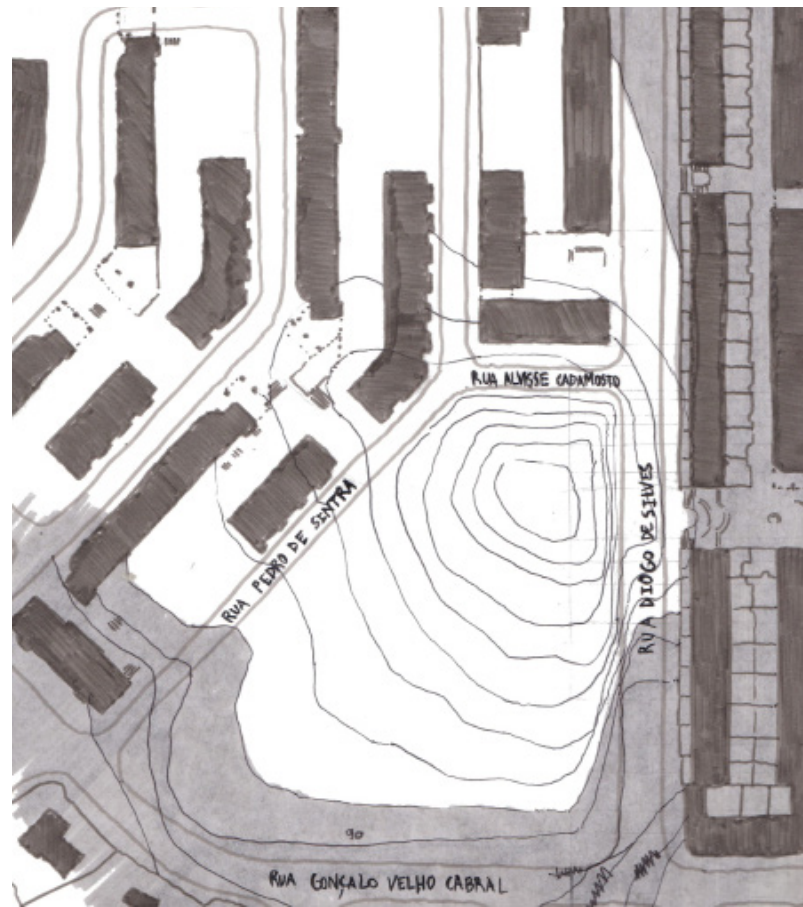
33. Perspetiva do terreno e respetivo contexto

34. Planta com indicação de ruas









A imaginação, desafiada fatalmente pela possibilidade de esculpir o maciço pré-existente do monte, explora a possibilidade especulativa do contexto, para lá da motivação ideológica que determina um ideal de relação do indivíduo com a cidade. Procura-se uma compreensão da forma e especula-se sobre a respetiva constituição, de modo a contrariar a especulação imobiliária. Desenvolvem-se interrogações, sobre as estruturas justas para protagonizar o espaço público, na vivência da casa e do bairro.

A visão intrigante de Ricardo Bofill opõe-se ao universalismo das cidades funcionalistas e higienizadas e articula a complexidade do espaço com o repositório temporal. Parte-se da representação da *City in Space*, em 1970, (projetada numa reação ao pensamento de Le Corbusier, onde os arquitetos pretendem afirmar que a cidade não tem uma forma específica), remetendo para uma conjugação infinita de formas e regras geométricas, que aliava a densidade inerente à cidade ao grande espaço comum que a comunica. Embora não tenha sido concretizado, torna-se desde logo cenário base dos projetos de habitação coletiva, como o *Wadden 7* (1975) e o *Bairro Gaudi* (1968), que materializam dispositivos arquitetónicos, ideologicamente mais aproximados a uma alternativa de cidade.

Página seguinte

35. Ilustração do projeto *City in Space*.

36. Ilustração do projeto *City in Space*.



A vontade de evitar o projeto que emerge da aparente ordem estabelecida conduz a um nível intermédio de abstração da realidade, ambicionando uma perspetiva menos contaminada pela celebração da modernidade que circunscreve o lugar. Assim, o processo parte da apropriação de formas arquitetónicas existentes, cuja base ideológica é homóloga à aqui defendida, e cujo redesenho das mesmas sustentará o estudo das primeiras possibilidades de projeto.

O projeto *Wadden 7* (1975) do R. Bofill valoriza a dimensão pública dos espaços que relacionam as células habitacionais, o que reflete o propósito de explorar os espaços de transição. A inserção deste projeto na área de intervenção em causa adapta-se à escala e perceção do lugar, incorporando os princípios da densidade e diversidade inerentes ao projeto original através do enquadramento de áreas abertas e porosas com o desencontro de volumes, na organização labiríntica e aparentemente desordenada, no desenho da galeria como continuação da rua, mas também como estabelecadora de relações de confronto com a vizinhança (contrária à distribuição em banda) circundando um centro exterior mas envolvido no ambiente doméstico.

Páginas seguintes

37. O princípio da densidade é evidente no projeto *Wadden 7*.

38. Implantação de projeto com base nos princípios do projeto *Wadden 7*.







O projeto de habitação social *Centre Village* (2010) dos 5468796 Architecture e Cohlmeier Architecture Limited resulta do objetivo de combater a escassez de habitações a preços acessíveis e nesse sentido é idealizada uma estrutura espacial que possibilita a inserção de 25 habitações, numa área em que era prevista apenas a construção de seis residências unifamiliares. A busca por uma relação entre as habitações e os espaços exteriores coletivos, definindo o limite do construído e do vazio, segundo a imperativa densidade, é fundamental na montagem do projeto e na exploração do sentido de pertença associado à vivência da cidade histórica. Assim, privilegia-se o desejo de articulação entre os edifícios e a dimensão pública, favorecendo o caráter de encontro e permanência dos espaços comuns resultantes.

A liberdade de experimentação da inserção urbana oferece ao desenho da casa um sentido de continuidade e, também por isso, de desprendimento formal. A ideia de cidade e de casa vêm-se relacionadas e o foco assenta na flexibilidade e adaptabilidade, priorizando a domesticidade da experiência da casa e dos momentos transitórios entre o privado e o coletivo..

[Página anterior](#)

39. Implantação de projeto com base nos princípios do projeto *Centre Village*.

[Página seguinte](#)

40. Relação entre as habitações e os espaços exteriores gerados.

41. A publicidade da rua no projeto *Centre Village*.





# A Casa

Quando o Homem habita o espaço define-o. O espaço é, então definido pelo habitar e não pelo objeto por si. Esta definição baseia-se na contínua interiorização e exteriorização do indivíduo, estabelecendo ou não relações. A casa é a conceção de espaços percebida pelo Homem como lugar da sua existência, dos seus hábitos. Assim, entrelaçam-se reciprocamente o Homem, o quotidiano e a casa.

O desenho da habitação reconhece assim o seu papel como inconcluso no que a casa acaba por se tornar.



Página anterior

42. Galeria projeto *Wadden 7*

43. Galeria projeto *Wadden 7*

Página seguinte

44. Apropriação de varanda no projeto *Bairro Gaudí*

Este princípio figura a busca de um habitar que represente diversidade cultural, social e económica, contrariando as casas "*para pessoas abstratas (...) que têm (ou deveriam ter) determinadas características*" (Guerra, 1994), e necessariamente, a adaptabilidade se torna vocação para a habitação coletiva. Ou seja, a flexibilidade do espaço doméstico permite e promove a apropriação pelos seus habitantes, podendo reinventá-lo e conferir-lhe a identidade própria e única "*daquela casa*". O carácter adaptável da habitação revela a neutralidade em que os limites, a hierarquização e o uso são definidos de acordo com o *habitar* (que se difunde na diversidade): a metamorfose da casa admite a base, a mudança e o desejo de quem a habita.

O conceito de flexibilidade surge como oposição ao dispositivo arquitectónico radicalmente definido e inalterável do modernismo, procurando reforçar-se a ideia de que a arquitetura apenas se concretiza no ato de habitar, e que isso representa condição necessária à coexistência de grupos tão diversos no mesmo edifício. Deve entender-se a ideia de participação e apropriação intrínseca ao habitar como componente básica do propósito da casa.

Página seguinte

45. Estudo do projeto de Habitação Social de Alvenaria (2013), do fala atelier. Através da criação de um módulo pretendia permitir que as habitações se desenvolvessem de uma forma interativa.



4 modulos

2 modulos



As transformações dos modos de habitar dependem da heterogeneidade de famílias e/ou grupos, e de outros fatores socioeconômicos, e a casa deverá alcançar a disponibilidade para materializar as adaptações às necessidades e mudanças do(s) indivíduo(s).

A idealização de uma habitação flexível, que possibilite liberdade na configuração do interior doméstico, não se atribui aqui a um capricho inerente ao desígnio de *open space*, mas fundamenta-se naquilo que este princípio pode representar enquanto modelo mais inclusivo e mais econômico; e também, na forma como estimula o envolvimento no projeto por parte do(s) morador(es), o que potencialmente, poderá gerar maior sentido de pertença.



46. A casa na *Quinta Monroy* (2004), Chile, projeto evolutivo de autoria de Alejandro Aravena.

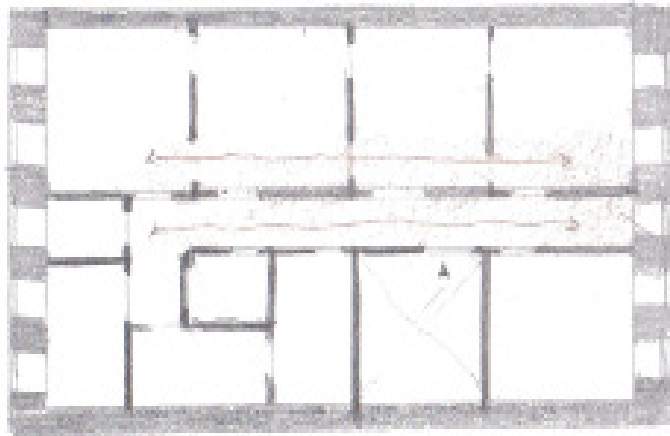
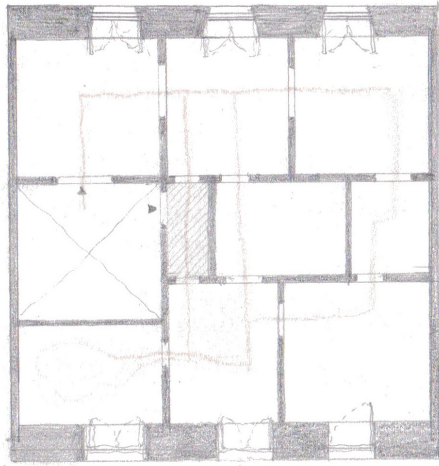
Página seguinte

47. A base do projeto *Quinta Monroy* (2004), Chile.

48. A evolução na *Quinta Monroy* (2004), Chile.



As aproximações preliminares ao arquétipo da casa pretendiam extrair da exploração da forma a elementar definição dos espaços interiores, idealizando uma base que pudesse conduzir a um traçado tipológico evolutivo. Desde logo, convoca-se como referência a organização da casa pombalina, porque pese embora esta remeta para apropriações burguesas e dimensões excêntricas, incorpora na sua configuração uma relativa indeterminação funcional dos espaços e a potencial livre circulação entre os mesmos, assentes (não-paradoxalmente) numa definição espacial rígida: cada área, apesar da clara definição, parece poder servir distintas atividades. A flexibilidade do *tipo* pombalino tem como base a *"ideia de garantir diferentes possibilidades de uso e de apropriação no interior doméstico, sem a alteração física da sua estrutura configuracional"* (FARIAS). Assim, a ocupação de *espaços não especializados* gera múltiplas variantes e relações.

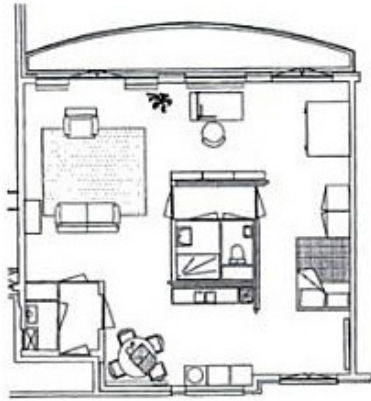


A correlação entre as conformações da arquitetura e a ação potencial que sobre estas se objetivam alimenta a procura pela estrutura adaptável e desencadeia um percurso pelos referentes, na busca pela matriz física da flexibilidade. A pretexto do projeto de habitação coletiva *Dapperbuurt* (1989), em Amsterdão, os arquitetos M. Dunker e M. van der Torre desenvolvem uma exploração sobre a produção de habitação que compreende os limites da habitação convencional e as possibilidades do sistema de transformação das divisões, ao encerrar ou abrir os espaços, dando sentido ao processo de adaptação e apropriação da casa.

A conceptualização da casa adota esta interpretação e evita a experiência estanque e funcional. A flexibilidade prevê a multiplicidade de configurações sustentada numa estrutura atemporal, que assume novas formas de convivência: a modelação do espaço concentra-se nos núcleos determinantes que incorporam as infraestruturas técnicas e que constituem simultaneamente os elementos de maior complexidade construtiva presentes na agregação do conjunto. Assim, a casa configura-se com base na idealização do núcleo infraestrutural, com principal destaque o da cozinha.

Página seguinte

50. Estudo de possibilidades de apropriação no projeto de habitação coletiva *Dapperbuurt*





# A Cozinha

Paricio e Sust referem a cozinha como resistente à "*experiência da nossa singularidade*" que atribui às restantes divisões da casa no habitar contemporâneo. Assim, identificam esta como o único espaço que é verdadeiramente partilhado, atuando como um elemento congregador da casa, perpetuando o seu carácter doméstico. O autor retrata o momento de confecção como estrutura de suporte do sistema coletivo da habitação que se constitui como "*espaço social*", o único que é comum a todos. A intenção do núcleo como elemento em torno do qual se circula deixa de fazer sentido ao restringir o espaço da cozinha ao interior da habitação, o que tenderia para a redução da atividade da cozinha, ao invés de assumir a necessária relevância que esta representa no espaço familiar e de encontro.

Mantendo-se como peça central da matriz da casa, compreendendo um módulo de pequenas dimensões (2,40x2,40 metros), o elemento *cozinha* é rodado a 60º e aproxima-se da fachada, para possibilitar a extensão das convivências domésticas para o exterior, mas também para conformar pelo seu particular posicionamento uma área complementar (de *marquise*), a qual poderá acolher a diversidade (ampla) de atividades que acontece na sua esfera.

Página anterior

51. Projeto fotográfico *Maria, José e menino* procura representar e construir uma narrativa sobre a *domesticidade* associada à *casa*, numa casa de família de classe média em Barretos, São Paulo.

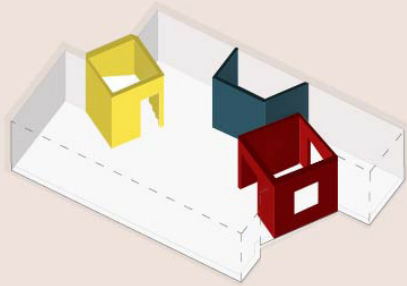
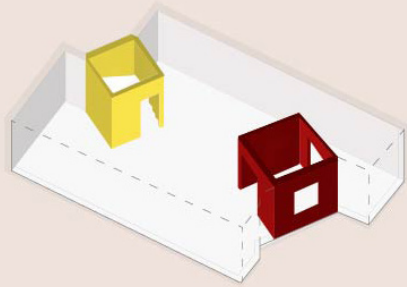
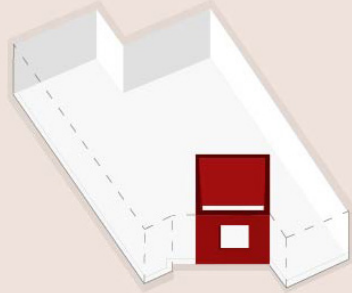
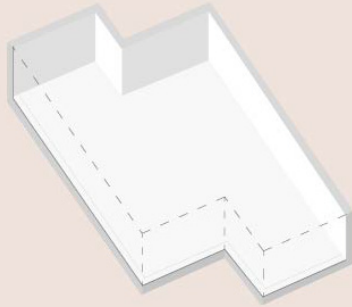
# Casa - tipo

Observa-se que a deslocação do núcleo da cozinha para a fachada poderá destacar-se e ser o ponto facilitador de uma relação positiva com a vivência no interior do quarteirão, convocando-se como referência neste âmbito as dinâmicas de interiores de quarteirão e pátios encenadas na filmografia *neorrealista italiana*, manifesto da intenção de valorizar esse espaço comum partilhado e contribuir para respetivas interações.

A configuração simples do espaço e a não imposição de limites físicos afirmativos abre-se a uma relativa adaptabilidade, permitindo pela sua disposição geométrica a potencial criação de compartimentos autónomos, para além de se imaginar mais económica e simples para apropriações diversificadas. Assim, a compartimentação é sugerida pela configuração da casa e pela relação com a disposição das aberturas na fachada, desenvolvendo-se a circulação intersticial a partir do posicionamento e inter-relação entre núcleos. A proposta de um núcleo oposto à posição do núcleo da cozinha (em planta) procura definir uma repartição natural do espaço e introduz variação tipológica, ao permitir inscrever um elemento de circulação vertical. Nesse caso, a proposta da alternativa em duplex acaba por reforçar a convicção de que uma diversidade tipológica potencial será mais um fator a contribuir para a ocupação por pessoas diferentes.

Páginas seguintes

52. Representação da evolução do pensamento do espaço da casa, expondo de forma simplificada as alterações dos núcleos e da conseqüente relação com o exterior.



Com o vetor da rentabilidade fatalmente associado à densificação da cidade, isto não deixa de influenciar o próprio projeto das casas: o piso intermédio, ou complementar, vem inscrever-se verticalmente entre duas habitações com núcleos em pisos intercalados, pertencendo por defeito metade da área a cada uma dessas habitações, mas de tal forma que também essa definição se apresenta como negociável. Por defeito, esse piso tem dois compartimentos sugeridos, com uma instalação sanitária a separá-los.

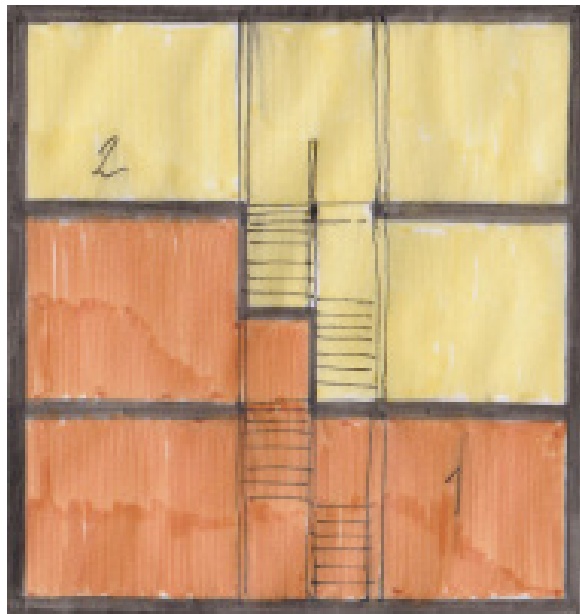
A casa-tipo consiste então numa habitação com 70m<sup>2</sup> no piso de entrada e 40m<sup>2</sup> nos pisos superior ou inferior, respetivamente. A partir da conceção do tipo-base estabelece-se um conjunto de variantes correspondentes aos pisos inferiores, dois simplex de 75 e 80m<sup>2</sup>. De modo a perpetuar a continuidade volumétrica, o núcleo de escadas dos fogos em duplex, como elemento de destaque na fachada, mantém-se nos simplex a reentrância e materialidade do núcleo, originando no interior das habitações o pretexto para uma maior compartimentação do espaço e se necessário, a criação de mais uma divisão de área mínima.

Páginas seguintes

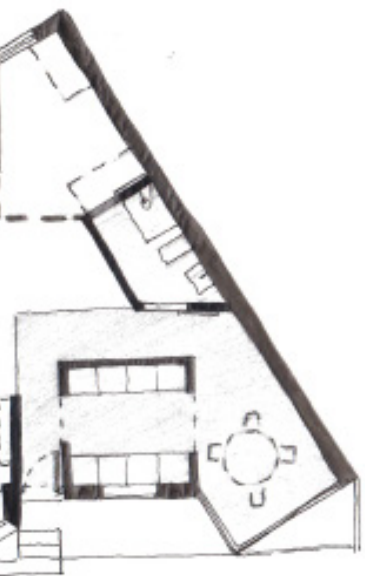
53. Corte de relação entre dois duplex, expondo o piso partilhado entre ambos.

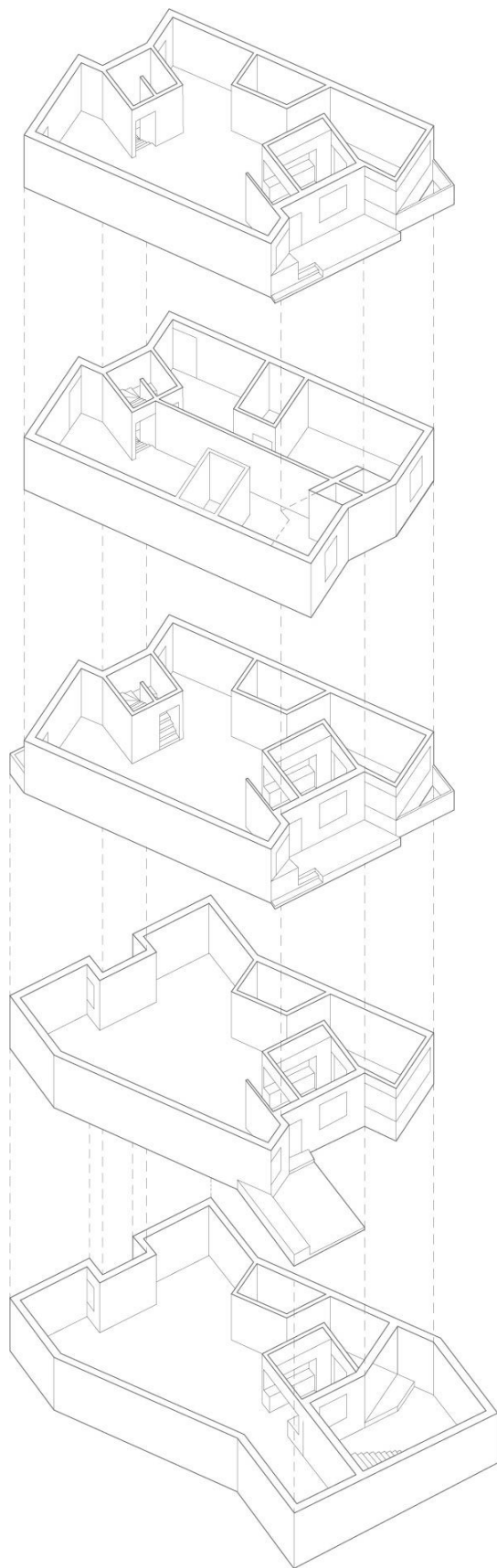
54. Estudo das possibilidades de apropriação do espaço desenhado.

55. Agregação vertical constituída por dois simplex na base e dois duplex que assentam sobre a mesm.

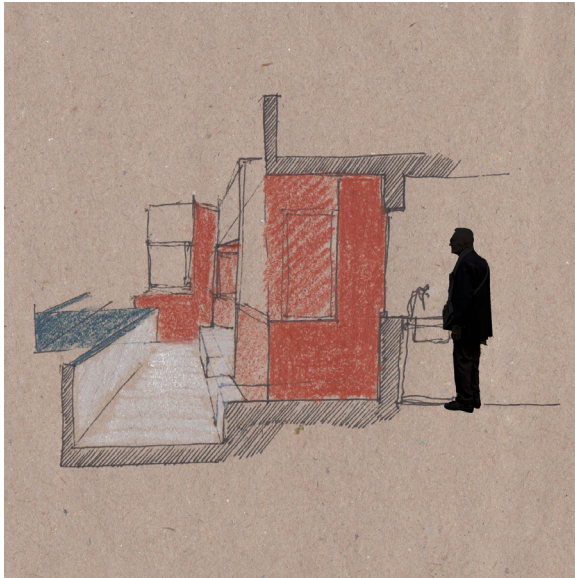












# Agregação I

O posicionamento dos núcleos da cozinha e da escada que intersectam a fachada definem-se como elementos definidores da interligação entre pisos, não só pelos requisitos técnicos, mas pela valorização da cozinha como espaço social da casa. Entendido tal desígnio celebrativo, evidenciam-se as faces dos núcleos através de um paralelismo à rua adjacente, por contraponto com uma complementar orientação da restante casa: estes núcleos contribuem para a modelação *facial* das fachadas principais, enquanto a restante estrutura fica orientada a 60º em relação à rua, reconhecendo-se assim uma sugestão de vista preferencial, efectiva ou intuída, para sul, na direcção do rio.

A ideia de promover as interações no interior do quarteirão é mediada pela constituição formal do projeto, que procura de diferentes formas gerir as apropriações e extensões do espaço privado para o espaço coletivo. O dispositivo do duplex otimiza a economia distributiva, sendo que as conexões tendem a acontecer ao longo do piso de entrada, alternadamente no piso 1 ou no piso 3, no espaço de permanência e encontro da galeria. O desenho da galeria adapta-se aos momentos de distribuição, pretendendo conferir-se ao espaço de entrada um carácter transitório entre o domínio público e o privado, intensificado pela elevação do plano de entrada em relação à cota da galeria.

Páginas seguintes

56. Relação da cozinha com o patamar de transição e e galeria.

57. Galeria do Bloco das Águas Livres, de N. Teofónio Pereira e B. Costa Cabral.

Os pisos inferiores, piso 0 e -1, perpetuam a ideia de muro reminiscente do aterro (conservando-se um certo carácter provocatório face à envolvente). Determinam-se enquanto constituintes de um embasamento rígido e aparentemente cego, de modo a privilegiar o acesso ao conjunto pelo interior do quarteirão. Este plinto tem uma orientação regular, paralela à rua, que se diferencia da figuração e materialização dos pisos superiores. Conforma-se igualmente, como se explica, reconhecendo as variações altimétricas do "monte" face ao declive da rua, em cada ponto: longitudinalmente existe uma variação de 6 metros e transversalmente, entre o exterior e interior do quarteirão, uma diferença de 3 metros.

Os acessos às habitações simplex realizam-se de maneira distinta, mas segundo o mesmo fundamento de evidenciar o momento de entrada como extensão da casa e, por semelhança à moradia isolada, manter o sentido de propriedade da área de entrada, preservando-se a possibilidade de manifestação da individualidade no coletivo. À cota dos idealizados *pátios coletivos*, nos pisos térreos no interior do quarteirão, acedem-se a patamares de nível, ligeiramente elevados em relação ao piso vegetal, que comunicam, por um lado, para um espaço de entrada e, por outro, para umas escadas singulares, que por sua vez asseguram a conexão a um pátio exterior privado, a partilhar entre a cozinha e a área doméstica tendencialmente comum.

Páginas seguintes

58. Fachada para rua Diogo de Silves.

59. Ilustração resultante do projeto de Nicolas Moulin *VIDERPARIS* em que aos vestígios de vida social estão completamente ausentes.

60. A fachada do monte.





# Agregação I I

O bairro da Bouça, conceptualmente integrado no SAAL<sup>8</sup> (Serviço Ambulatório de Apoio Local), apresenta-se como objeto de estudo indispensável pela relevância que representa enquanto intervenção transformadora da cidade. Surge como resultado do processo de realojamento dos residentes dos bairros operários do Porto, as chamadas ilhas<sup>9</sup>, considerando manter os habitantes no centro da cidade (contrariando-se assim uma dita gentrificação). O projeto teve como base ideológica a criação de habitação condigna, tentando preservar características tipo-morfológicas das ilhas, consideradas vitais para a vida em comunidade: facilitada pela alta densidade e conseqüente proximidade entre casas, gerava-se uma expansão do ambiente doméstico para a rua. A conceção do edifício em banda permitiu conciliar a vontade de manter a essência social das ilhas com a vertente de otimização económica, garantida através da menor ocupação do solo e da concentração de infraestruturas.

8. SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) foi um programa tñha como objetivo colmatar as necessidades habitacionais de populações desfavorecidas em Portugal após o regime ditatorial.

9. O conceito de *ilha* surgiu na cidade do Porto e tem como base a noção de bairro num tipo de bairro industrial reproduzido na cidade.

---

Página seguinte

61. Bairro da Bouça, Porto.

62. Bairro da Bouça, Porto.

63. Bairro da Bouça, Porto.



A interpretação socialista de Siza Vieira é objeto de estudo não só enquanto premissa formal do dispositivo arquitetónico, mas principalmente pela possibilidade de contribuir para uma constituição identitária da cidade. Apoiando-se na ideia do espaço público como suporte da constituição simbólica e representativa da cidade do projeto do Porto, enuncia-se a agregação horizontal em banda, em que o posicionamento das bandas paralelas entre si cria espaços intersticiais, que poderão transcender a mera operacionalidade da circulação. No tom provocatório que se viria a tornar comum, como resultado da investigação relativa ao papel político que o suporte espacial pode representar, define-se enquanto fachada principal a face exposta ao interior do quarteirão.





Um tal protagonismo conferido ao interior do quarteirão (anti burguês, se considerarmos a valência deste tipo de interioridade na constituição pré-moderna de muitos dos bairros lisboetas), resgata na estrutura social do quarteirão italiano um sentido coletivo associado à arquitetura. Também o projeto *Copromo*, de São Paulo, configura um modelo que promove sucessivas interações e confrontos de vizinhança, ao agrupar quatro habitações por piso, formando um "U" aligeirado, comunicantes através da galeria, potenciando contactos mais próximos; a agregação vertical em cinco pisos compõe um segundo nível de vivência 'por bloco'; e por último uma rede de conexões por zonamento, fortalece o sentido coletivo do bairro. A fachada de acesso aos fogos reclama um estatuto de dimensão pública, representando o lugar transitório entre o coletivo e o individual, onde a composição física e simbólica da galeria se deve compreender como sugestão direta de apropriação, tornando-se lugar de interação entre as habitações, entre pisos e entre os blocos. Esta referência motivou uma reflexão sobre a comunicação entre o todo e as partes e atende a uma hierarquia de interações, que deriva entre núcleos de vizinhança promovidos no espaço da galeria, do bloco e do todo intercomunicante, como espaço público.

Página anterior

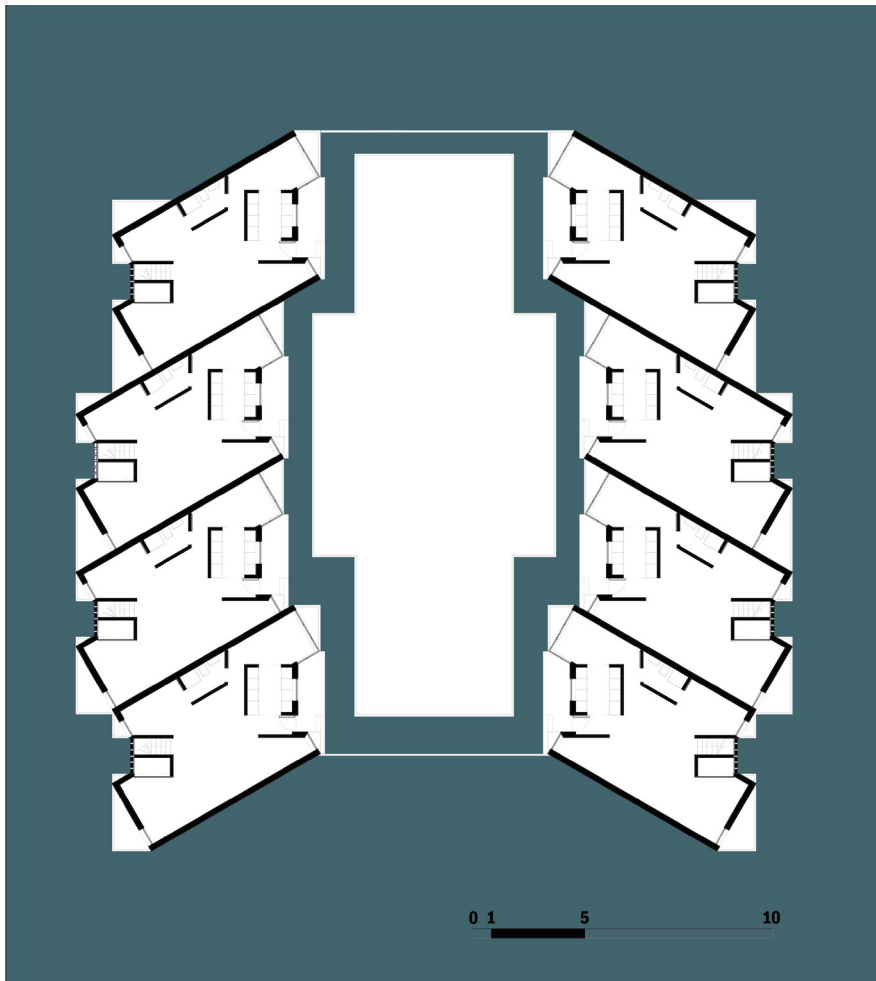
64. Galeria do Copromo lugar de interação entre as partes.

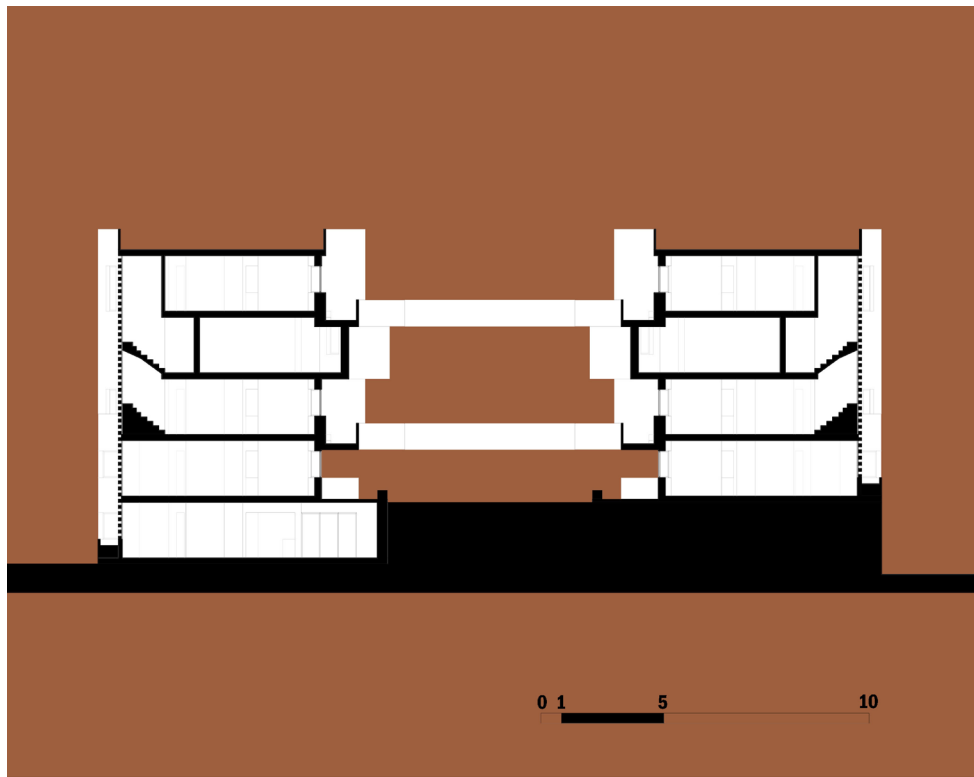
65. Piso tipo do projeto Copromo

Páginas seguintes

66. Planta do bloco tipo constituído.

67. Corte transversal que reflete a reflexão sobre a comunicação promovida pela definição de um núcleo central





Perante estas interpretações do interior do quarteirão (apontadas comumente à condição de *fraseiras* do edificado), a composição horizontal do bloco articula duas bandas, cada uma com quatro habitações, relacionadas por galeria em torno de um espaço central. Ao contrário do projeto *Copromo*, o núcleo de acessos não se encontra a meio desta composição, mas adjacente à mesma, de modo a facilitar a agregação entre blocos, promovendo momentos de encontro. Os blocos desenvolvem-se verticalmente ao longo de cinco pisos, tentando suportar a multiplicidade de relações e uma imprevisibilidade de comportamentos, sem comprometer um papel de continuidade e um reconhecimento (relativo) do carácter do bairro, na cidade.

A imersão no mundo ideológico de R. Bofill viria também a resultar no aprofundamento da galeria como elemento de encontro e potenciador de ligações visuais, tal como viria a promover o desígnio de aproximar os cidadãos à cidade e evidenciar a provocação e o contraditório face à condição de isolamento voluntário que a habitação moderna promove, como derradeiro refúgio. À semelhança do *Wadden 7*, que através da galeria contorna um centro comum, e o *Barrio Gaudi*, que explora a dimensão física e social da circulação horizontal, resultando em espaços libertados para diversas apropriações, idealiza-se também aqui a extensão da casa para o exterior por meio da galeria, quando esta muda de largura e gera desencontros nodosos, reforçando o estabelecimento de relações de vizinhança. Também a

elevação de 45cm do patamar no acesso a cada habitação confere a este espaço de transição relativa ambivalência, entre a contiguidade ao comum e a sensação de se tornar parte integrante da casa.



Página anterior

68. A densidade e diversidade do projeto Bairro Gaudi resulta em planos de cobertura que acolhem a dimensão pública da comunidade que o habita.



Assim, a problematização a pretexto da constituição das circulações horizontais não se resume ao acesso à habitação, mas distende-se ao âmbito das relações que as ruas e as praças possibilitam, procurando-se a abertura e a comunicação à cidade, evitando-se também por isso a elevação do elemento da galeria a mais de três pisos do plano do chão da cidade. O vazio desenhado pela galeria insere-se numa métrica de três quadrados, sendo os dois menores de 8,5x8,5 metros e o maior de 13x13 metros. A centralidade dos acessos determina um ponto de quebra e de simultânea abertura à envolvente, ou seja, sinaliza o lugar onde o edifício se torna mais poroso à relação com o exterior: concilia-se a dimensão pública da passagem com o momento de entrada e acolhimento do edifício. A intenção é complementada pelas relações visuais estabelecidas e pelo atravessamento transversal (aproximadamente) de nível que secciona todo o conjunto edificado, sendo perceptível na composição e na distribuição interna do conjunto, como complemento à austeridade de circunscrição já referida, refletida no embasamento.

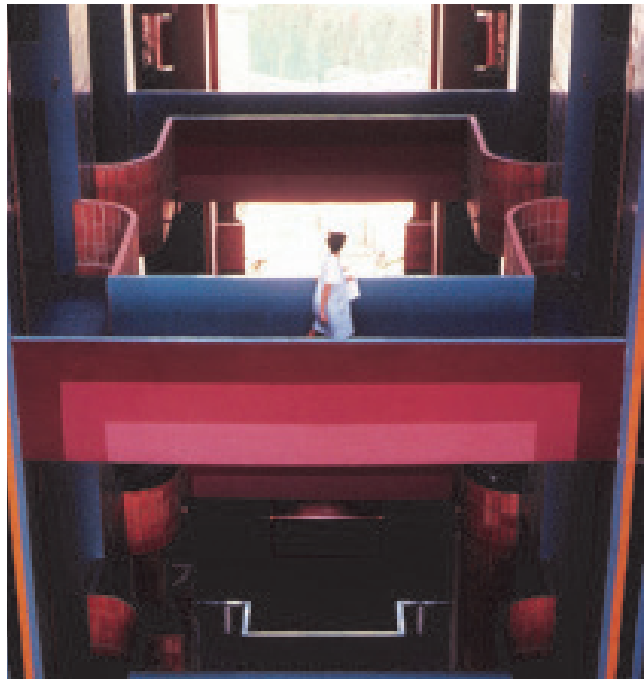
Página anterior

69. Perspetiva do espaço de entrada da habitação, enquadrando a relação entre a galeria, o patamar de transição e os espaços interiores da cozinha e *marquise*.

Páginas seguintes

70. Espaço central de acessos do projeto *Wadden 7*, em torno do qual se posicionam as entradas para as habitações.

71. Acessos comuns do projeto das Torres dos Olivais Sul, de N. Teorónio Pereira.





A constituição de um lugar que pertence à cidade como o *bairro da Bouça* retrata um processo natural da *cidade* e é, enfim, o referencial objetivado. Tal como no caso da Bouça, o projeto configura-se por bandas paralelas (senão divergentes, no volume que se ajusta à forma trapezoidal do lote), representativas da abertura à cidade criando espaços de pátio comuns, rematadas a sul por edifícios de uso misto para fomentar o sentido de comunidade e encontro, bem como uma maior sustentabilidade do bairro e complementaridade no usufruto da habitação. A espessa parede que encerra o espaço exterior comum no projeto de Siza Vieira, embora surja como imposição da existência da linha de comboio e contrarie o ideal de abertura, também motiva a vivência coletiva característica deste bairro. Através do reconhecimento desse sistema, procura também neste caso motivar-se o desenvolvimento de uma base comunitária, desconstruindo-se a existência e fazendo-se a apropriação do monte segundo espaços de pátio em níveis diferentes, sucessivamente interligados.

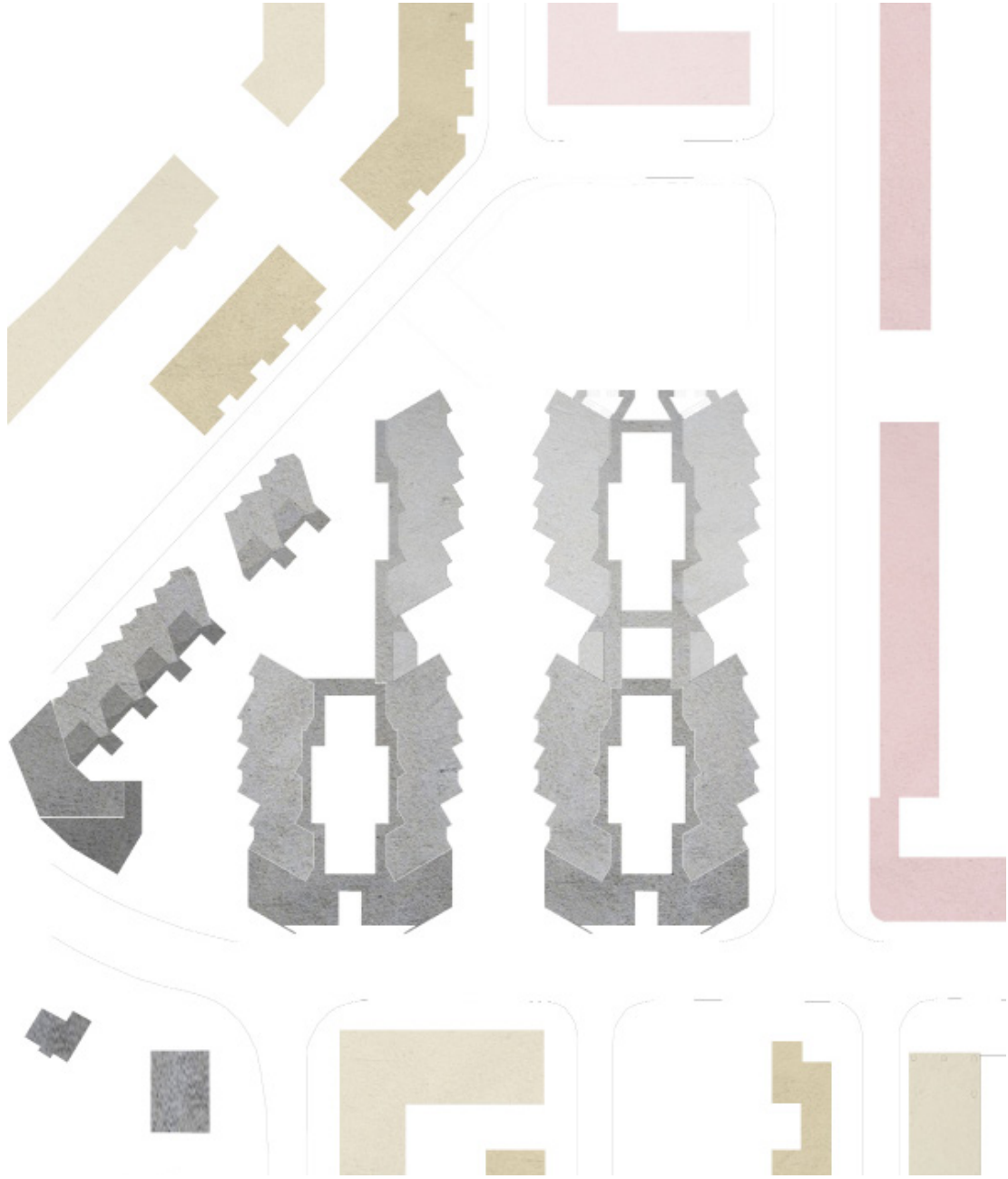
Os elementos que surgem como complemento ao edifício de habitação coletiva e que fazem parte do mesmo, como a vertente de comércio/serviços que se mostrou pertinente e enriquecedor para o projeto. Identifica-se como requisito legal em novas construções a conceção de estacionamento servidor do edifício.

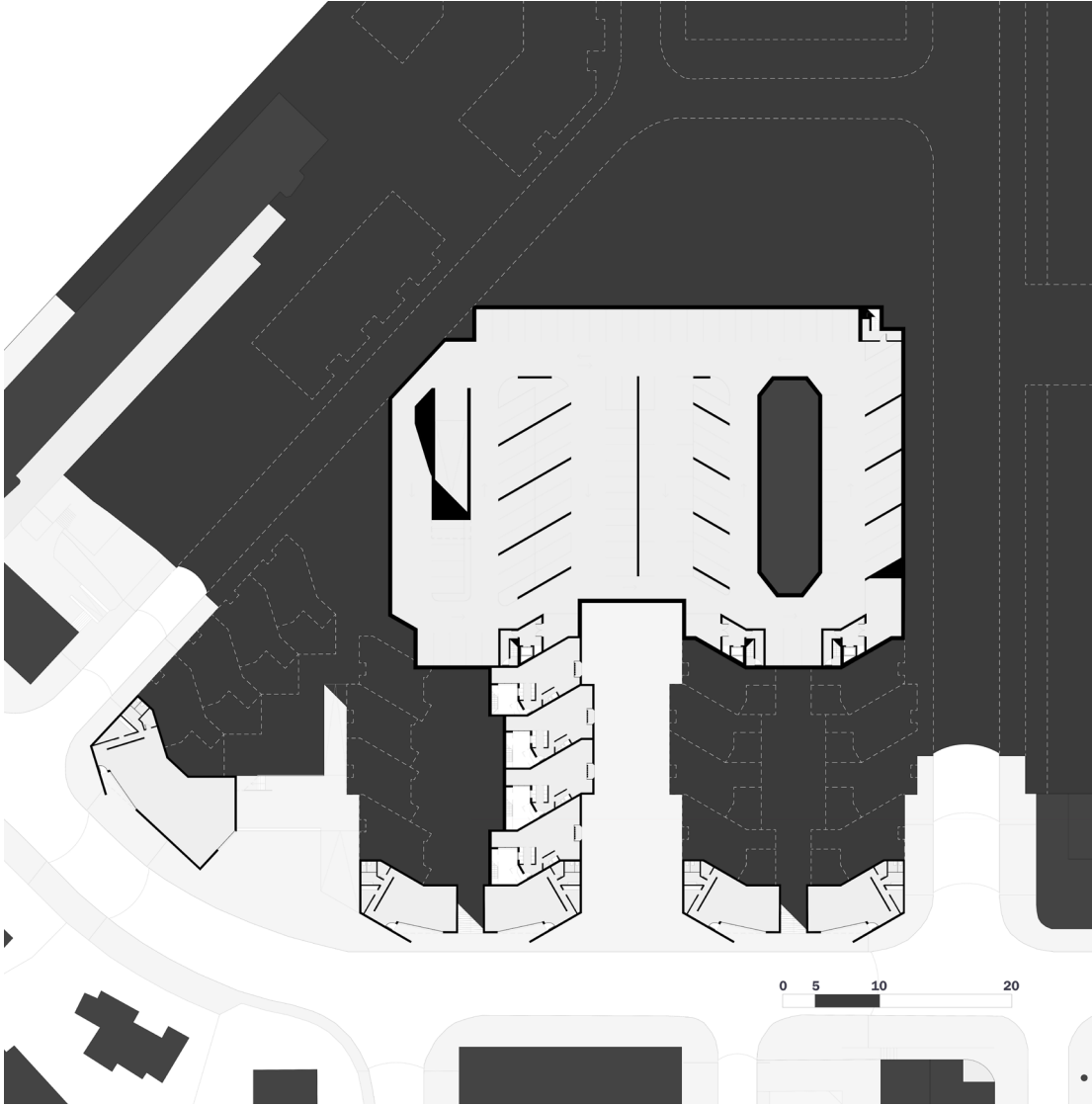
Páginas seguintes

72. Planta de implantação do projeto idealizado.

73. Planta piso tipo do projeto à cota +95.50m.

74. Planta piso do projeto à cota +98.50m.





Considerando a imposição da existência do estacionamento regulamentada, foi desenhado um estacionamento (com 116 lugares) subterrâneo integrado com a restante proposta, verificando a sua possibilidade. Contudo, a base ideológica que serve o projeto, a bem da sustentabilidade, de contrariar a sobrevalorização económica da habitação e do impacto social da exclusão da rua do momento de entrada na casa, recusa o estacionamento, contrariando o privilégio do carro na cidade.

Página anterior

75. Planta à cota +89.50m que considera a demonstra a possibilidade de criação de estacionamento, de acordo com os requisitos legais.

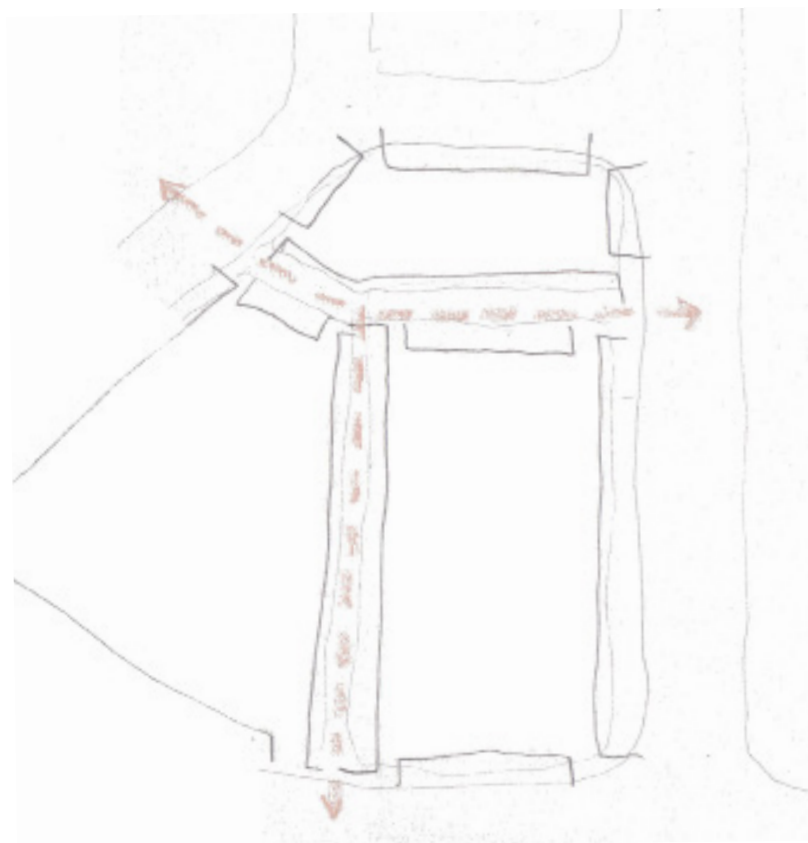


## *O Monte*

A presença do monte na cidade é integrada com o artifício arquitetónico, contrariando-se a condição de lugar estático, ao preservar a sua especificidade no interior do universo construído. O edifício destaca-se assim provocatório – por força dessa opção – pela liberdade simbólica que esse compromisso acaba por revelar no reconhecimento da condição prévia do baldio, naquilo que representa enquanto descontinuidade (ao homogéneo urbano).

O carácter de terreno baldio é fundamental na caracterização dos pátios comuns, que adquirem uma ambiência particular, com a idealização de hortas urbanas como meio de aproveitamento do terreno permeável, e mais uma vez, também promotor do ambicionado sentido de comunidade. O interior de quarteirão imagina-se então como um plano, ou uma rede sistémica, onde as atividades domésticas particulares convergem com potenciais ações coletivas em prol de um desígnio comum.

Nesta perspetiva da produção do espaço, recusa-se a cobertura modernista de Le Corbusier, onde o espaço era pré-determinado pelo arquiteto (e pelo programa prévio) o âmbito específico de cada uso comum, o que neste caso inclui a plataforma a sul a potenciar o sistema de vistas, naquilo que se aproxima da génese dos miradouros que refletem a abertura para a cidade. (Jesus, 2016).



Desde uma figuração inicial, emerge uma divisão tripartida do terreno original, gerada pela definição de um atravessamento subentendido no tecido confinante e que estabelece ligação entre as “escadinhas do Alto do Restelo” e o espaço público anexo à R. Pedro de Sintra. Este alinhamento correlaciona lugares de carácter semelhante, representando espaços de passagem e encontro, o que contribui para uma ideia de continuidade no percurso entre edifícios. Assim, a repartição resulta em duas áreas, a sul da passagem, que acolhem o conjunto habitacional rematado por espaços de uso misto, e uma outra área que incorpora as cotas mais elevadas do terreno, a norte da passagem, que conserva a permeabilidade que o caracteriza. O aparente abandono do topo do terreno a uma condição de não-intervenção é intencional, servindo para expor a sua natureza, conservando-se permeável e arborizado, de modo a suportar uma multiplicidade de comportamentos indeterminados, não normativos, e assim contribuir para o aumento do tempo vivido e para a constituição da cidade, negando a fuga à mesma.

Página anterior

77. A divisão tripartida que surge nos momentos interpretativos iniciais.

Página anterior

78. Perspetiva do monte para nascente

79. Vista do monte para norte.

80. Vista do monte para nascente, alcançando a ponte 25 de Abril e o rio Tejo.

81. Ampla perspetiva para sul sobre o rio Tejo.







## Considerações finais

O argumento iniciou-se com a referência ao "lugar neutro que é de todos e de ninguém" representativo da importância que a *casa* tem na constituição de *cidade*, assim como o inverso. A reflexão sobre esta relação simbiótica terá sido o mote que motivou a elaboração deste trabalho, mas também o desejo de desconstruir uma ideia de que a cidade estaria presa numa impossibilidade de se construir e sustentar a ela própria, alienada de interações das quais dependem os seus valores base (históricos).

O recuar aos princípios da modernidade serviu como expositor das ausências simbólicas e identitárias a que a *cidade* e a *casa* têm sido submetidas e o impacto desse domínio sobre o nosso comportamento. Assim, associou-se por completo a vontade pessoal à urgência universal de recuperar a organicidade da experiência urbana e da casa.

Ao entender que este processo não se resume apenas a questões da ordem da produção material da arquitetura, identifica-se que os princípios urbanos são subservientes ao sistema capitalista e, por isso, promovem não só uma separação física de classes, mas uma clara divisão de funções que preserva o sagrado tempo *útil*, predeterminando o tempo vivido. O afastamento do indivíduo à *cidade* e a formatação do quotidiano do trabalhador retratam, então, a impressão do capital na morfologia urbana e a dessincronização com a aleatoriedade da cidade antiga.

Apresentando o processo de produção do espaço condicionado pela lógica liberal, constata-se que este configura um problema político derivado das transformações nas redes de sociabilidade e evidência de distâncias e desigualdades. Contraria-se este modelo, defendendo a manifestação da democracia no espaço da cidade e defendendo-se a tradução material desta enquanto possibilidade de imaginação de dispositivos que promovem a interseção e a reunião, uma reapropriação da participação e do recreativo, assente na exaltação de uma vida urbana densa e verdadeiramente participada.

Assim, enuncia-se que a *falta cidade* constitui um problema social, político, económico e de sustentabilidade, uma afirmação que manifesta a ausência de resposta ao lugar de estabelecimento de relações que a cidade deverá ser.

Admitindo a impossibilidade de um dispositivo arquitetónico oferecer resposta, por si só, à tendência instituída pelo sistema neoliberal, mas compreendendo o seu potencial indicativo de domínio de possibilidades, idealiza-se o projeto em tom provocatório e experimental, anti sistémico, com base em perspetivas semelhantes entretanto concretizadas.

Considera-se que a flexibilidade do espaço doméstico representa a condição necessária à coexistência de uma maior diversidade cultural e social de indivíduos e que tal contribuirá para a existência da necessária dimensão pública complementar à dimensão privada e, por isso, mais reveladora da constituição plena de cidade.

O raciocínio projetual da agregação tem como premissa a valorização do interior do quarteirão, identificando na estrutura social do *quarteirão povero italiano* (*neorealismo*) um sentido coletivo idealizado, que na associação à arquitetura informa "as traseiras" como espaço protagonista, em torno do qual uma hipotética dramaturgia urbana se poderá desenvolver. Este espaço adquire o sentido de pátio comum, ajustando-se também à preexistência do monte e a um sentido de baldio ou descontinuidade urbana, que abriga a experiência de liberdade no meio do espaço disciplinarmente organizado.

A cidade imagina-se assim, somatório das expressões individuais e coletivas da liberdade.



# Bibliografia

Artigas, Vilanova. (1969). Duas residências. Acropole, n.368. Acesso em 13 nov. 2019. Disponível em: <http://acropole.fau.usp.br/edicao/368>

Becker, Annette et al. (org.). (1997). Portugal: Arquitectura do século XX (1ª edição). Preste. Munique.

Bento D'Almeida, Patrícia. (2013). Bairro(s) do Restelo. Panorama urbanístico e arquitetónico. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, Portugal.

Brenner, Neil. (2016). Seria o «urbanismo tático» uma alternativa ao urbanismo neoliberal?. e-metropolis. n. 27 ano 7. Acesso em 16 mai. 2020. Disponível em: [http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo\\_pdfs/000/000/201/original/emetropolis27\\_capa.pdf?1485998522](http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/201/original/emetropolis27_capa.pdf?1485998522)

Castells, Manuel. (1976). Lutas Urbanas e Poder Político (1ª edição). Cidade em questão 5 confronto. Porto.

Cruz, Leandro de Sousa. (2014). Utopia e pragmatismo em cinco propostas de habitação de interesse social no Brasil(1992-2012). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia. Salvador, Brasil.

FARIAS, Hugo. (2014, Setembro). Repensar a Habitação Contemporânea: Flexibilidade, adaptabilidade, ambiguidade funcional e desierarquização do espaço doméstico. Comunicação apresentada no 3º Colóquio de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design – Portugal Brasil – Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa e Faculdade de Arquitectura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Lisboa.

García, Andreia. (2008). Arquitectura e cinema, Jacques Tati e Le Corbusier, diálogos sobre o modernismo. Faculdade de Engenharia, Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal.

GUERRA, Isabel. (1994). As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas. Sociedade e Território, nº20, p, 11-26

Harvey, David. (2013, novembro 23). O direito à cidade. Esquerda Net. Acesso em 24 mai 2020. Disponível em <https://www.esquerda.net/artigo/o-direito-%C3%A0-cidade-por-david-harvey/30344>

Jacobs, Jane. (2011). Morte e Vida de Grandes Cidades (3ª edição). Martins Fontes. São Paulo.

Jesus, Daniel (2016), A Cidade que nos Adormece. Ed. Sustenta - Laboratório de Projeto Sustentável (CIAUD/FA-ULisboa). pp.127-137.

Mendes, Luís. (2017). Gentrificação, financeirização e produção capitalista do espaço urbano. Cadernos Poder Local. n.8 (número temático Habitação: Questão Nacional, Direito Constitucional, o Papel do Estado). Acesso em 5 abr 2020. Disponível em <http://revista-poderlocal.pt/index.php/a-revista/edicoes/artigo?id=130&i=PT.PODERLOCAL.C.8.7>

Pereira, Nuno Teotónio (2005). Arquitectura e cidadania. Quimera Editores, Lisboa.

Sá, Teresa (org.). (2019). Houses for whom? Between the habitat and the inhabiting, on Henry Lefebvre's quest | Congresso Internacional "Cultura y Ciudad". Granada.

Tostões, Ana (coord.). (2008). 1º Congresso Nacional de Arquitectura: relatório da Comissão Executiva, Teses, Conclusões e votos do Congresso. Ordem dos Arquitectos. Lisboa.

## F i l m o g r a f i a

Bradley, Patrick. (2011, dezembro 16). Cumbernauld, Town for Tomorrow [Ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://youtube.com/watch?v=ty6hKOYCDs0&feature=youtu.be>

Gonçalves, Ricardo (Realizador) e Até ao Fim do Mundo (Produção). (2017). Atelier d'Arquitetura. Arquitetura Social: A Pantera Cor-de-Rosa [Ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://rtp.pt/play/p5644/e451056/atelier-arquitetura>

Moretti, N. (Realizador), & Barbagallo, A. (Produtor). (1999). Querido diário [Filme]. Lisboa: Atalanta Filmes

Reabi(li)tar. (2013, dezembro 2). A Casa e a Cidade. A Cidade em Debate. [Ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://youtube.com/watch?v=gTlucB8v-6o>

Reabi(li)tar. (2013, dezembro 9). A Casa e a Cidade. A Cidade depois da Cidade. [Ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://youtube.com/watch?v=Qr9iricEaaU&t=849s>

Reabi(li)tar. (2013, novembro 11). A Casa e a Cidade. O Bairro. [Ficheiro em vídeo]. Disponível em [https://youtube.com/watch?v=W0bLb\\_eA-N4](https://youtube.com/watch?v=W0bLb_eA-N4)

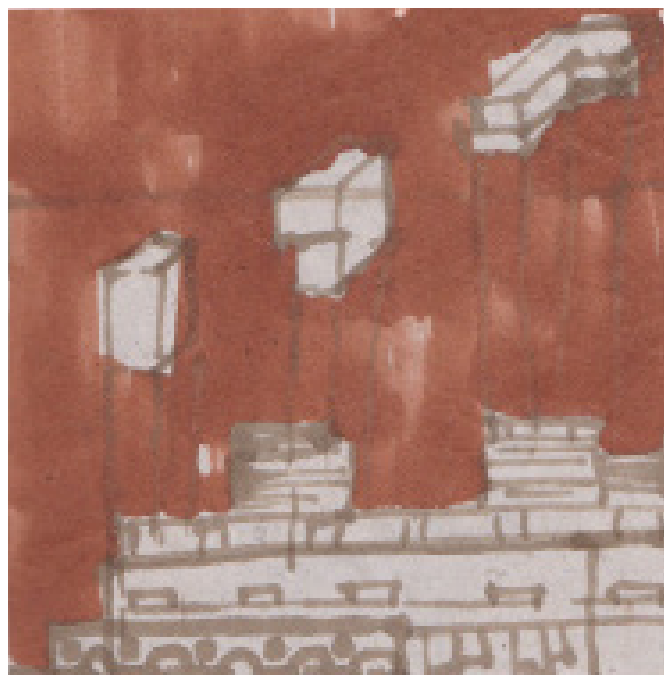
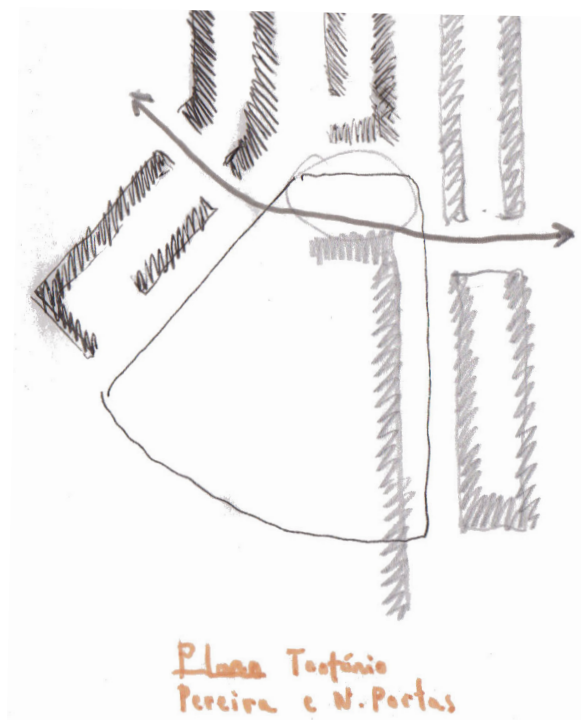
Reabi(li)tar. (2013, dezembro 16)). Paredes Meias. [Ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://youtube.com/watch?v=M7ZYok4hTeU&list=PLdCnvQu7zMhCeB7K2aYZGsnML-B70hya7q&index=12&t=0s>

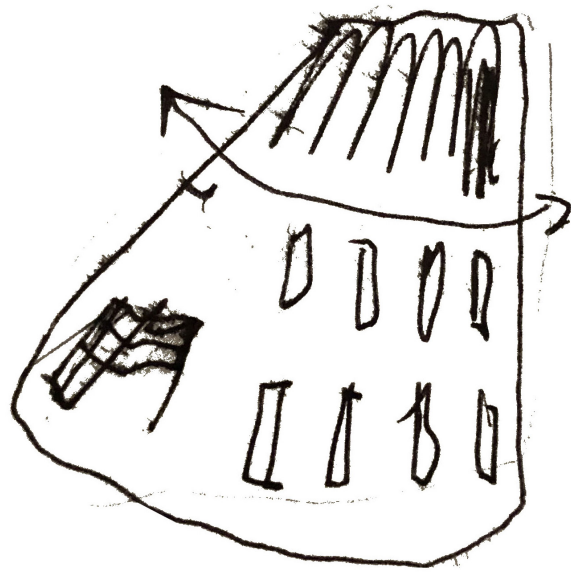
Tati, Jacques (Realizado e produtor) e Dolivet, Louis (Produtor). (1958). Mon Oncle [Ficheiro em vídeo]. Disponível em <https://rtp.pt/play/>



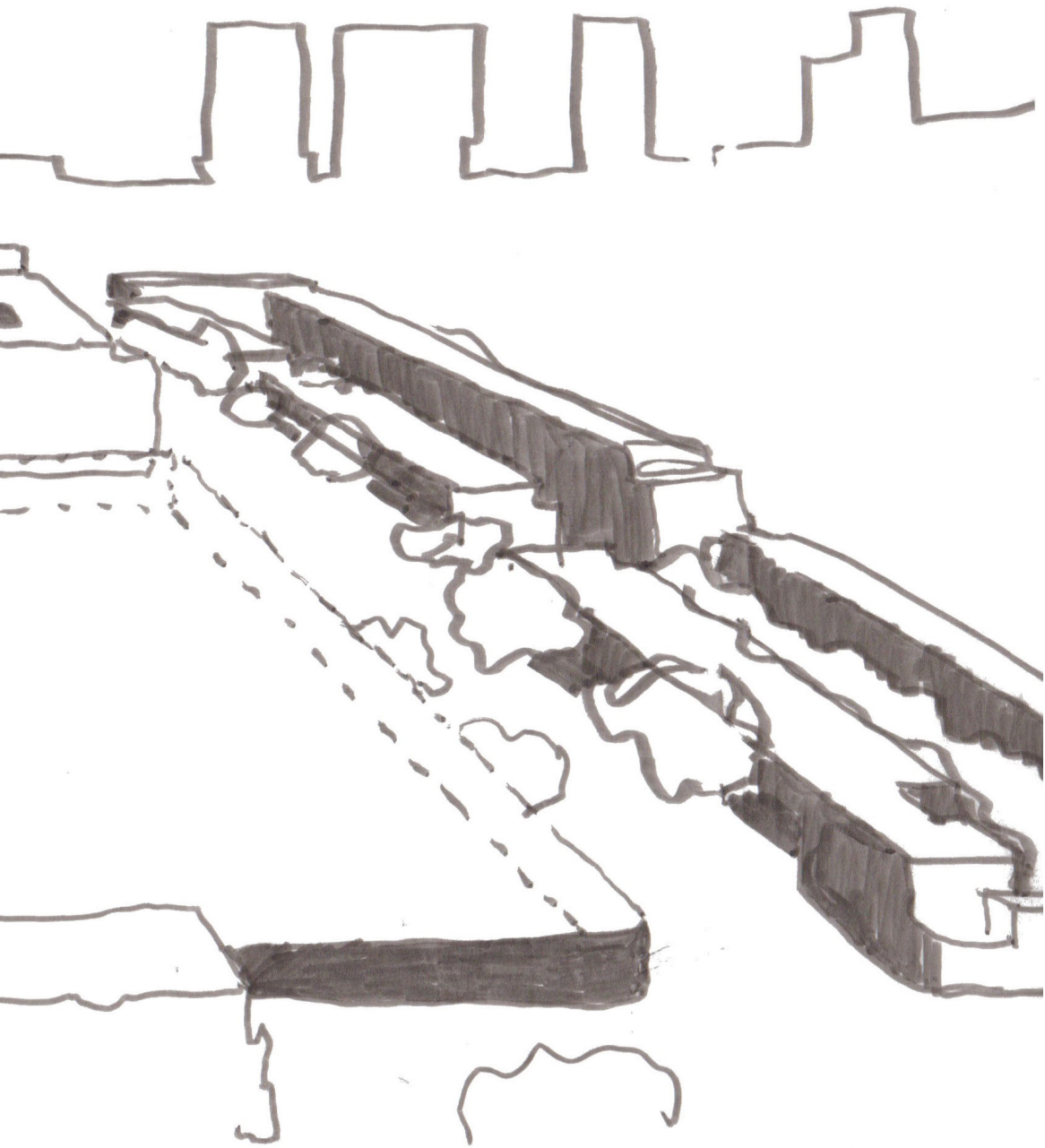
# Anexos

Processo - Interpretações do lugar



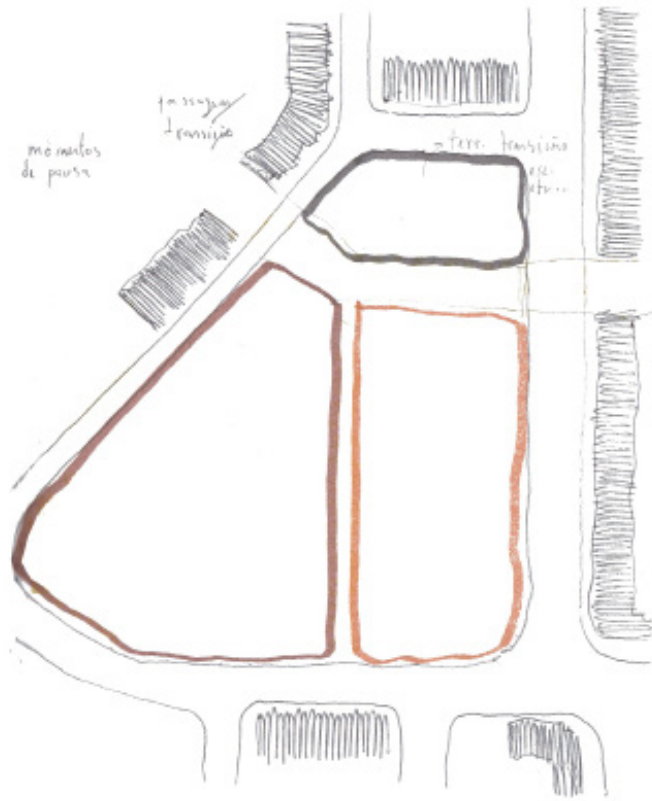


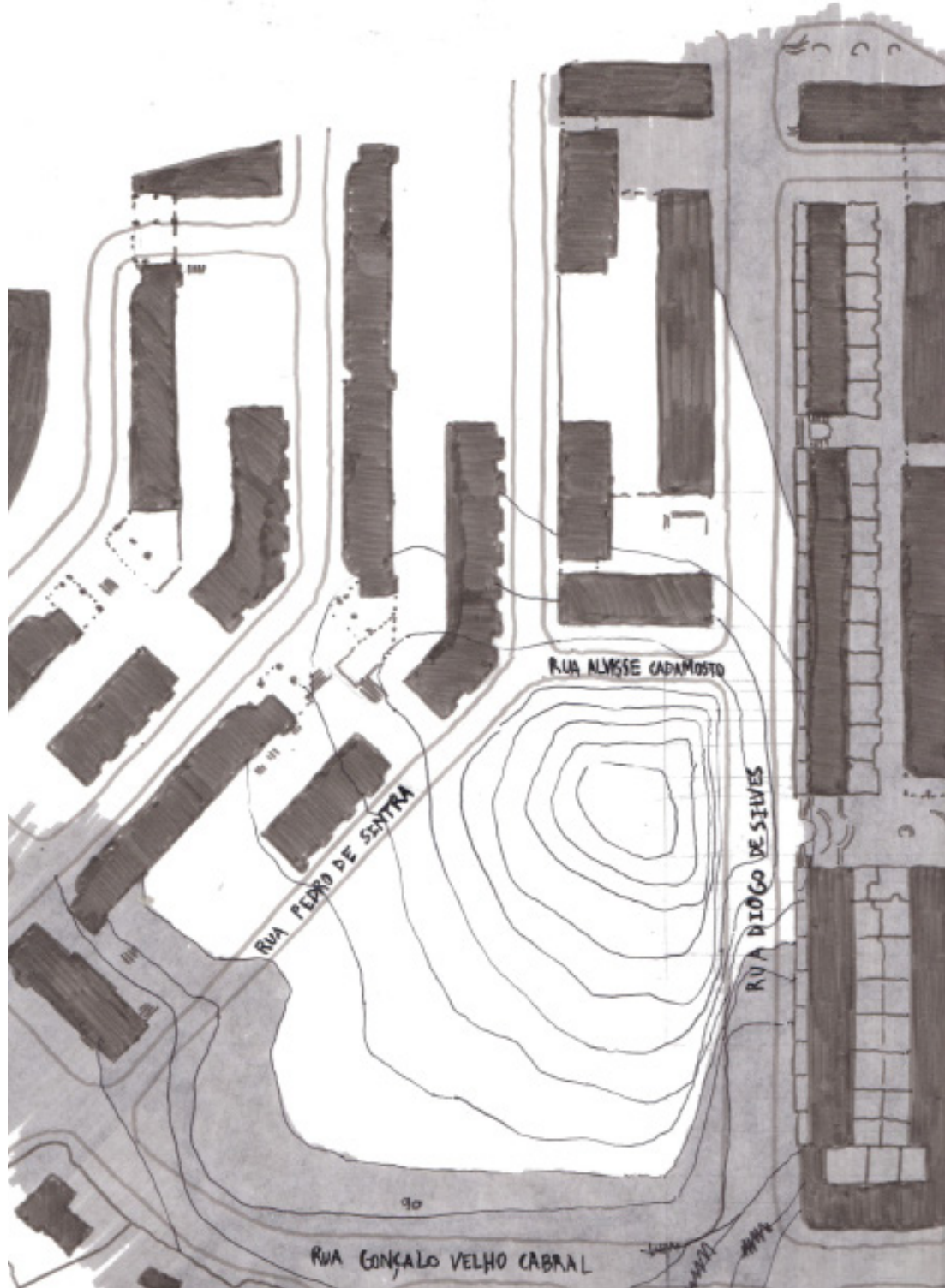


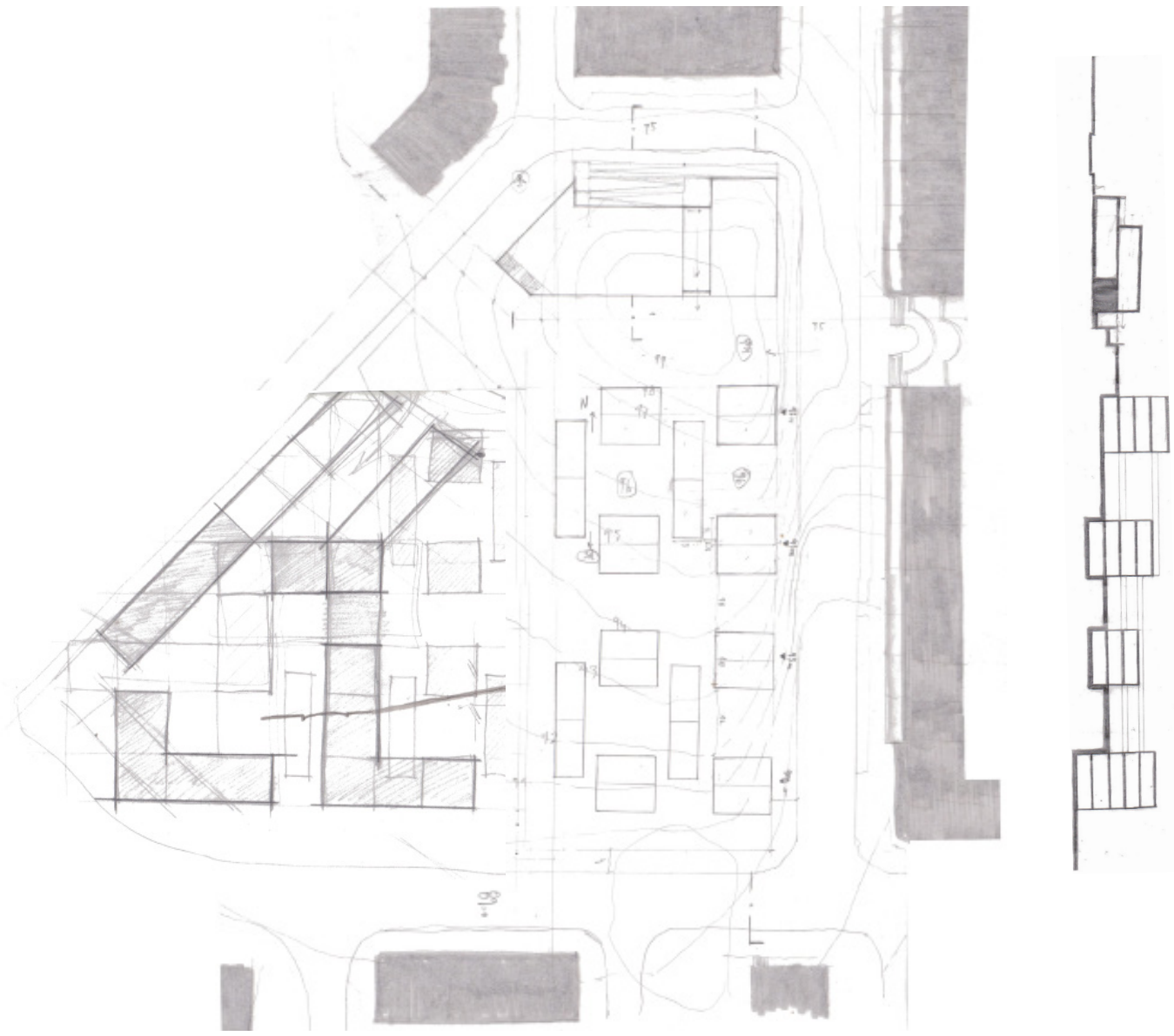


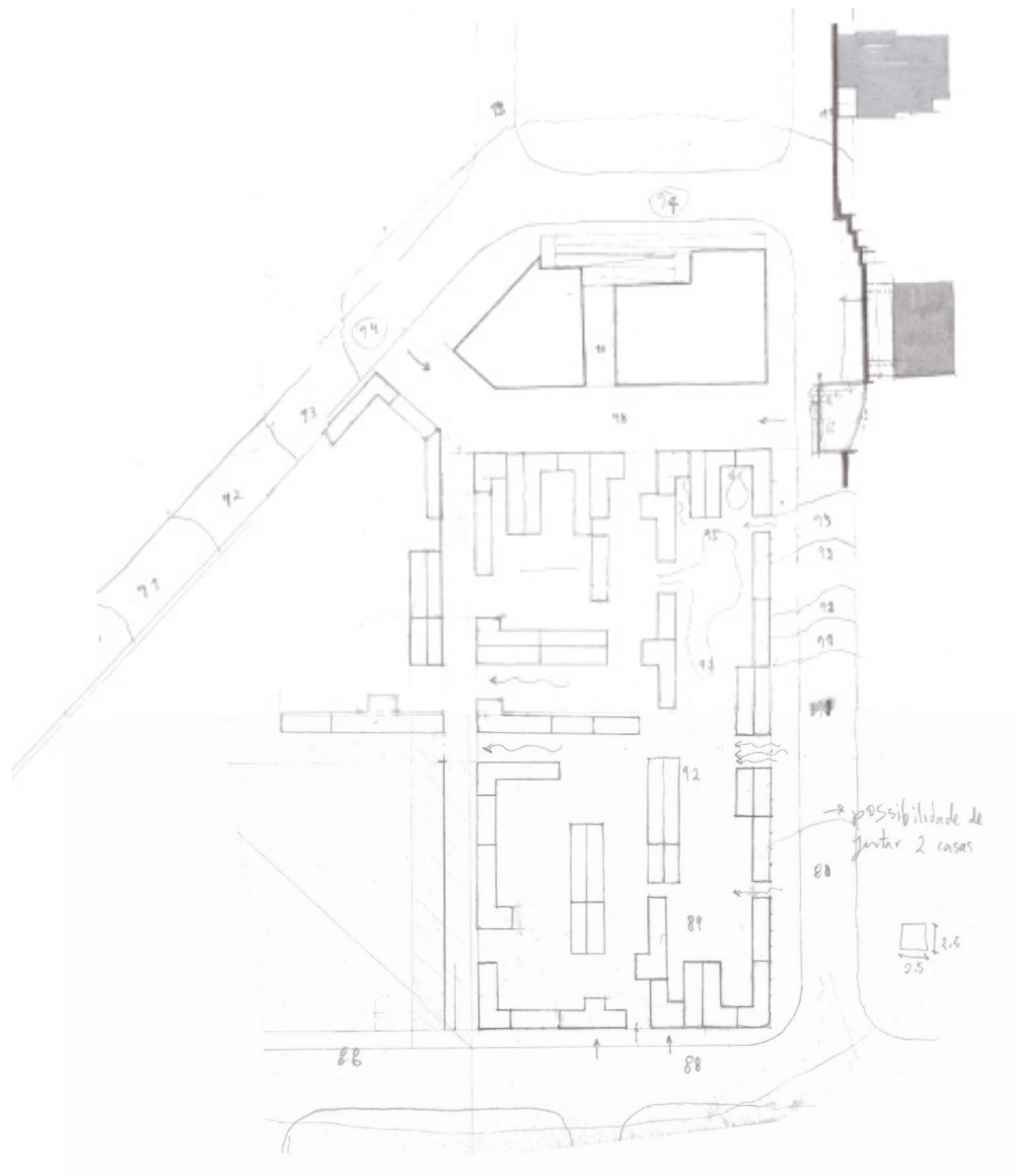


M A I O • N O T E R R E N S

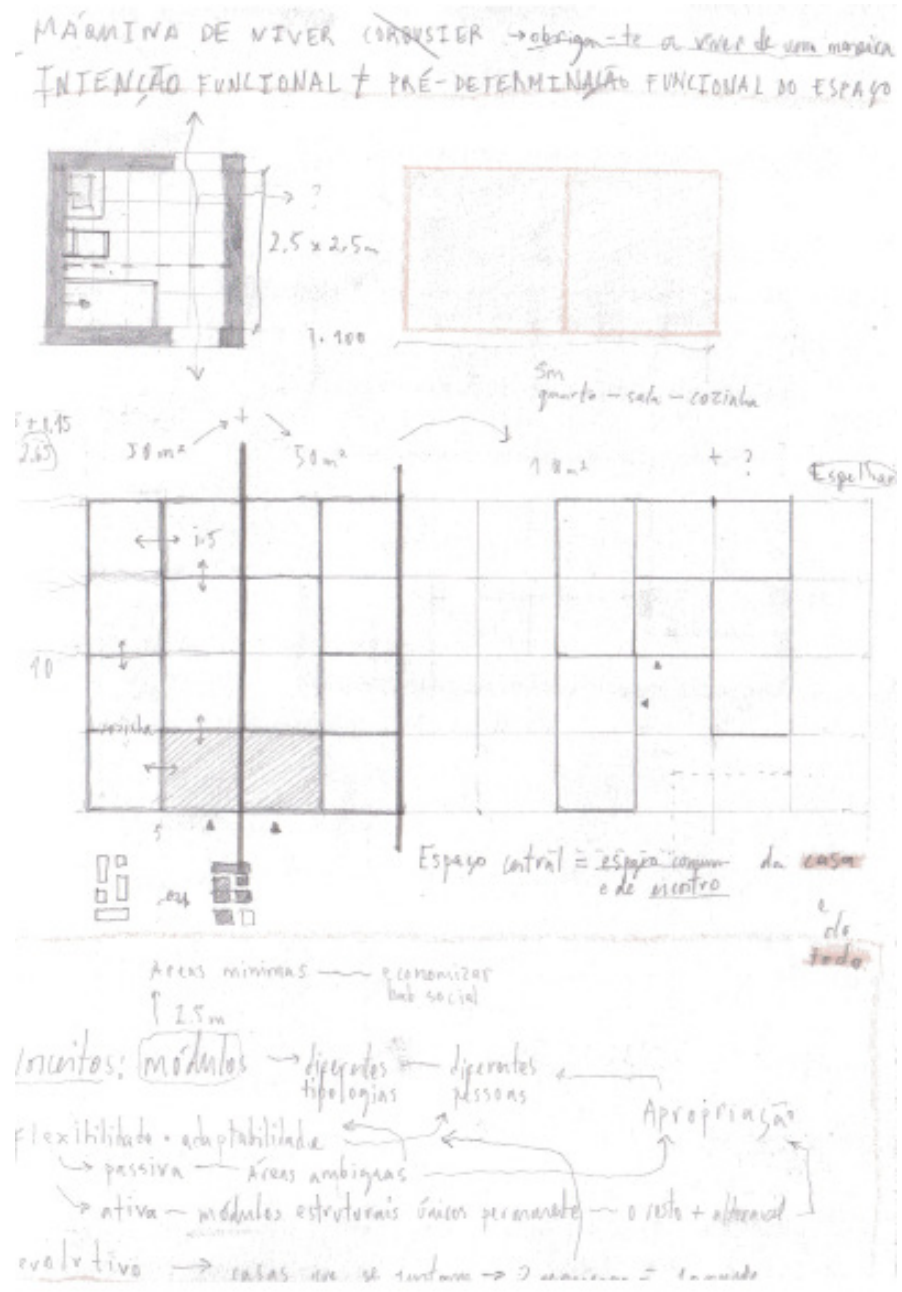


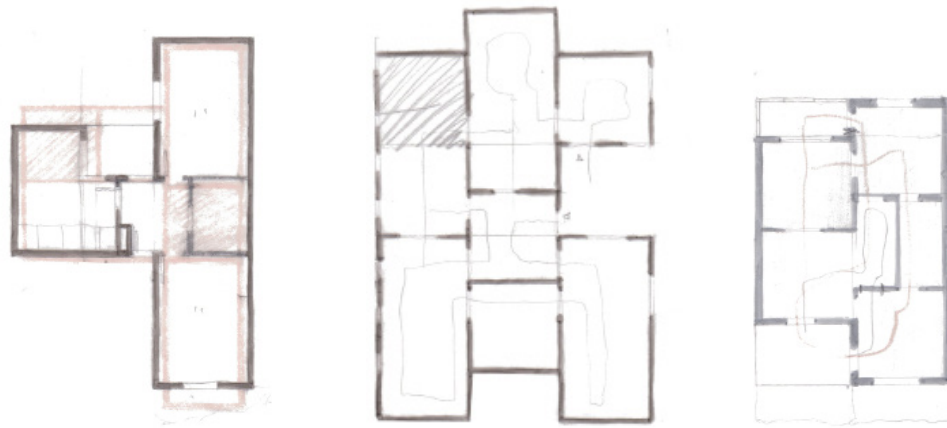


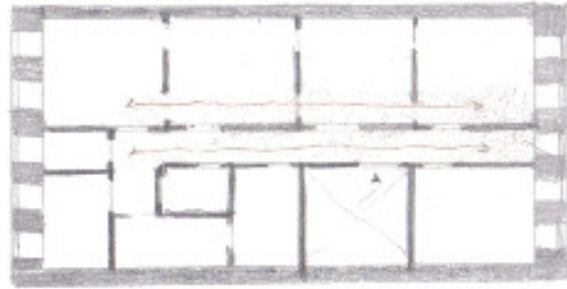




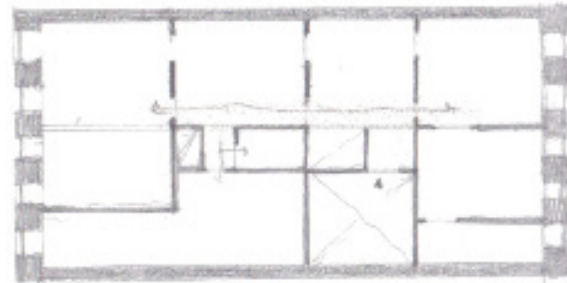
Processo - Estudo tipológico com base nos princípios da flexibilidade e densidade



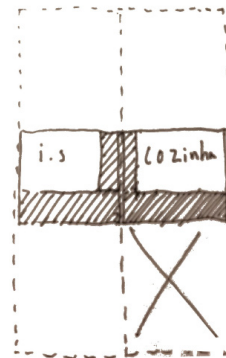
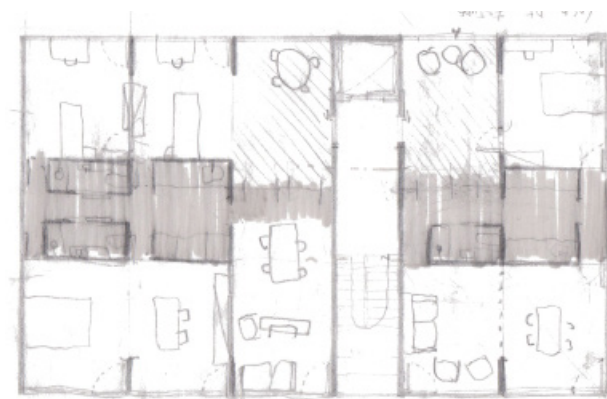


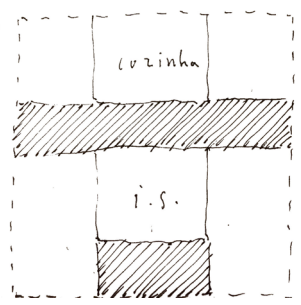
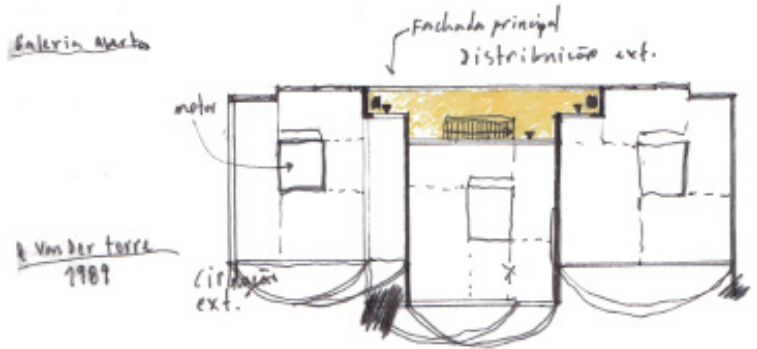
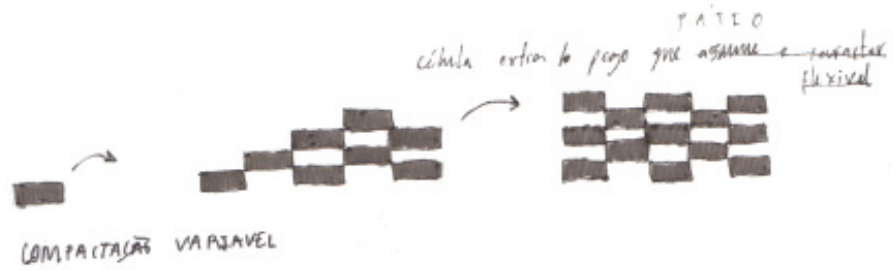


circunfer

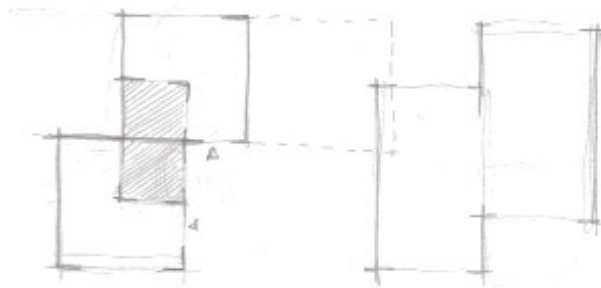
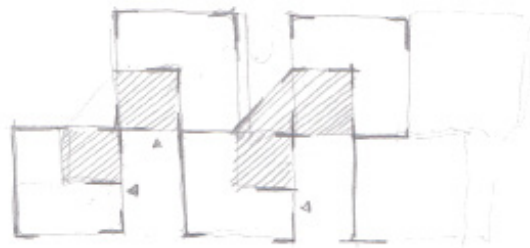
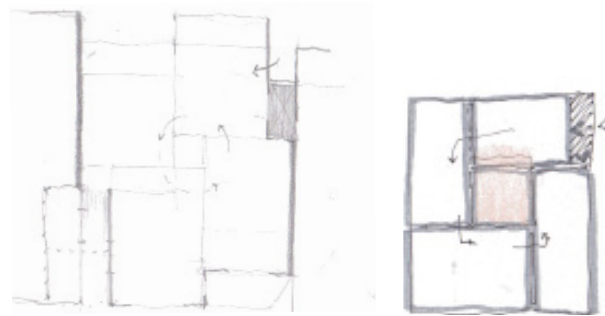


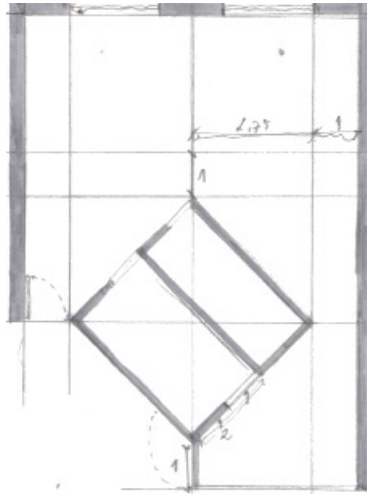
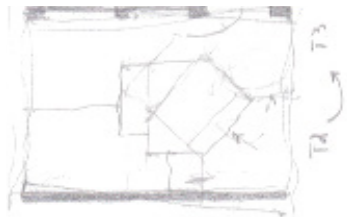
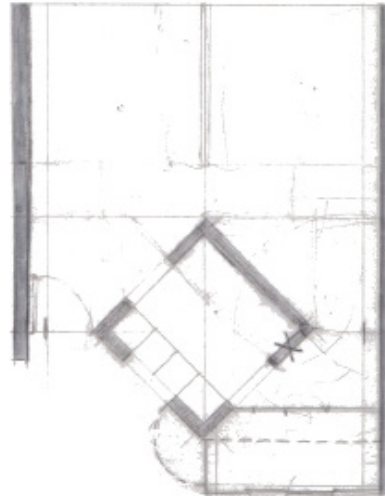
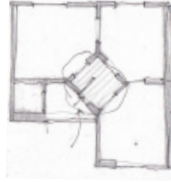
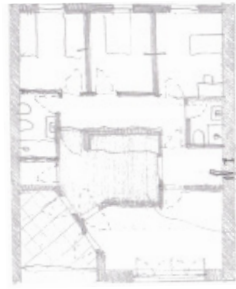
56 m  
116  
palaço de

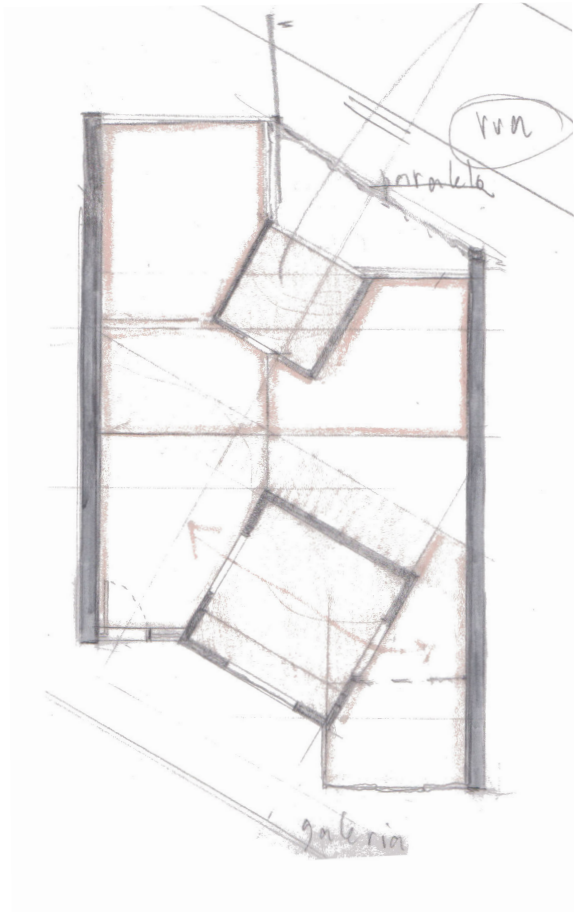
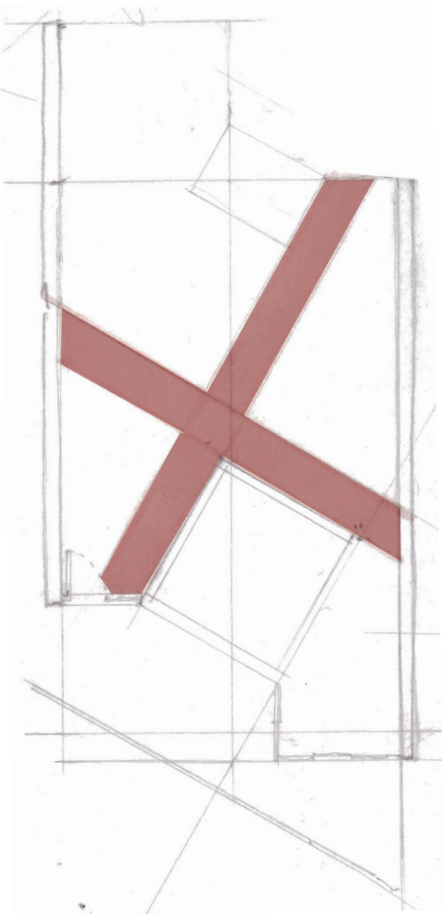


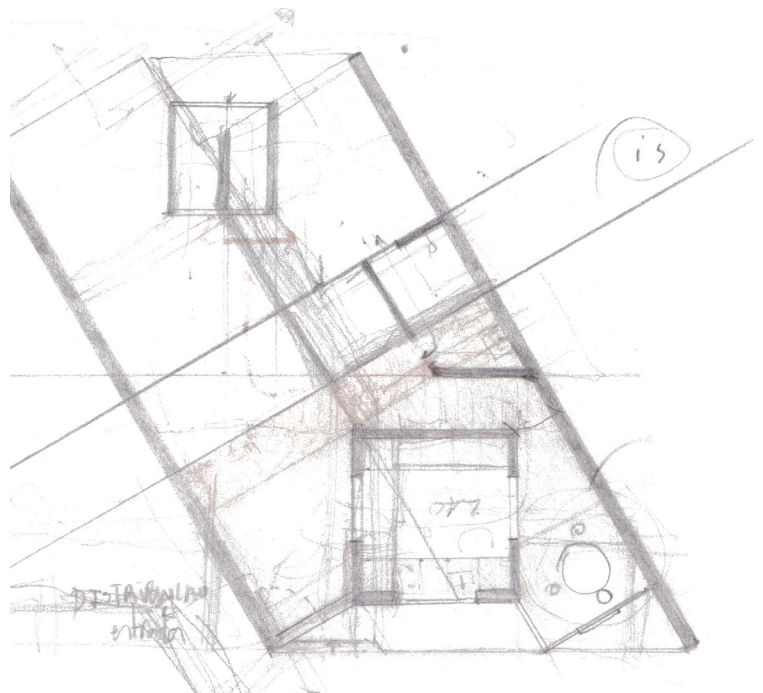


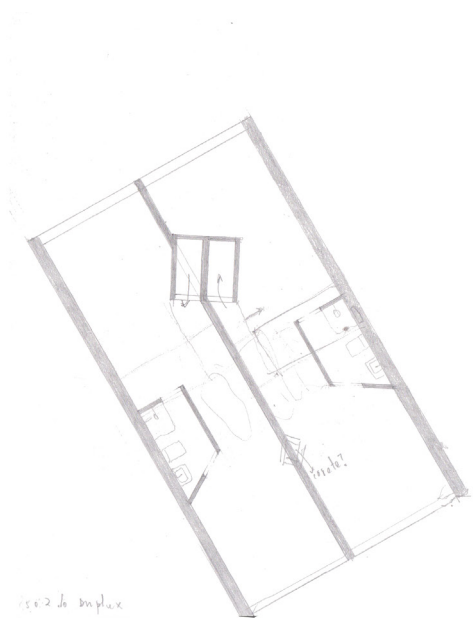
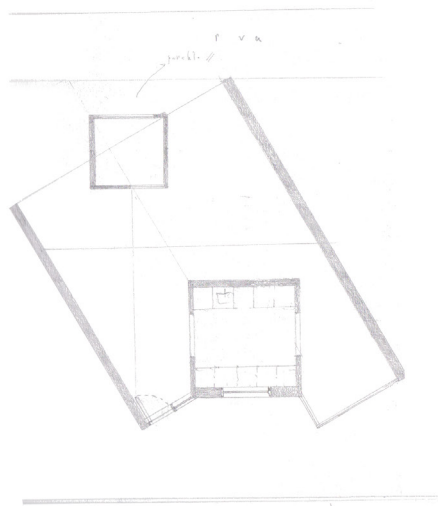
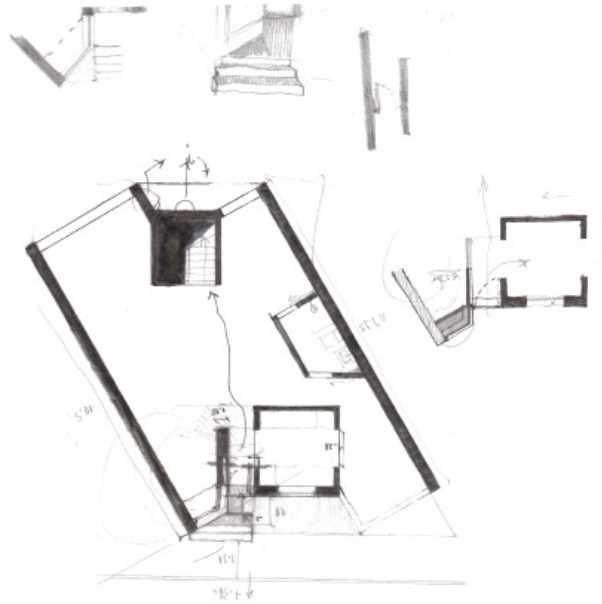
Reflexão sobre a casa





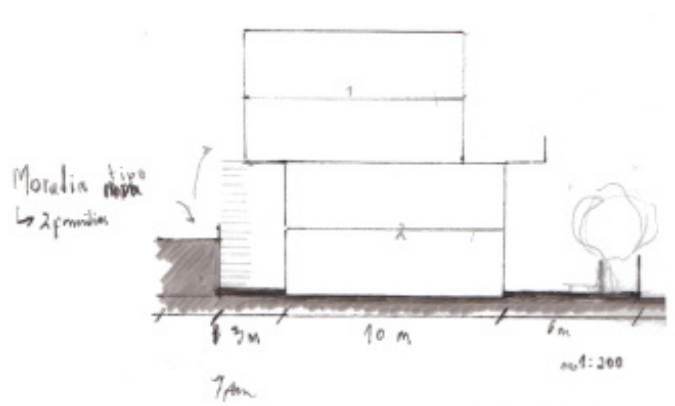
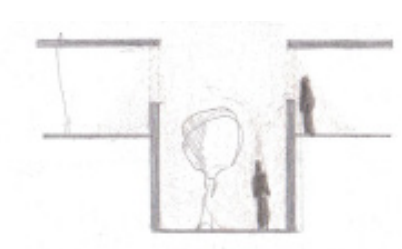
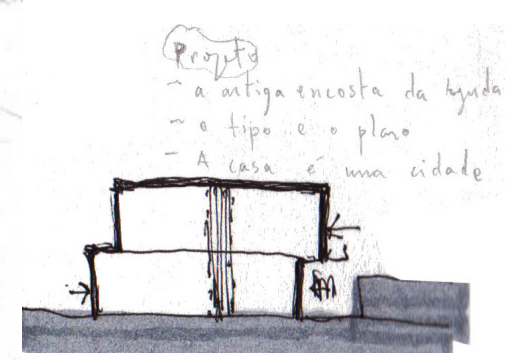
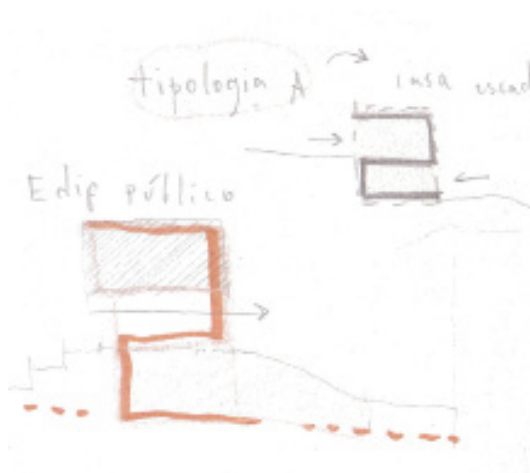




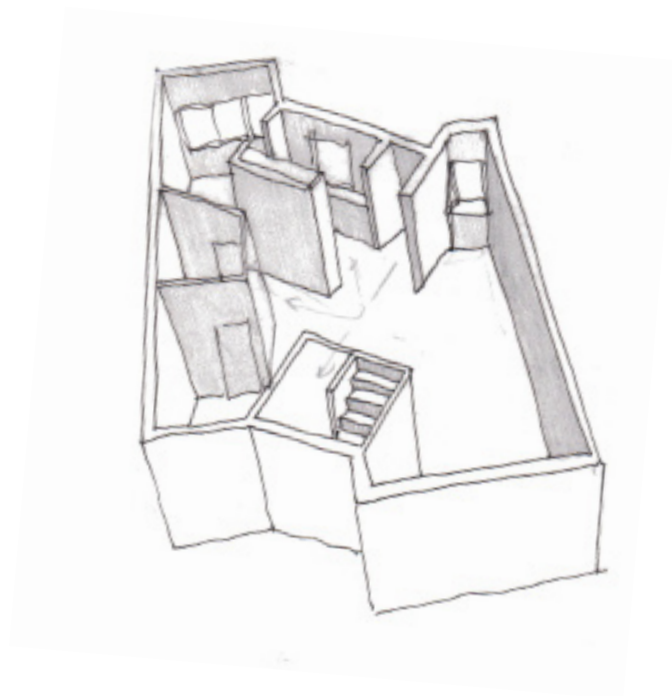


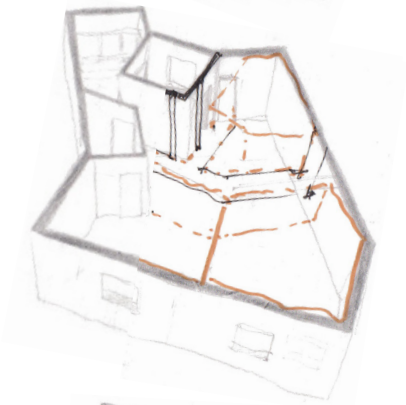
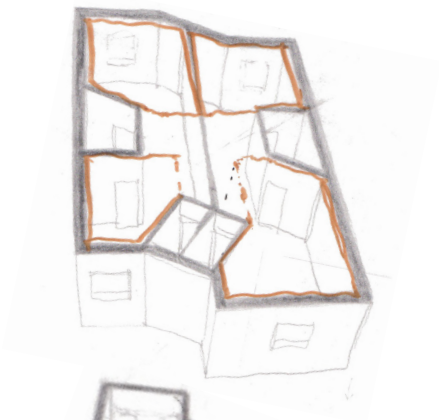
Piso tipo

Piso de duplex

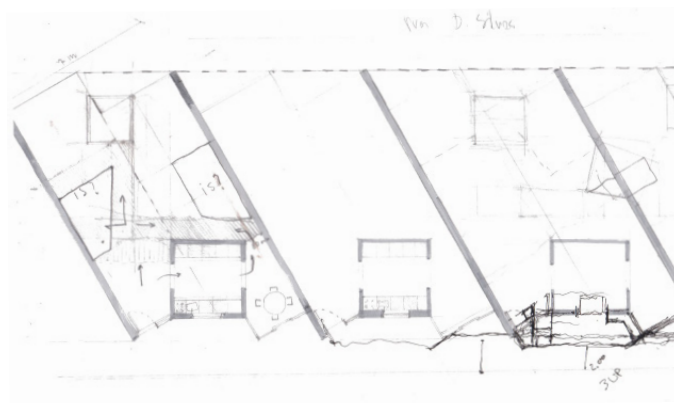


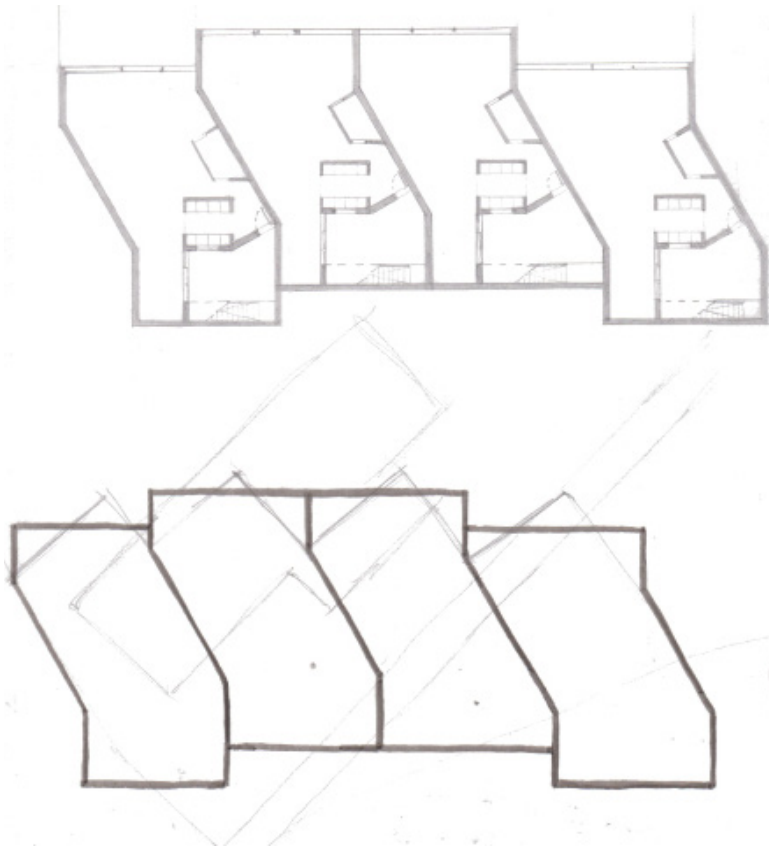
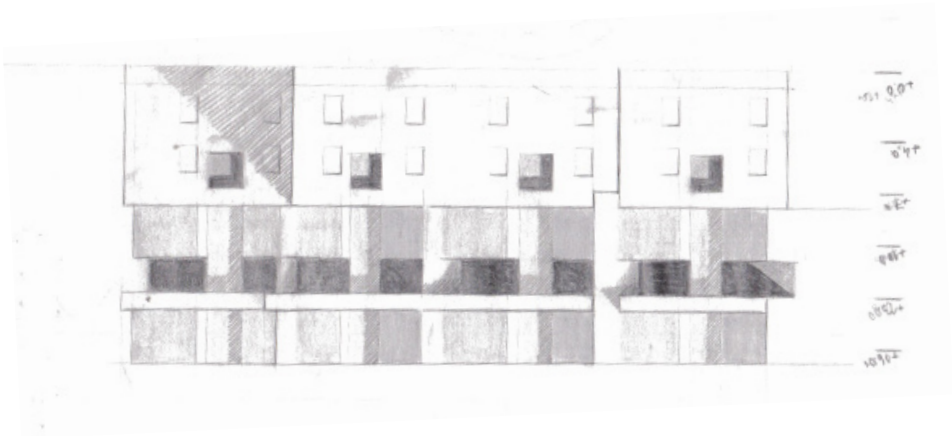
## Possibilidades de apropriação

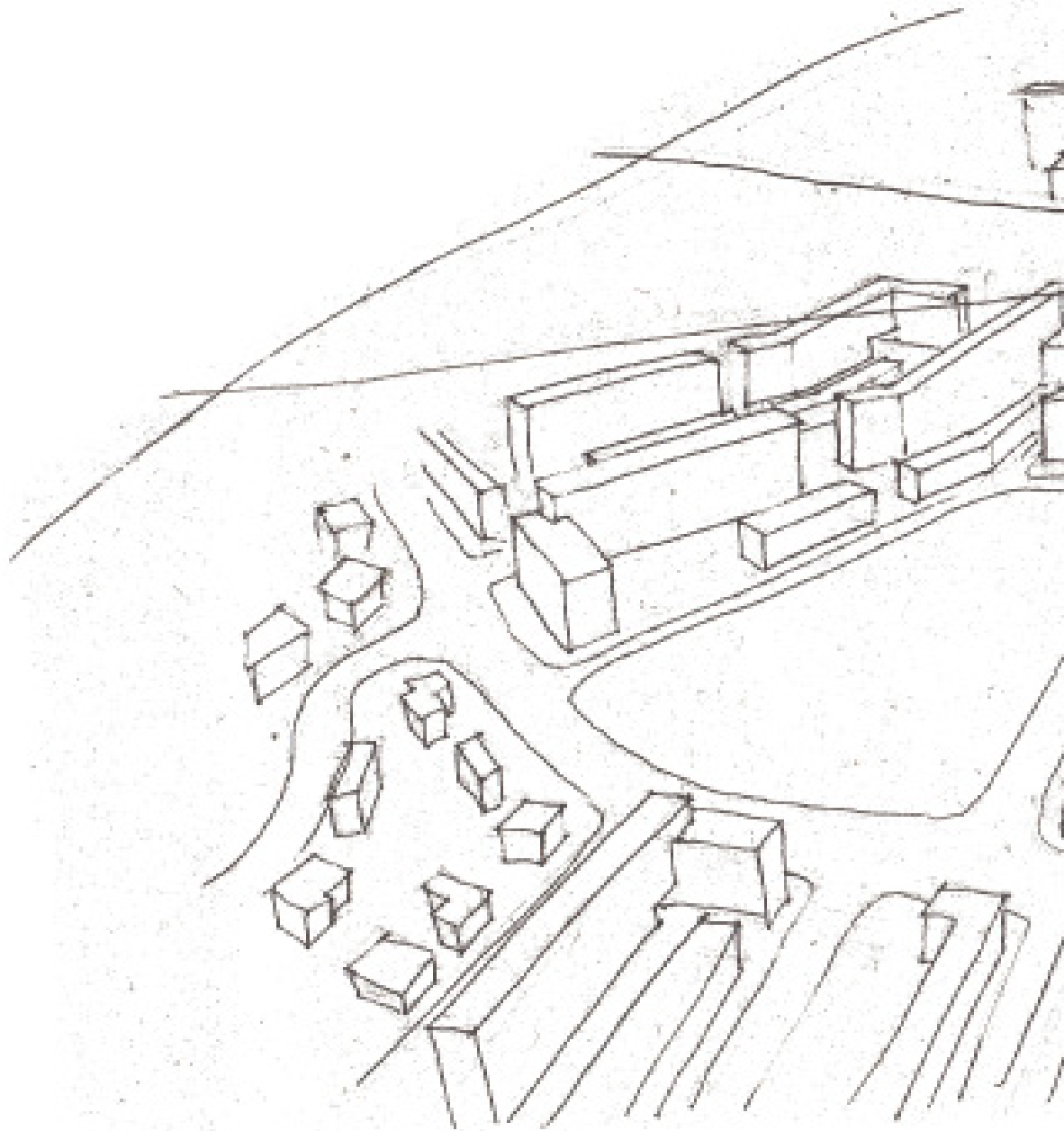


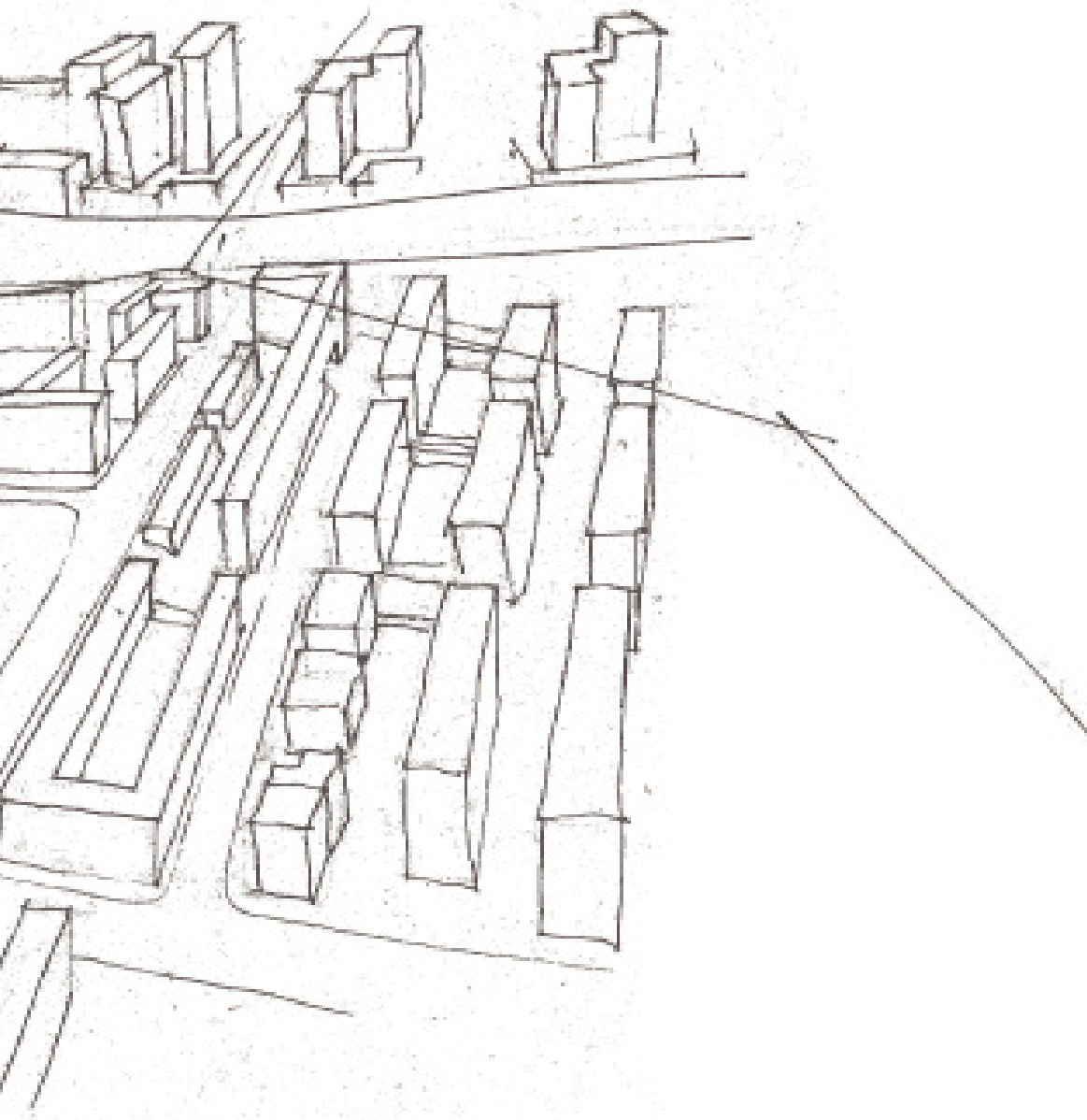


Esquissos do pensamento sobre a agregação

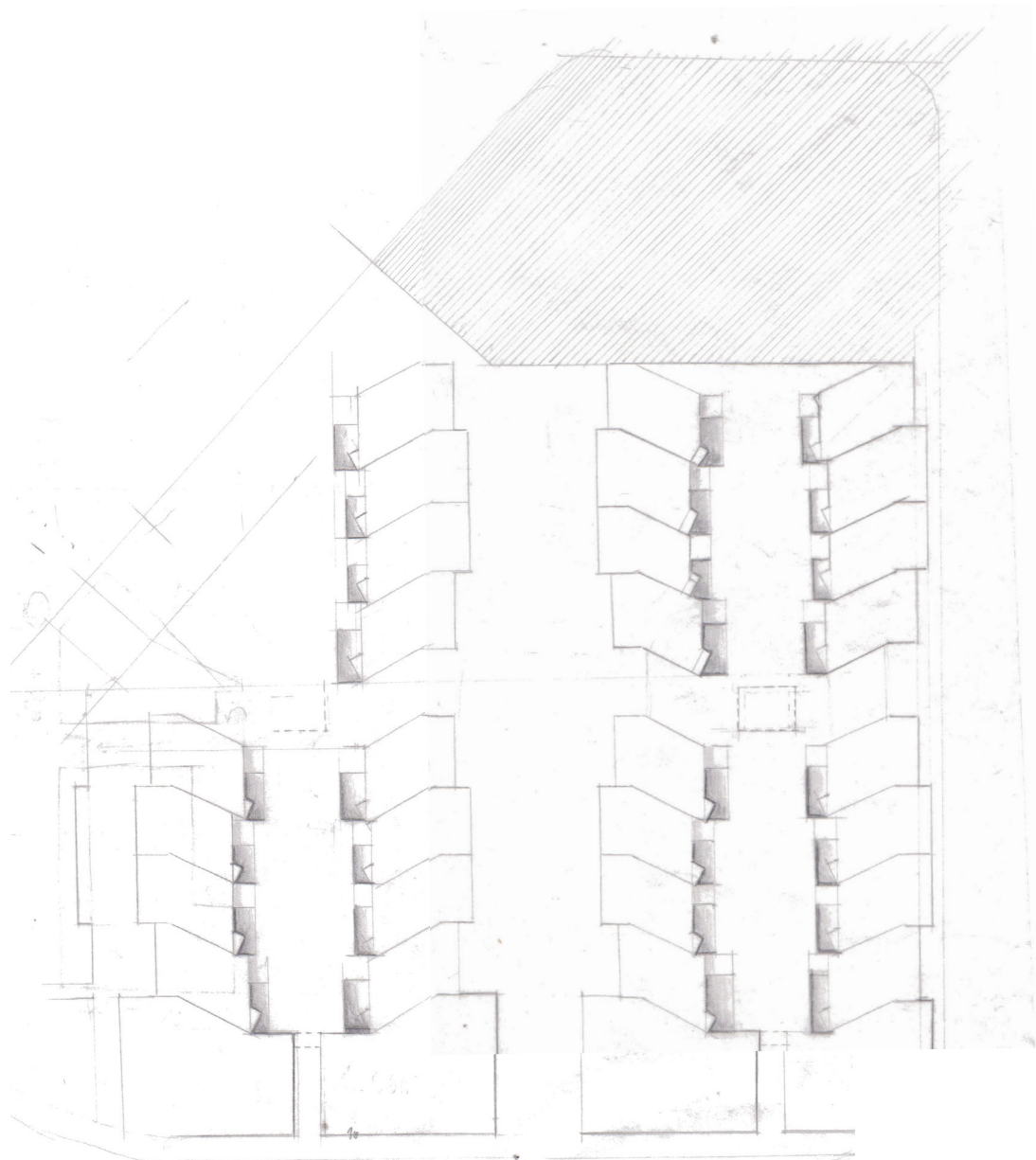






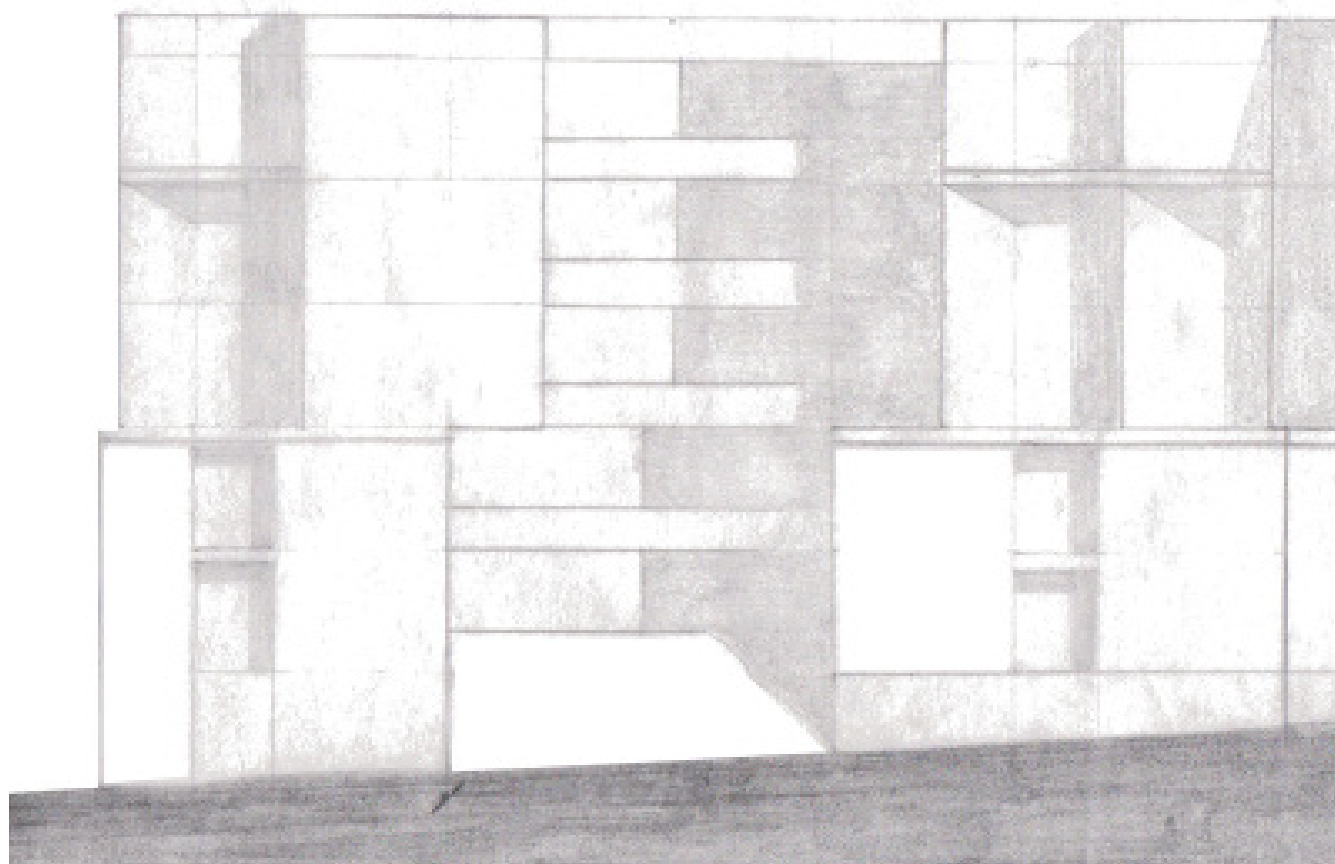


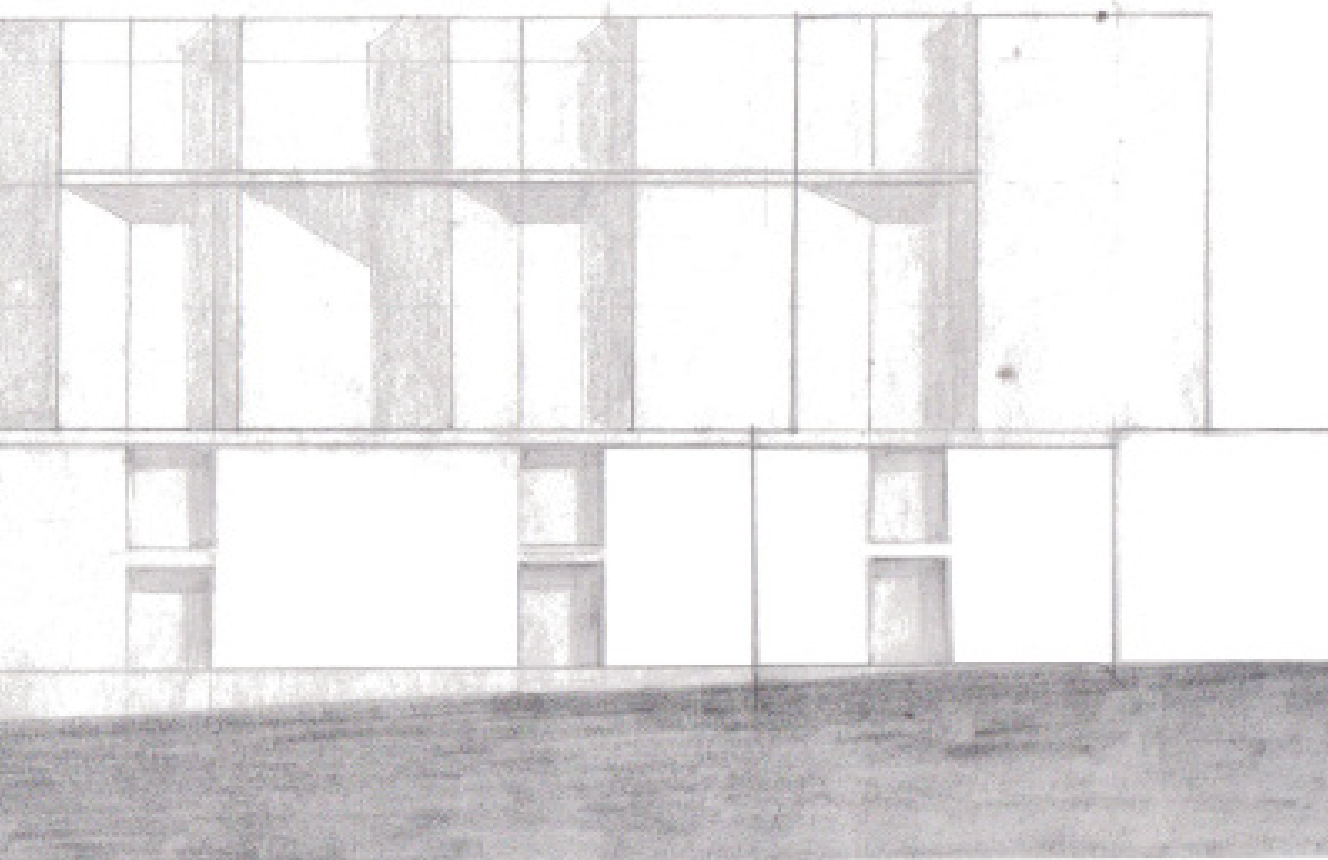


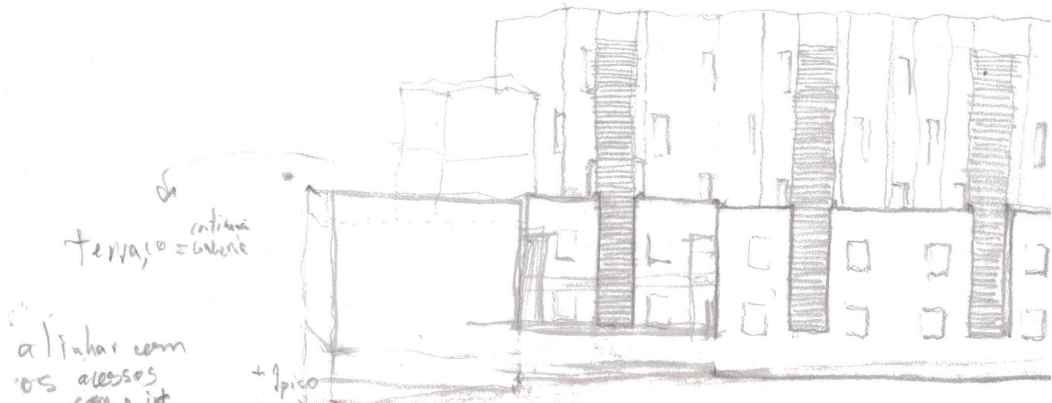
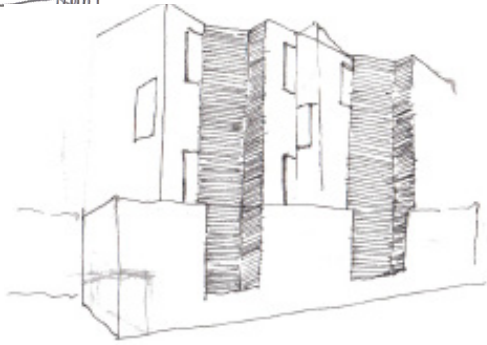
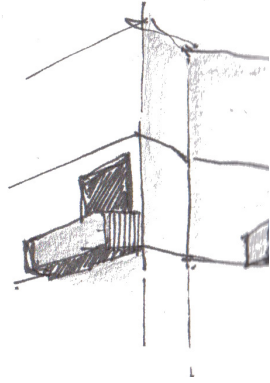
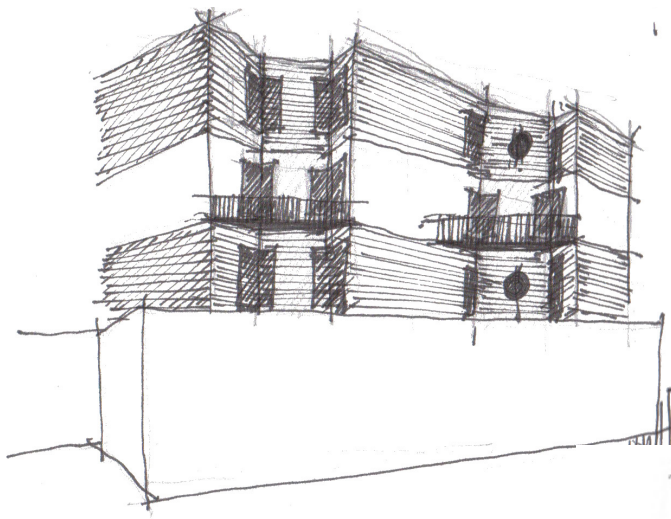


escola  
ultimo piso  
patio terreno  
comercio

Esquissos sobre o alçado







terras, <sup>de</sup> cantina = cubete

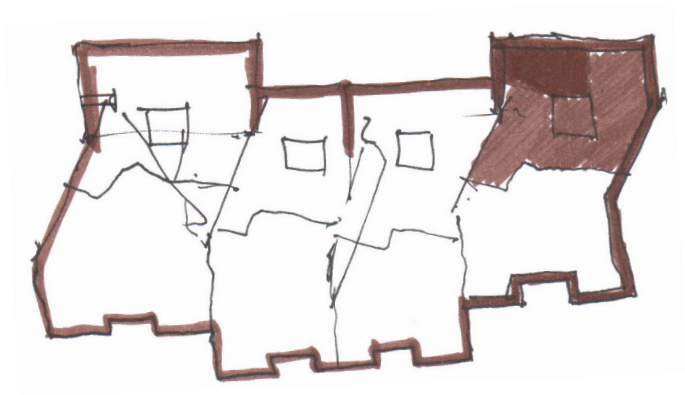
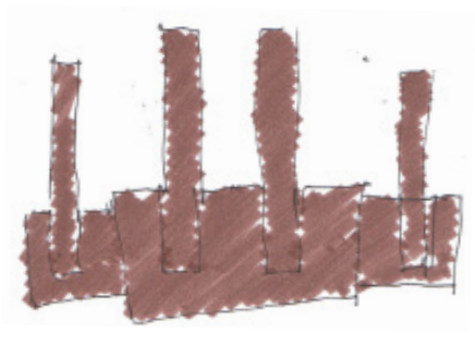
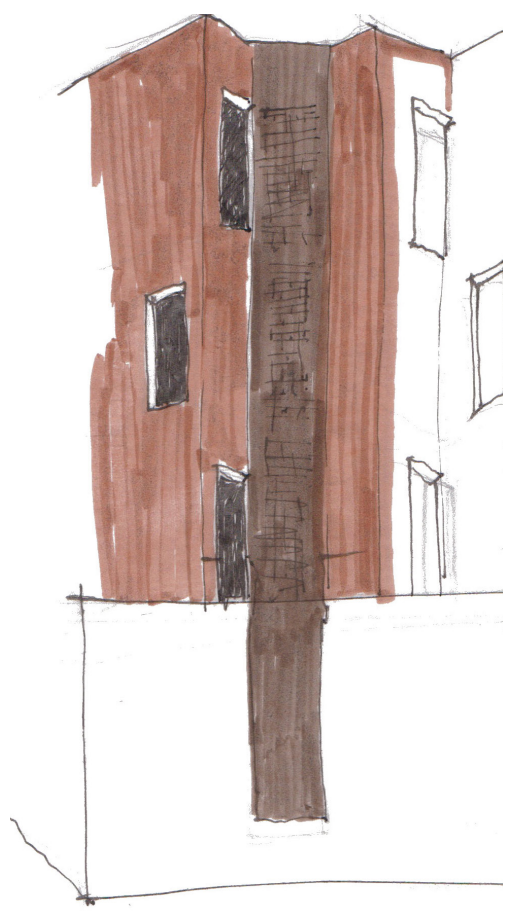
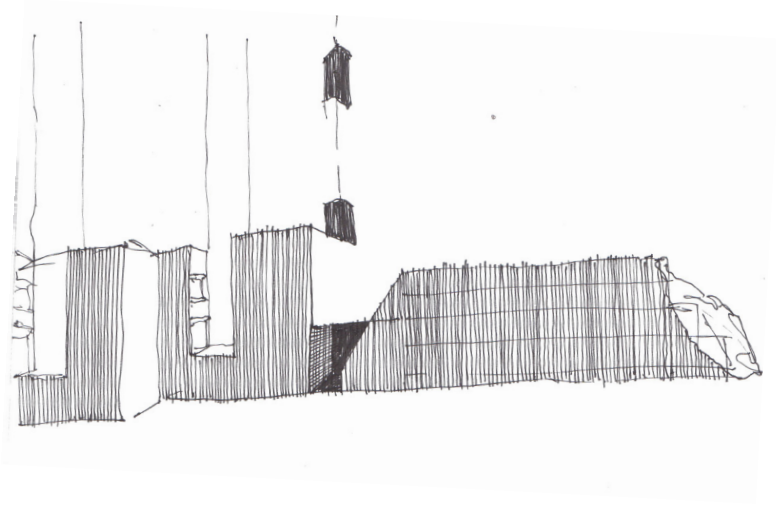
alinhav com os acessos ou com a int

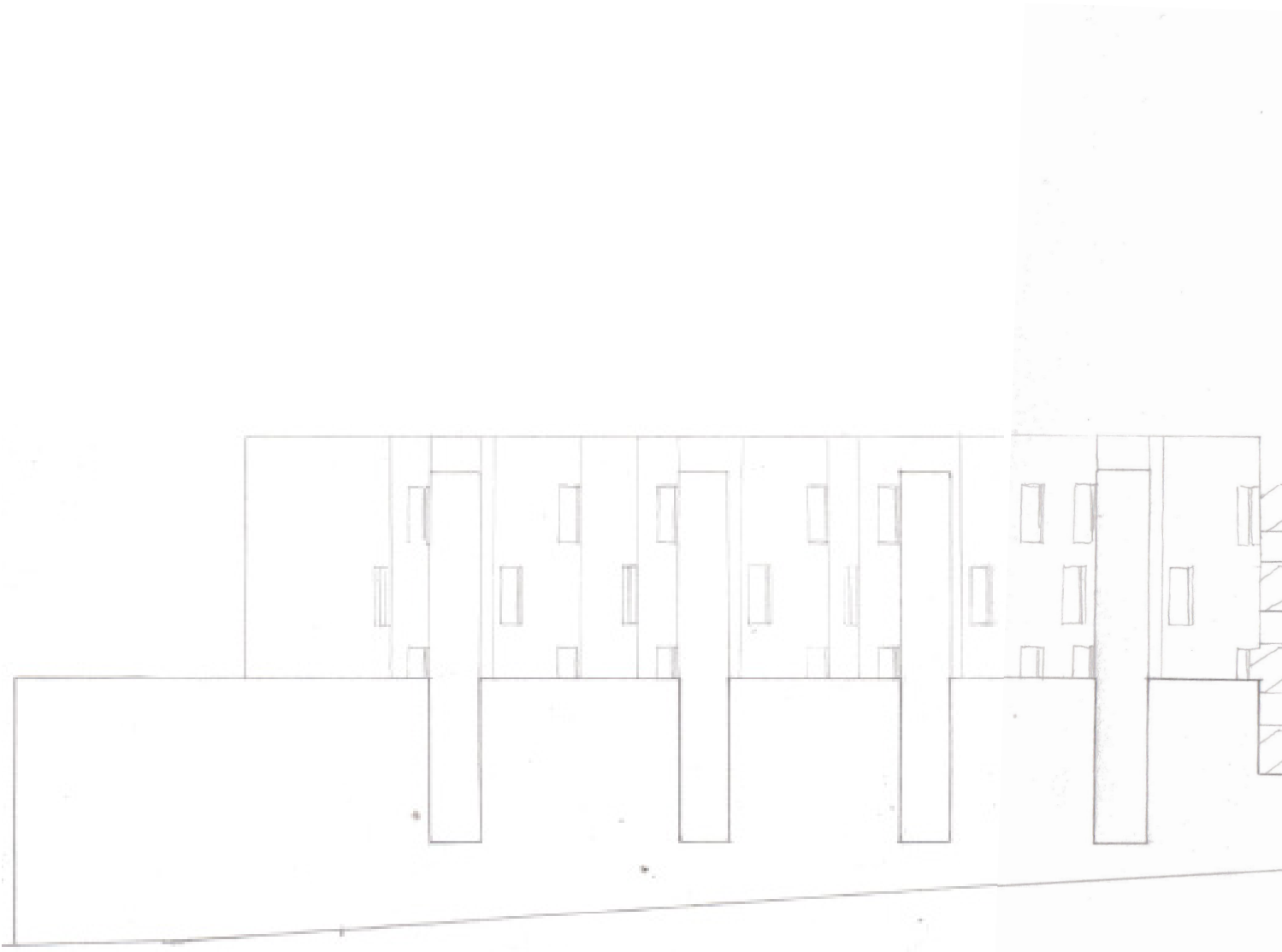
+88.0m

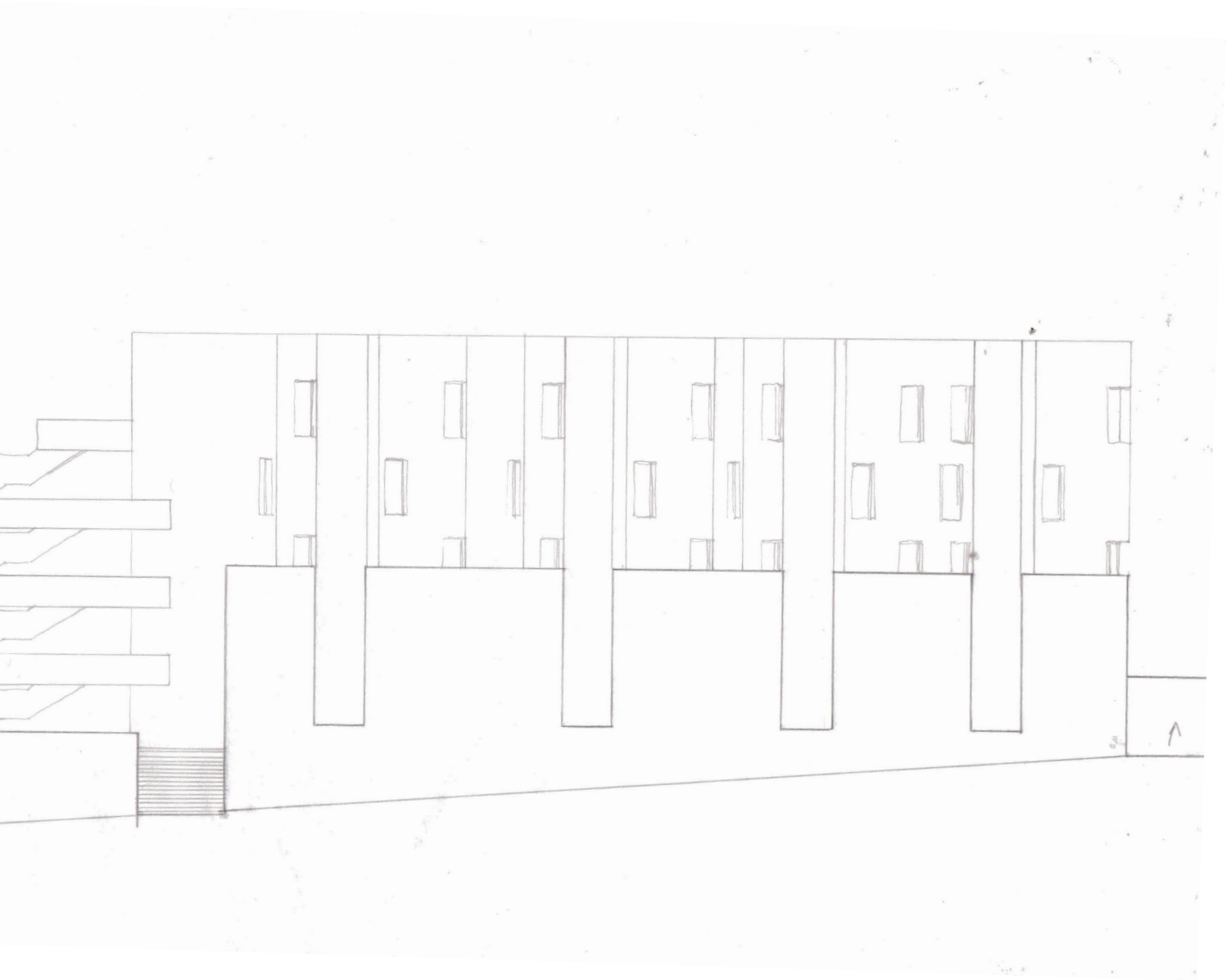
3+

+1 pisco

varandas piso térreo e no 1??  
vão de conta



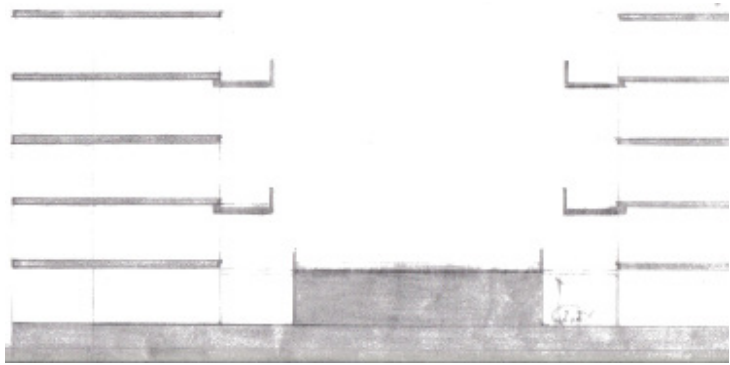
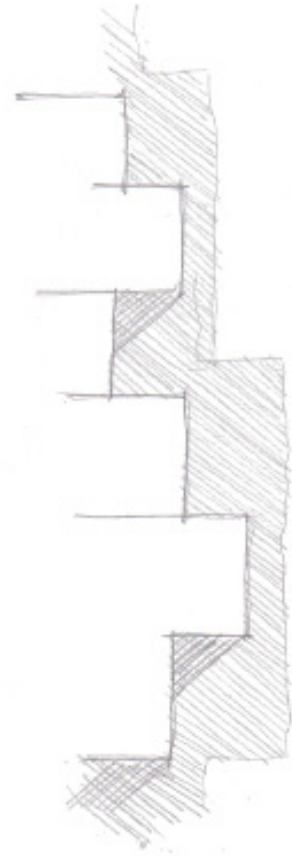
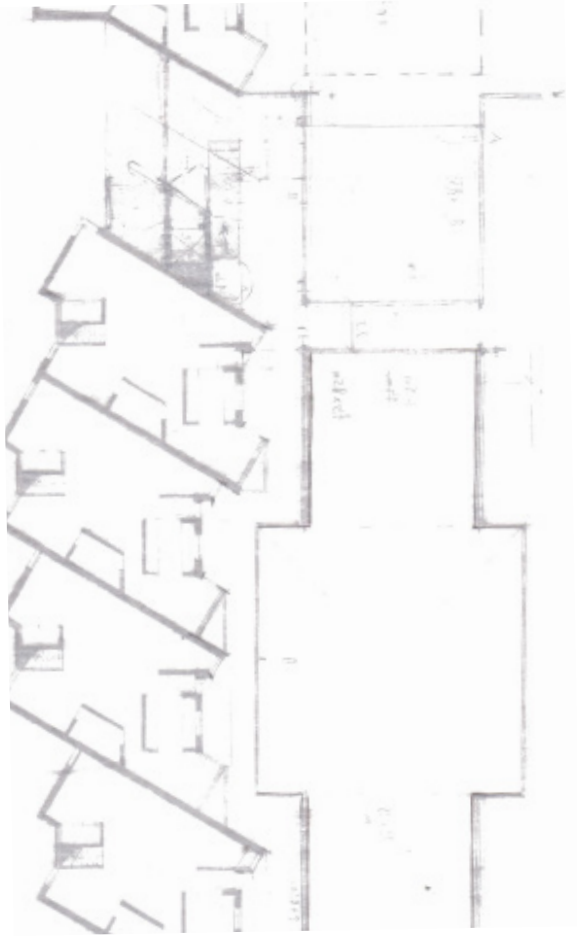




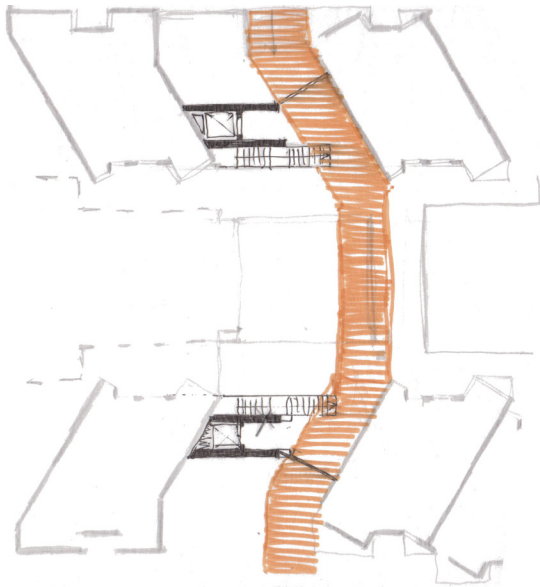
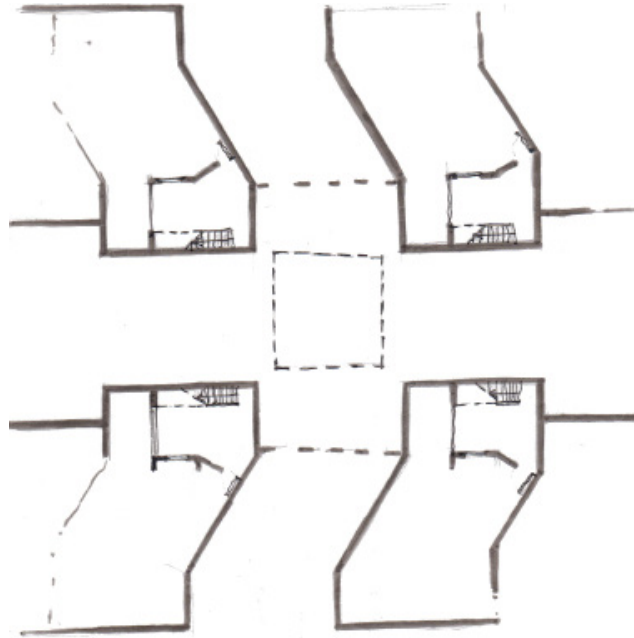
## Matriz da circulação e sistema de relações

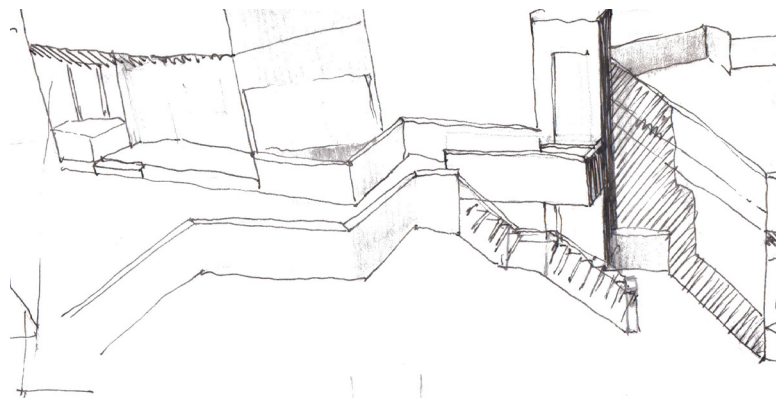
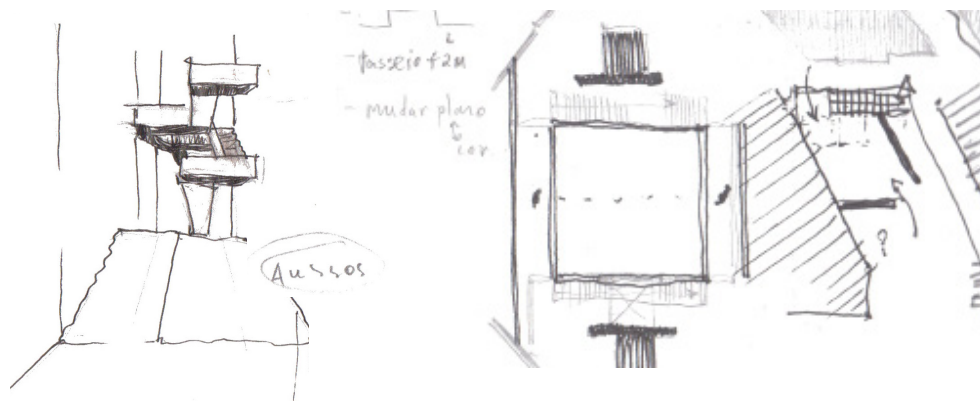


isto são unicamente um espaço destinado à preparação  
São também um espaço activo para a vida comunitária.  
E. SUST, X (2000) La vivienda contemporánea - Barcelona  
(tradução livre)

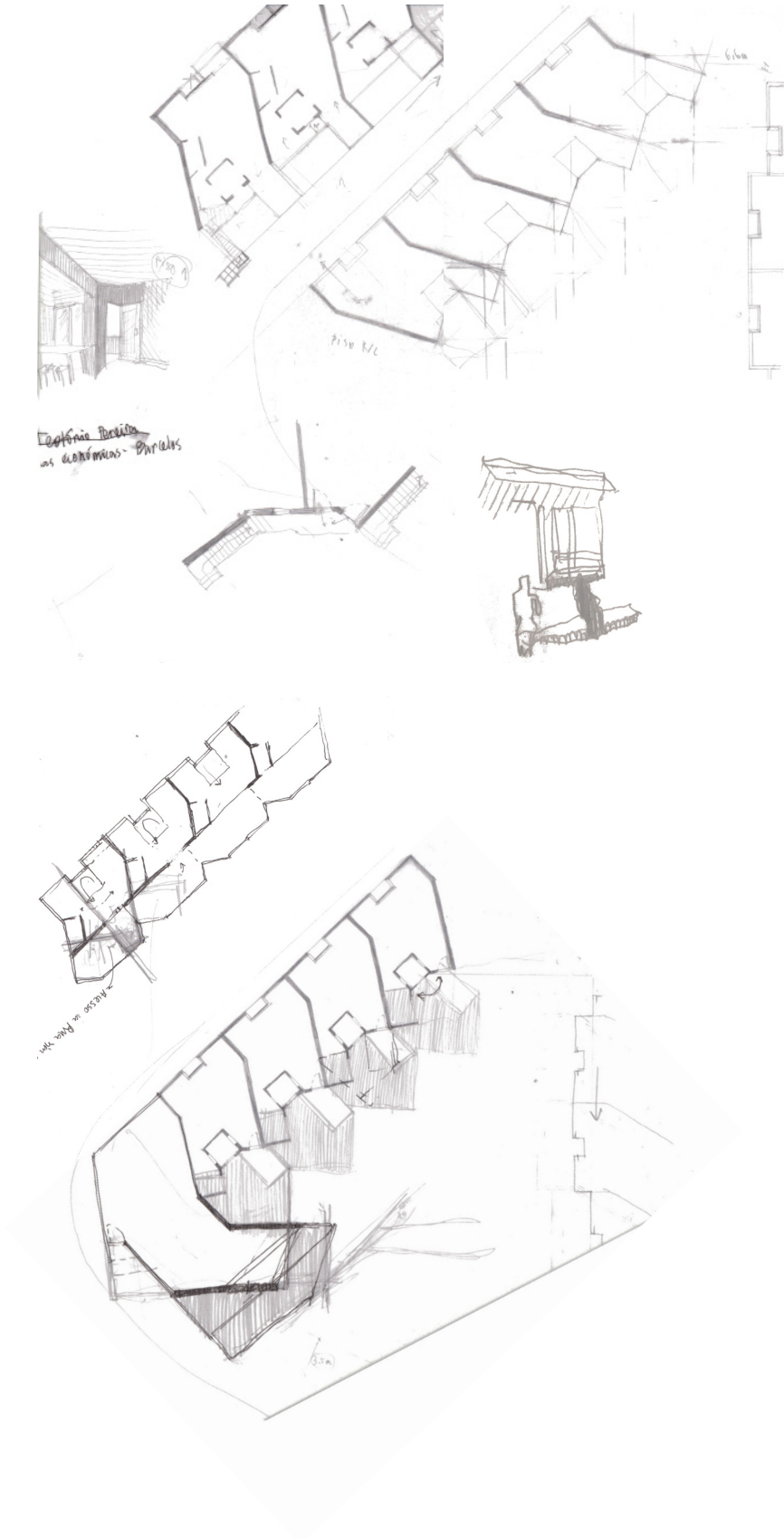


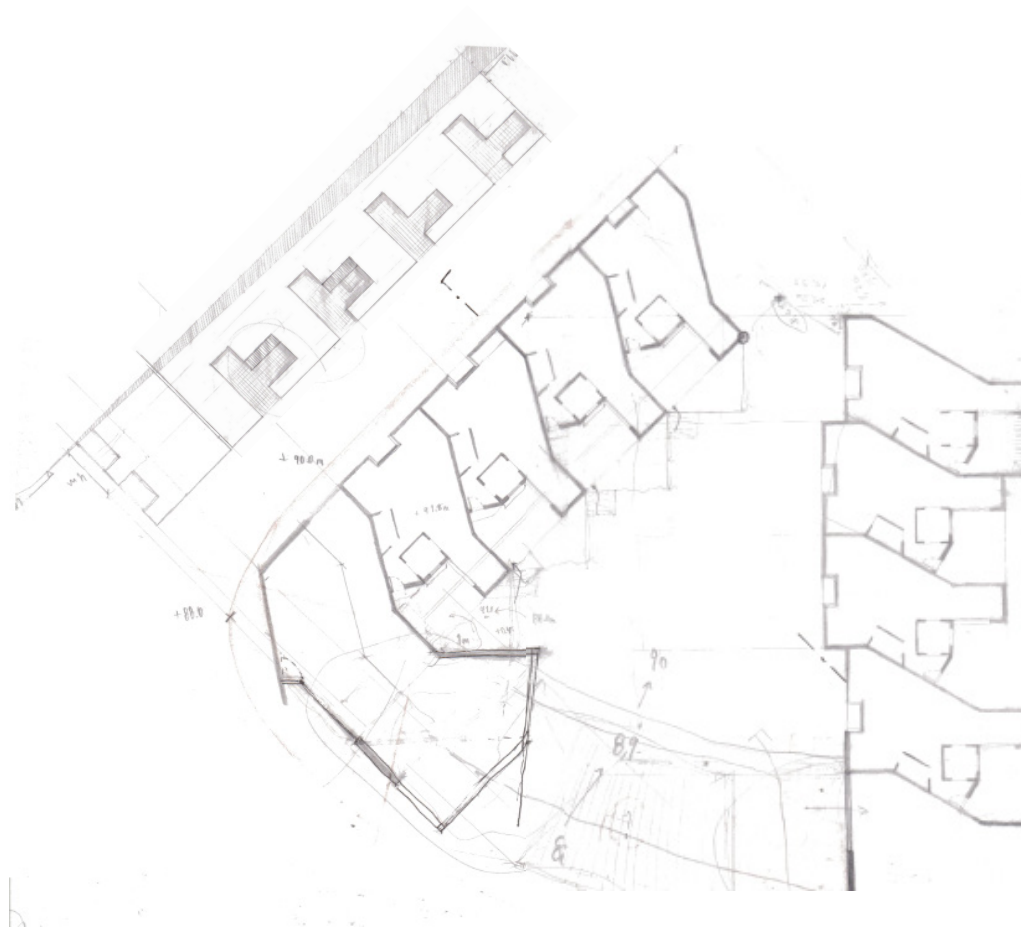


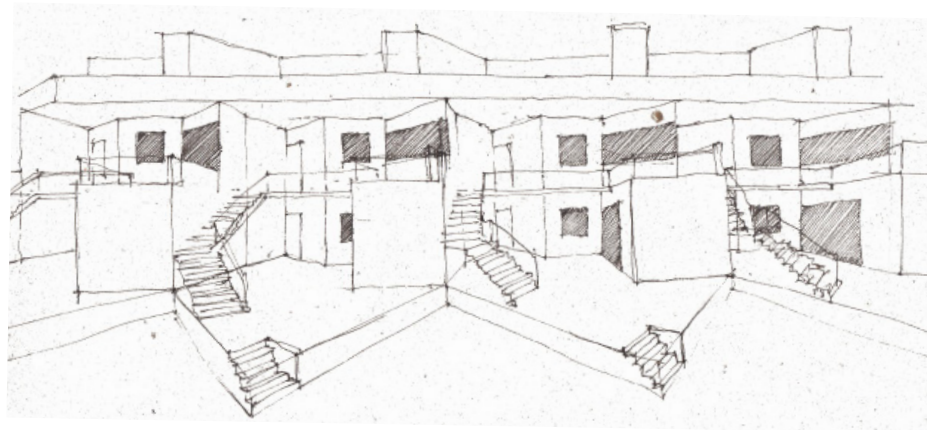
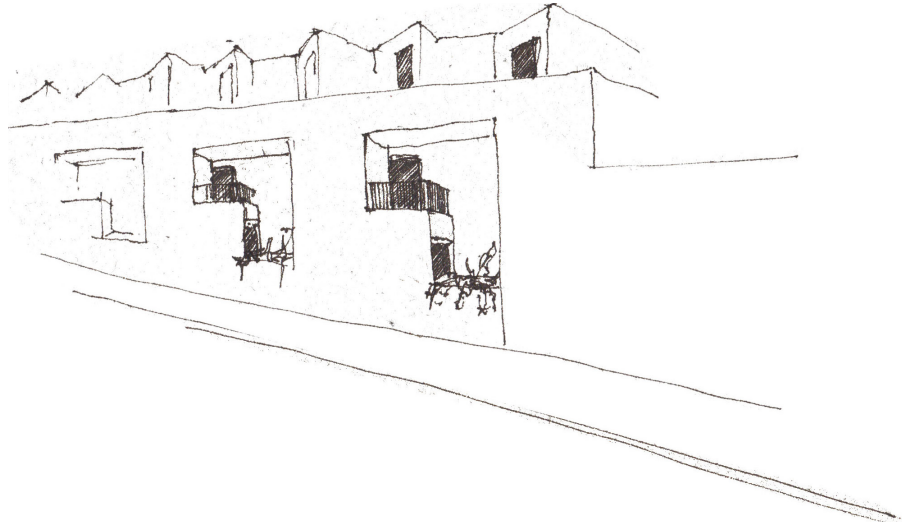




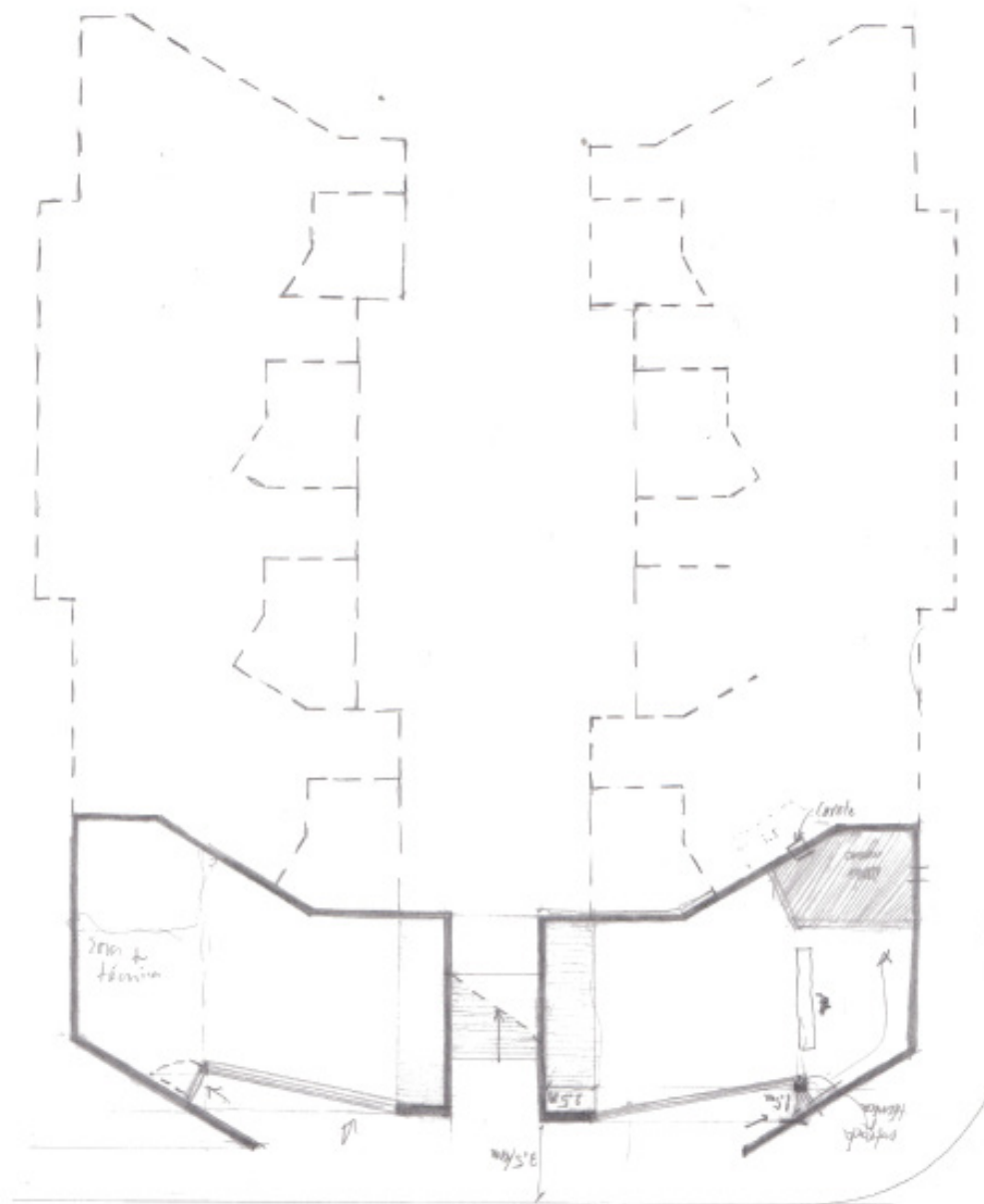
# Variantes







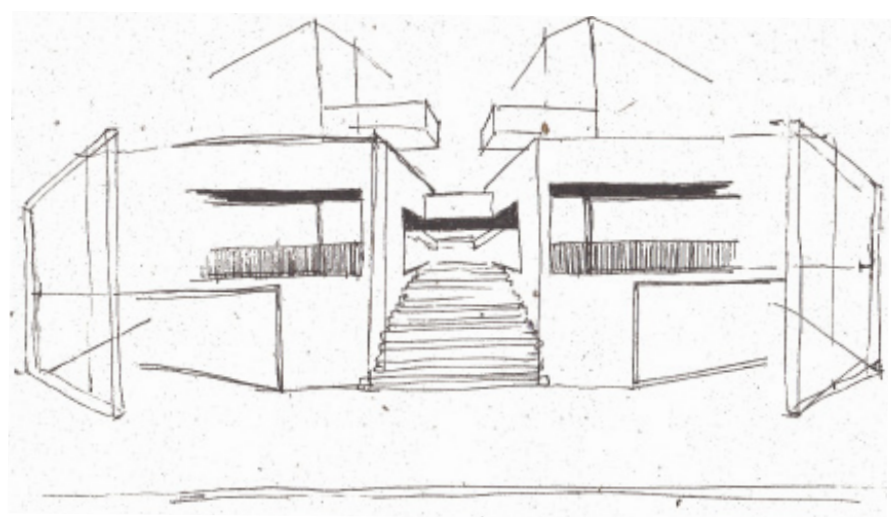
Uso misto - comércio/serviços



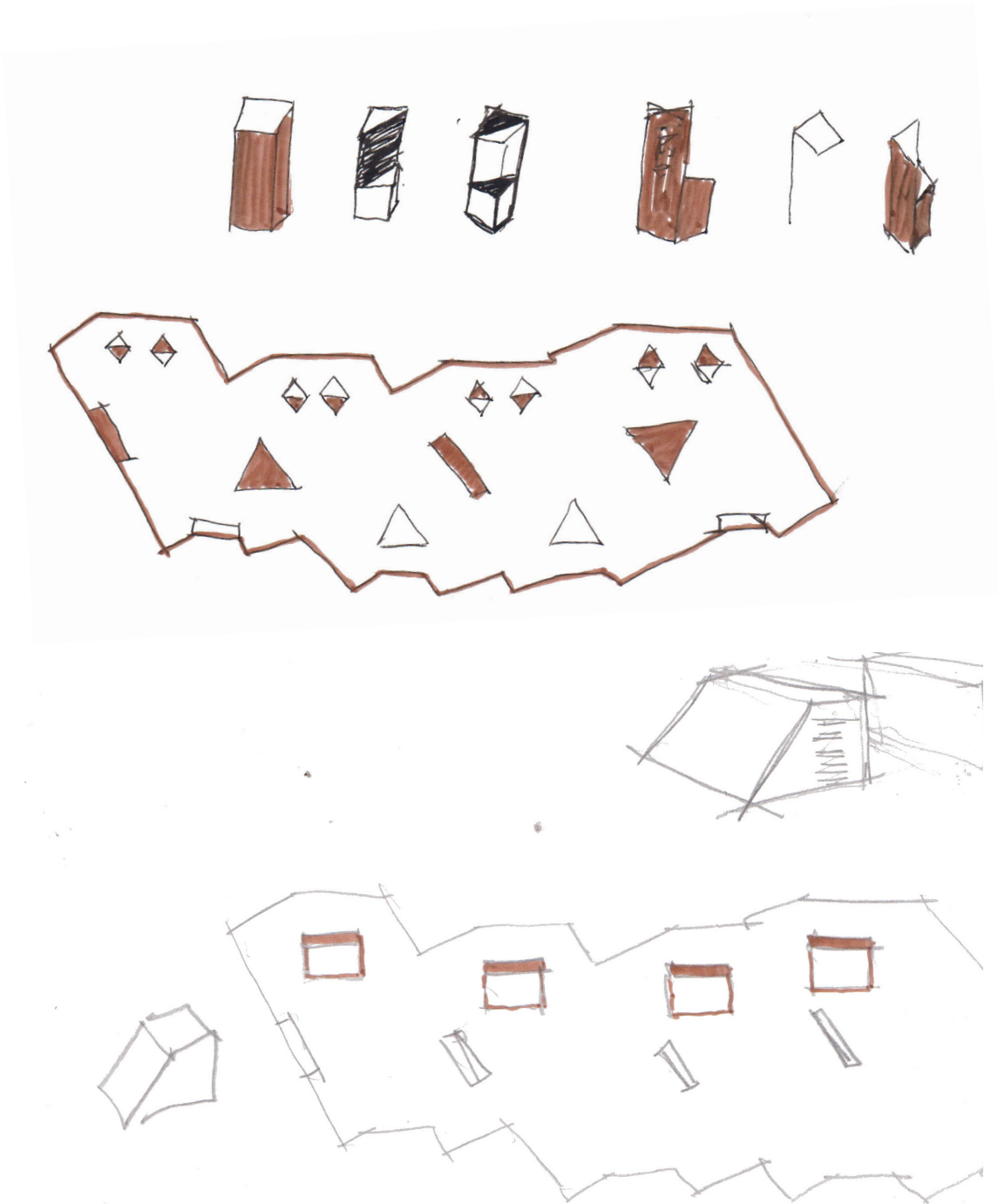
parte  
as - galeria - zona de roupa estendida...  
na de sol... estufas

filas social  
housing

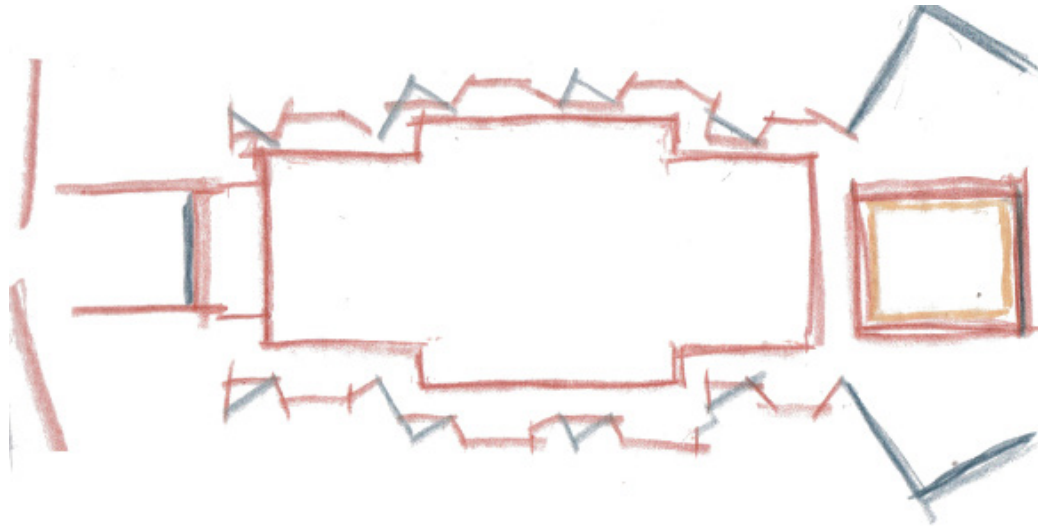
Bonça - Planta  
Corte



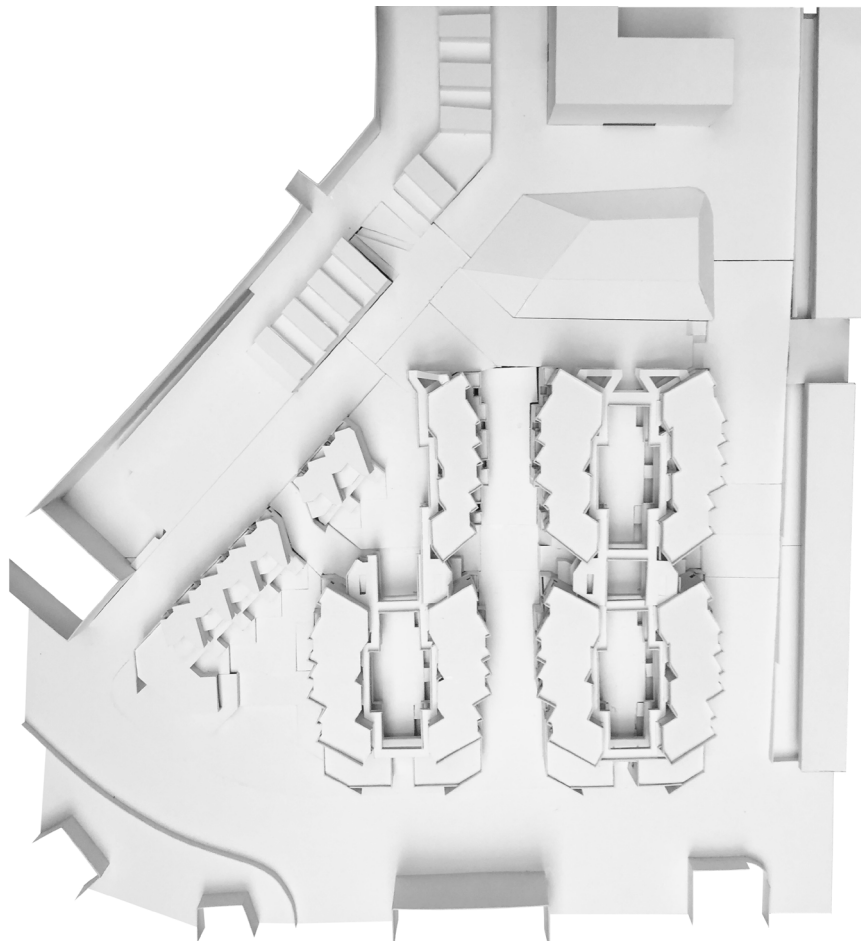
Estudos sobre a cobertura

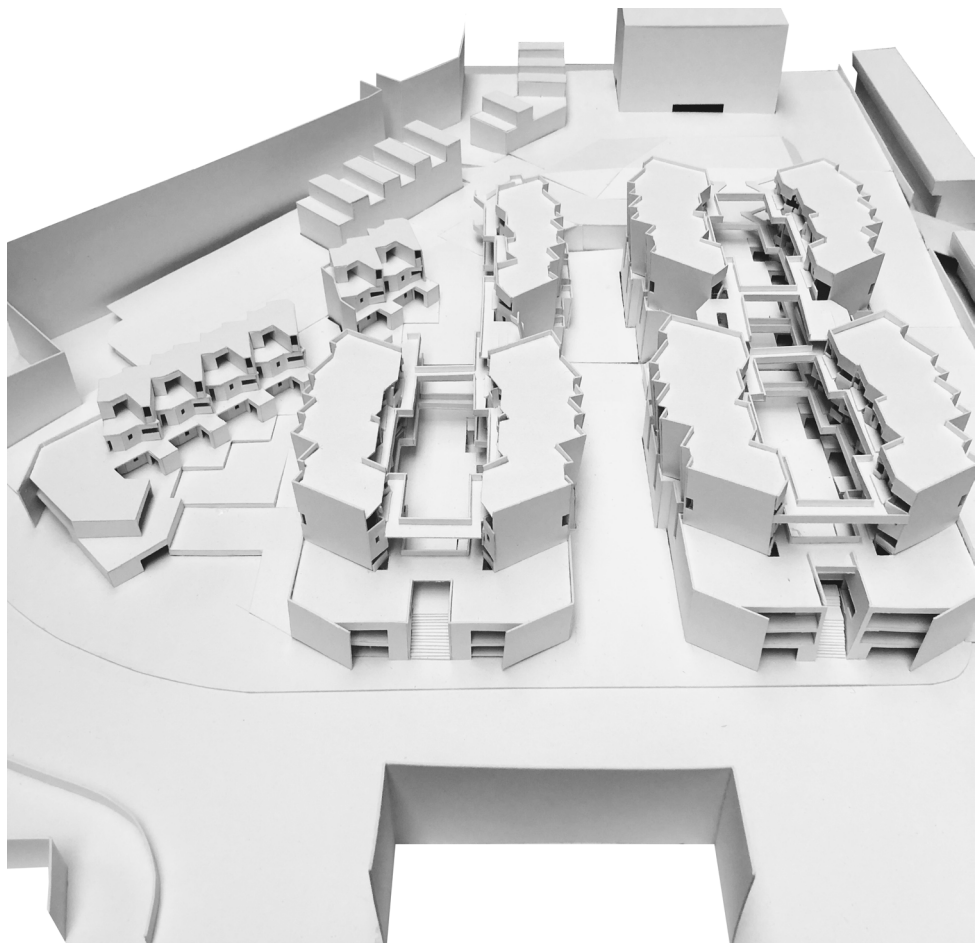


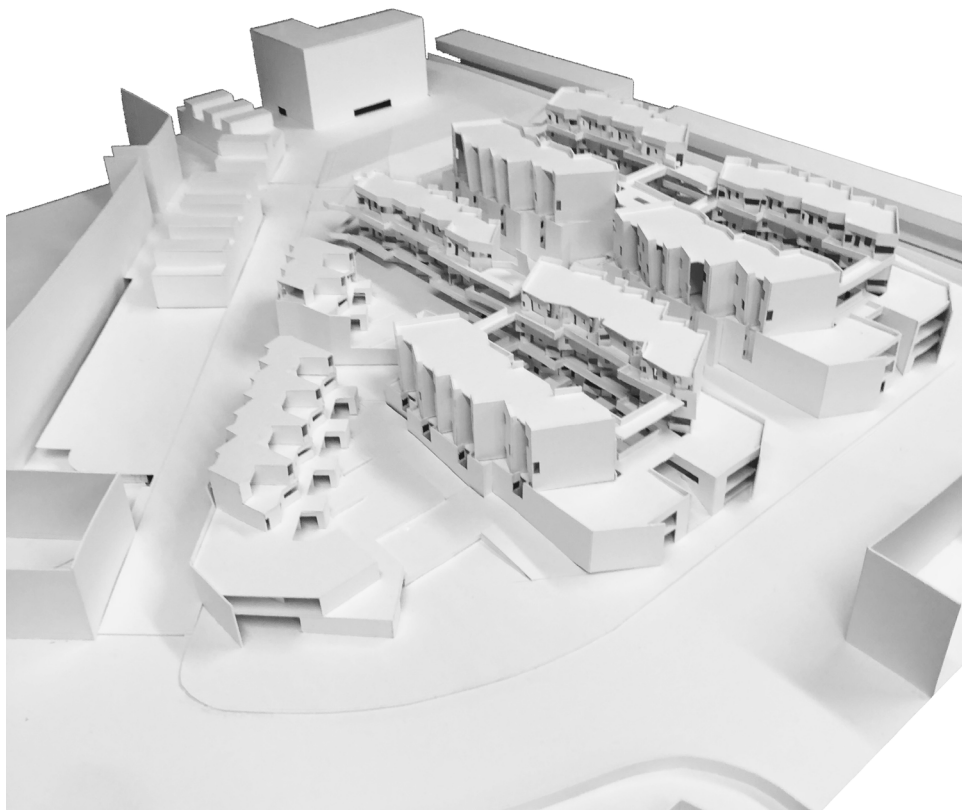
Cores e materialidades

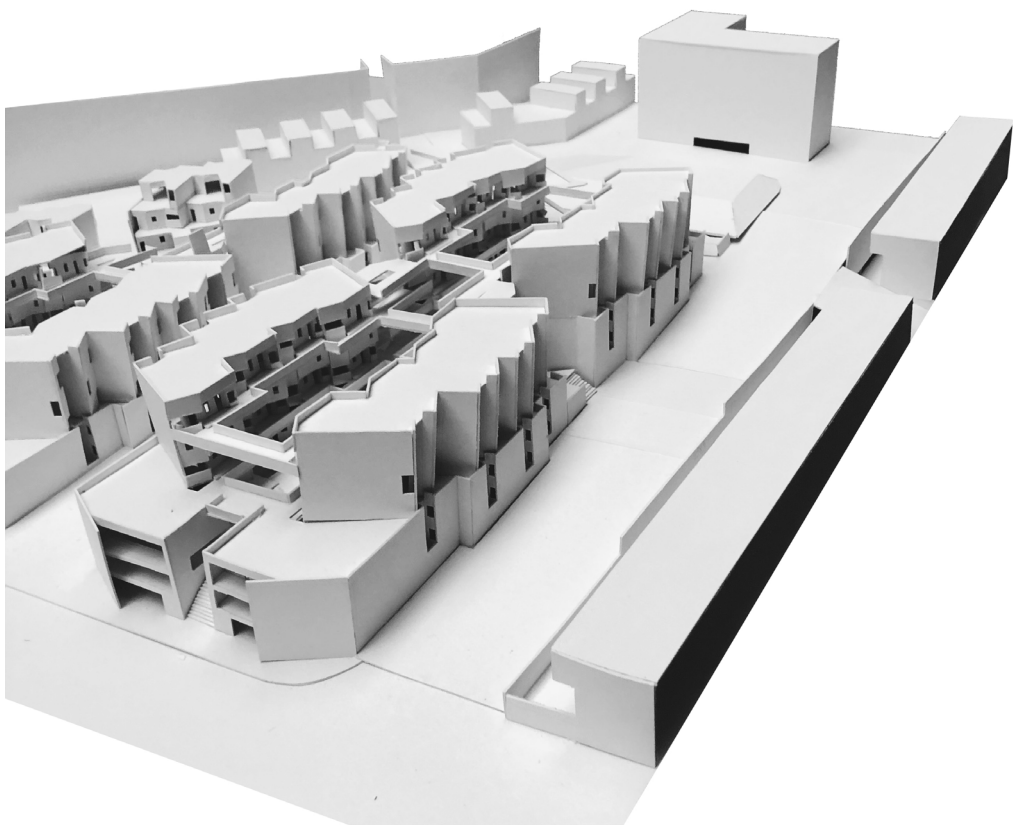


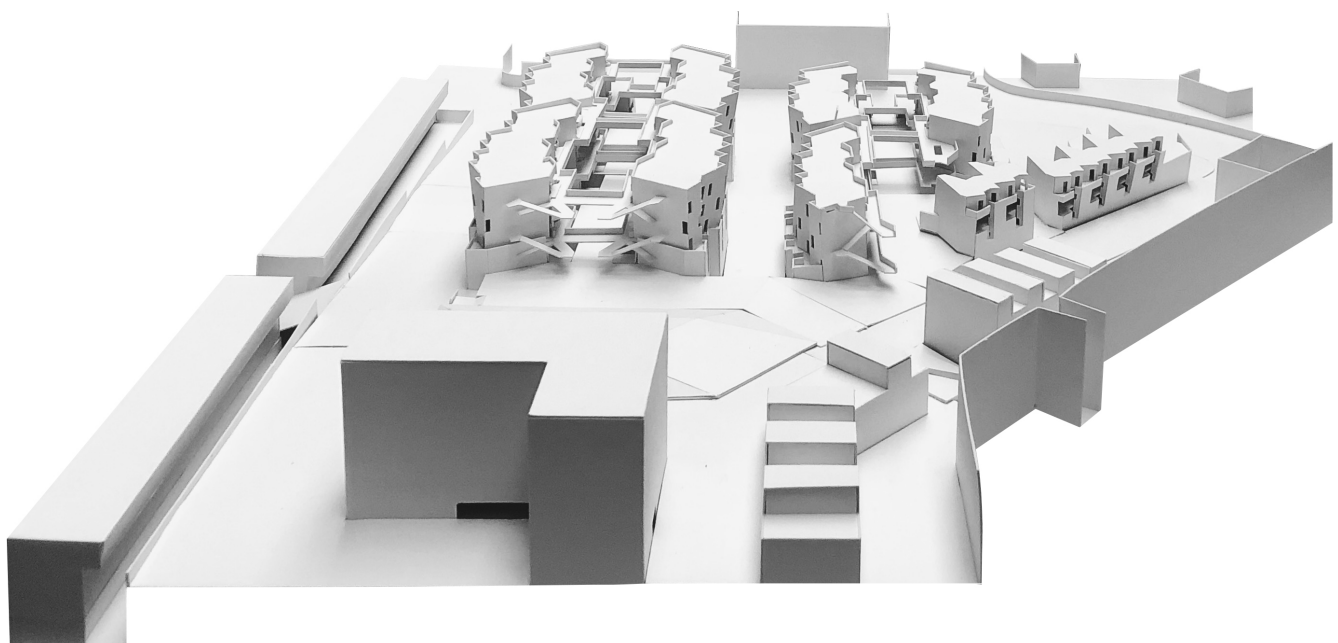
# Maquetas







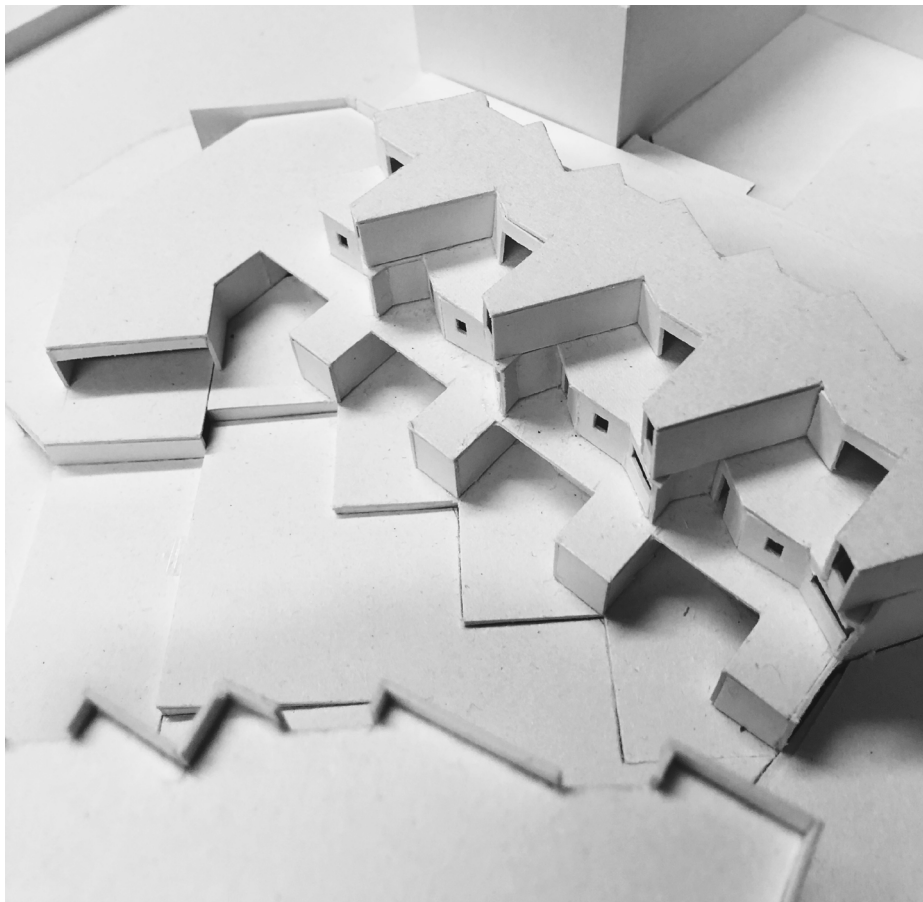














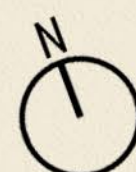


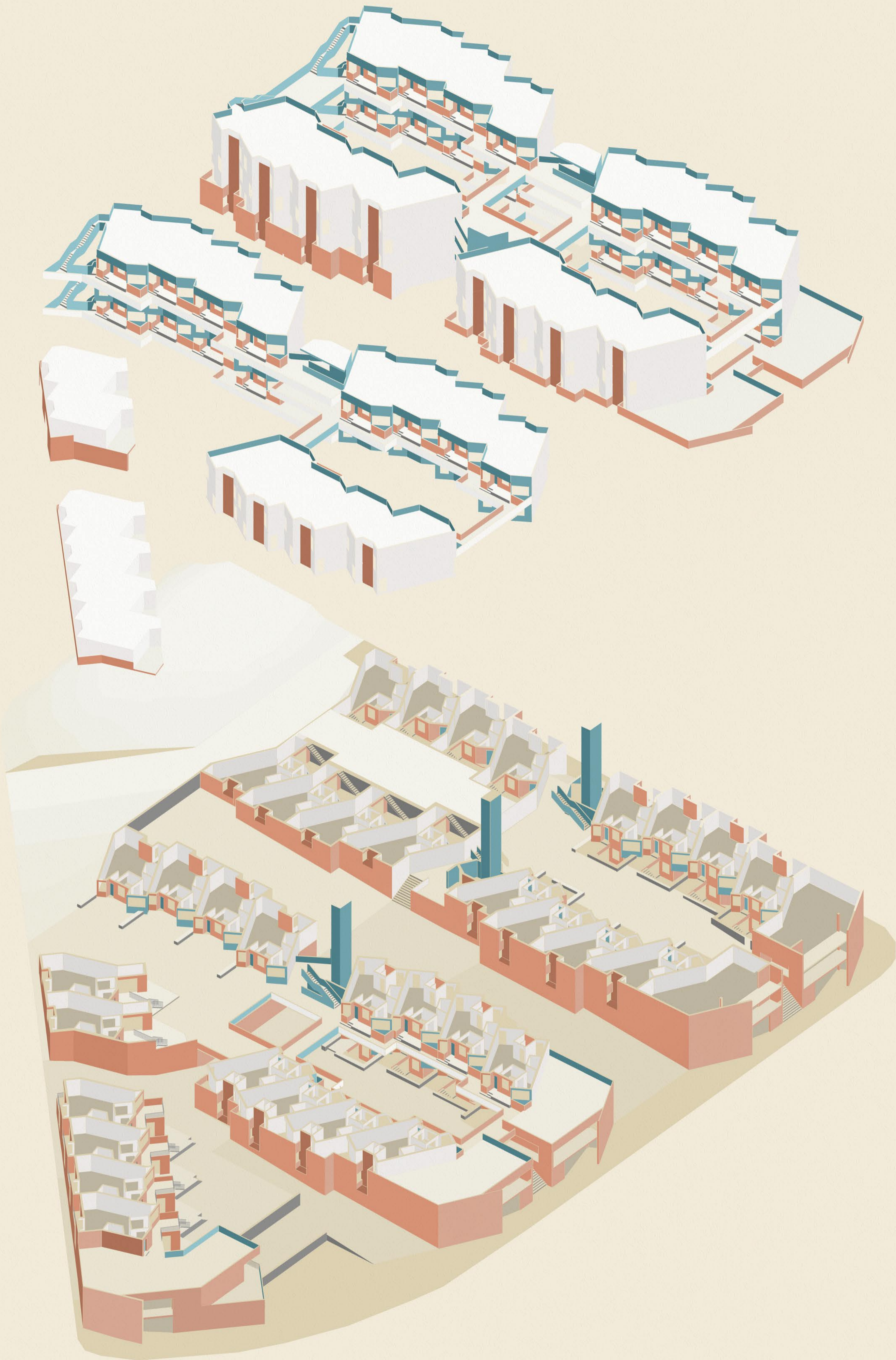
Planta Belém Escala 1:5000

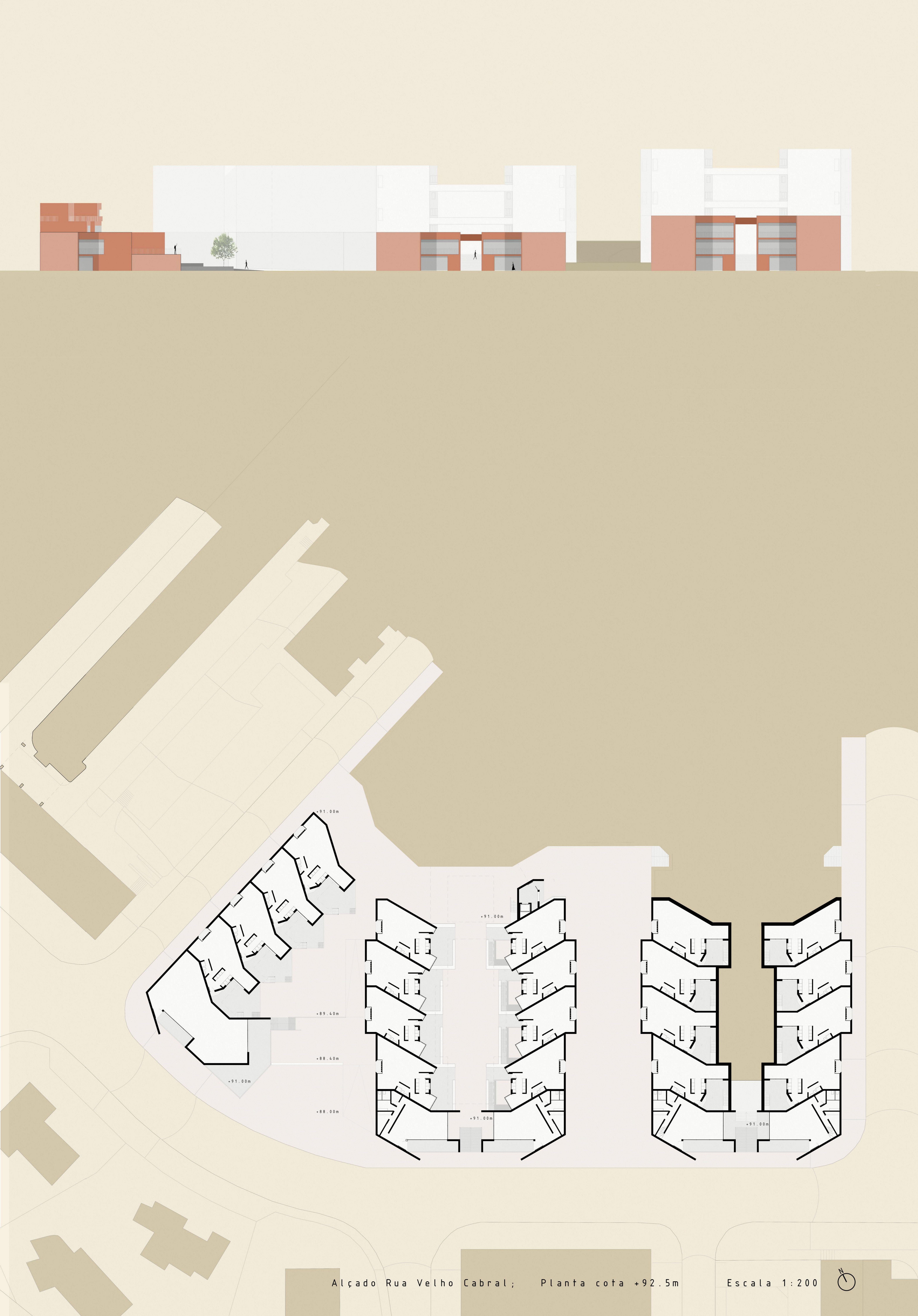


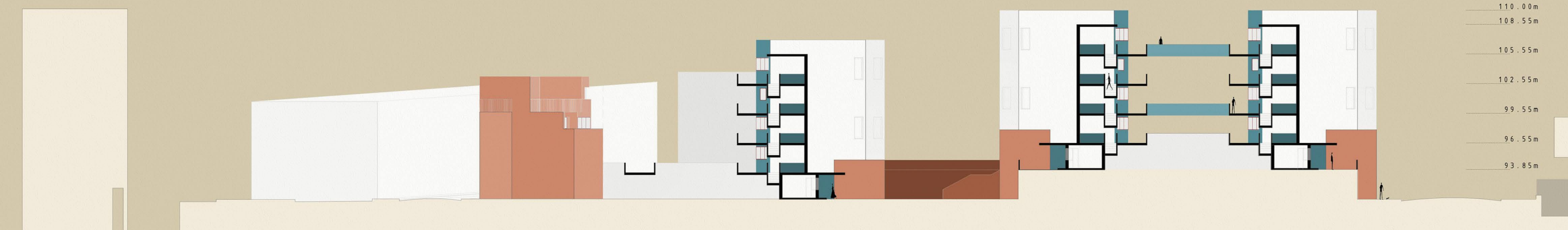
Corte Passagem; Planta Implantação

Escala 1:500

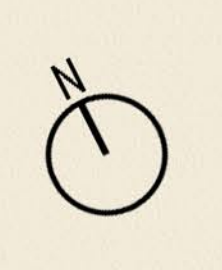
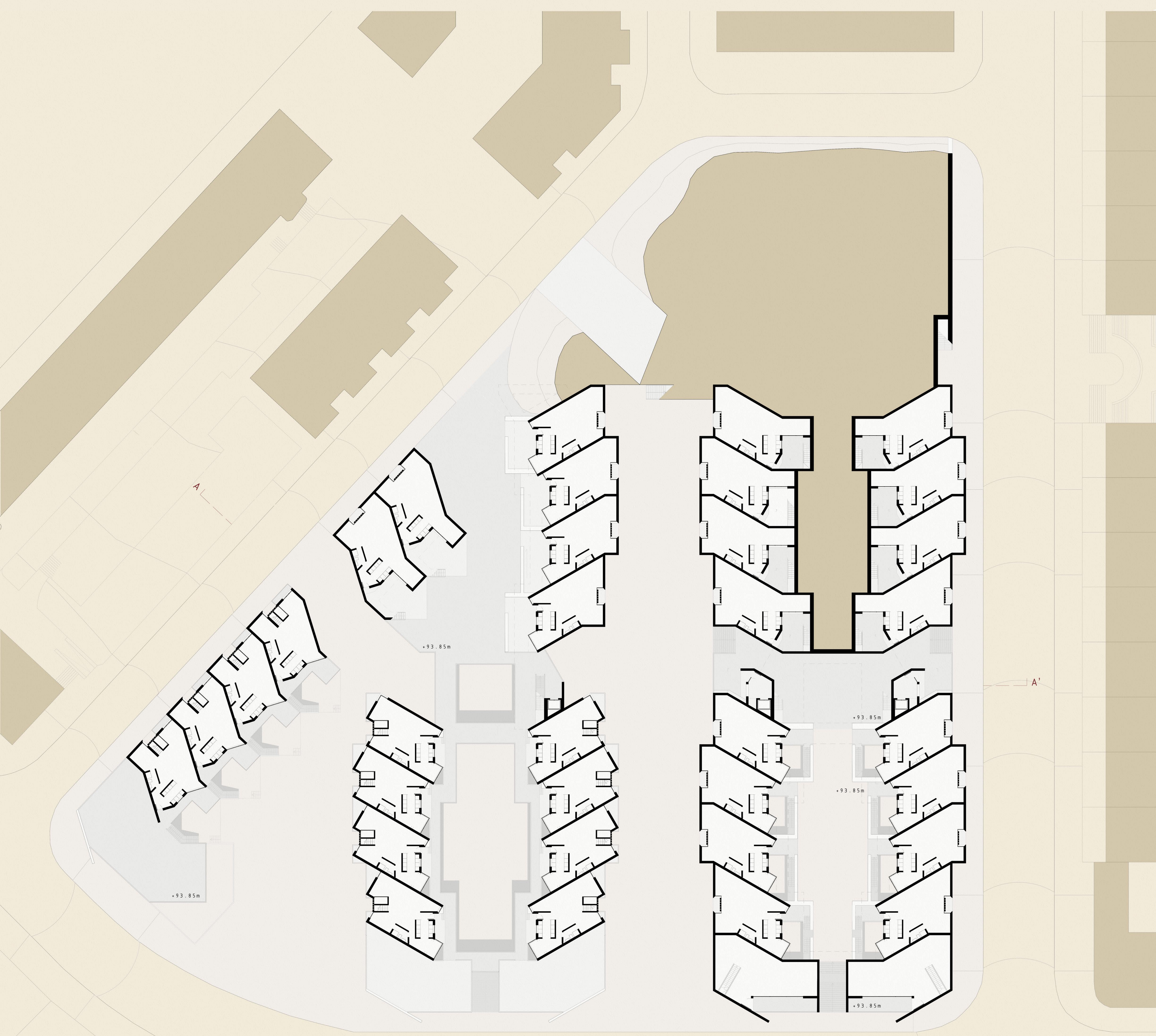


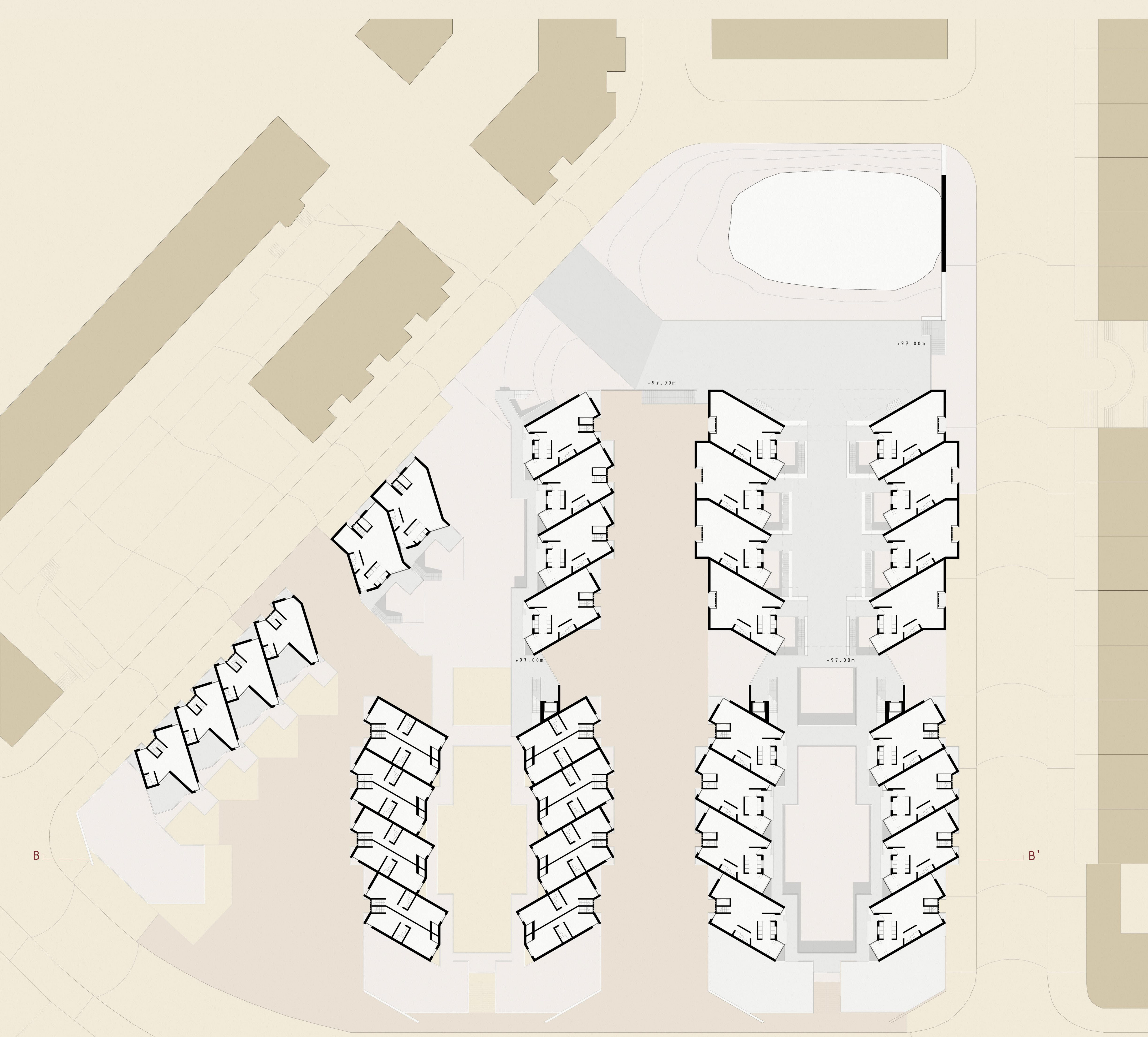
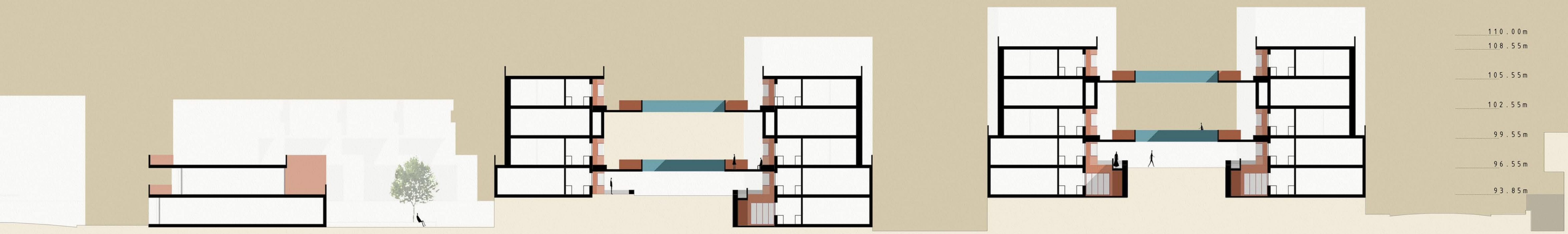






110.00m  
108.55m  
105.55m  
102.55m  
99.55m  
96.55m  
93.85m





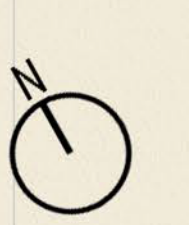


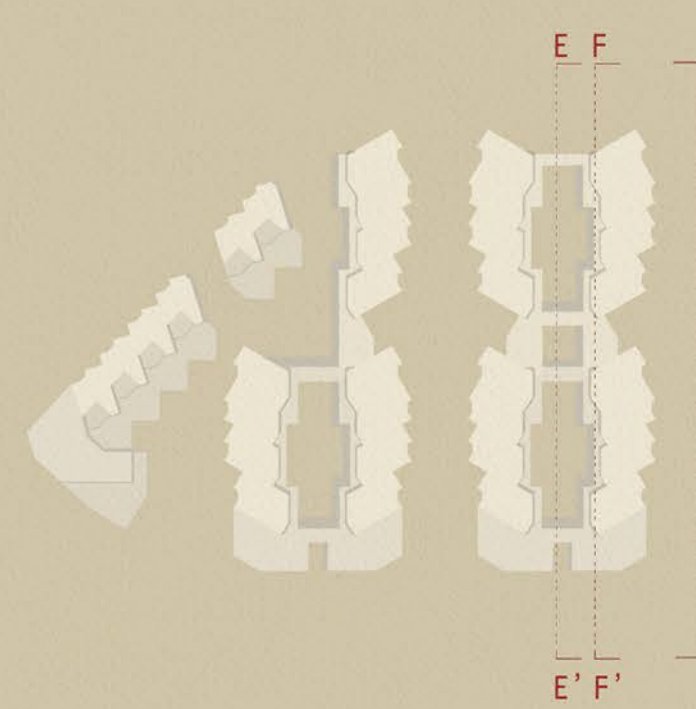


+103.00m

+103.00m

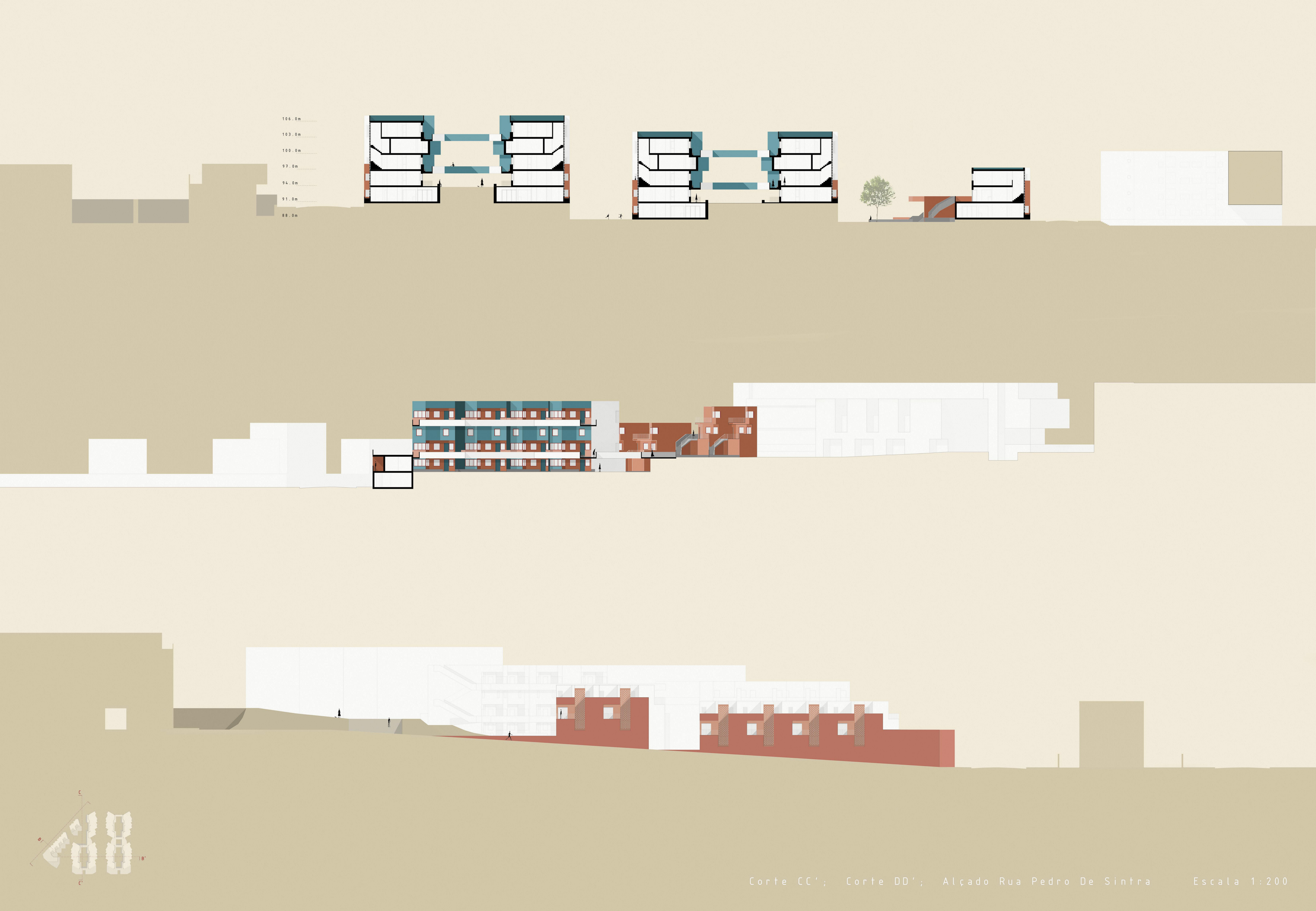
+103.00m



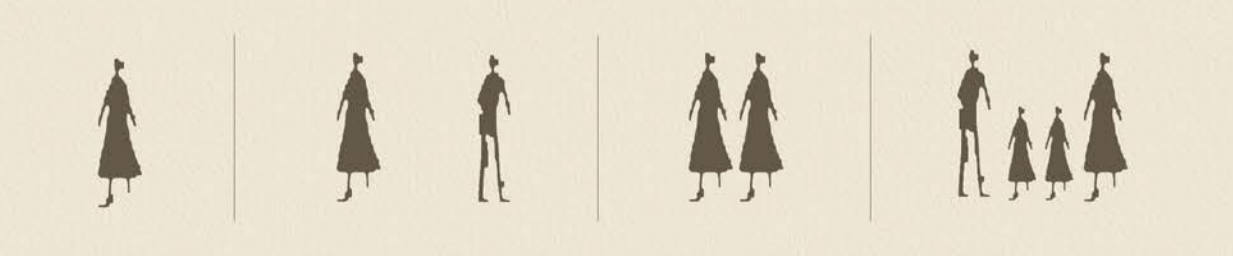
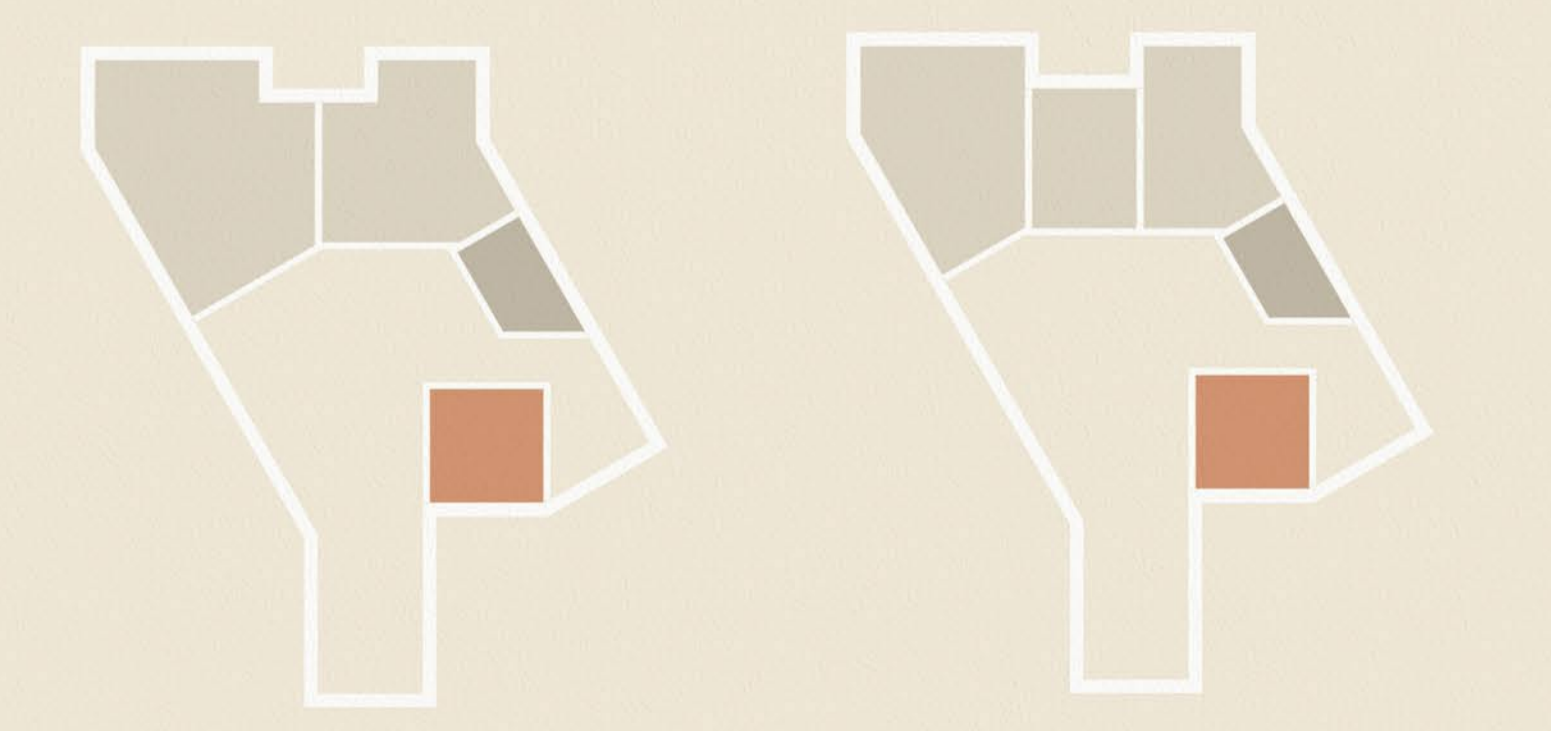
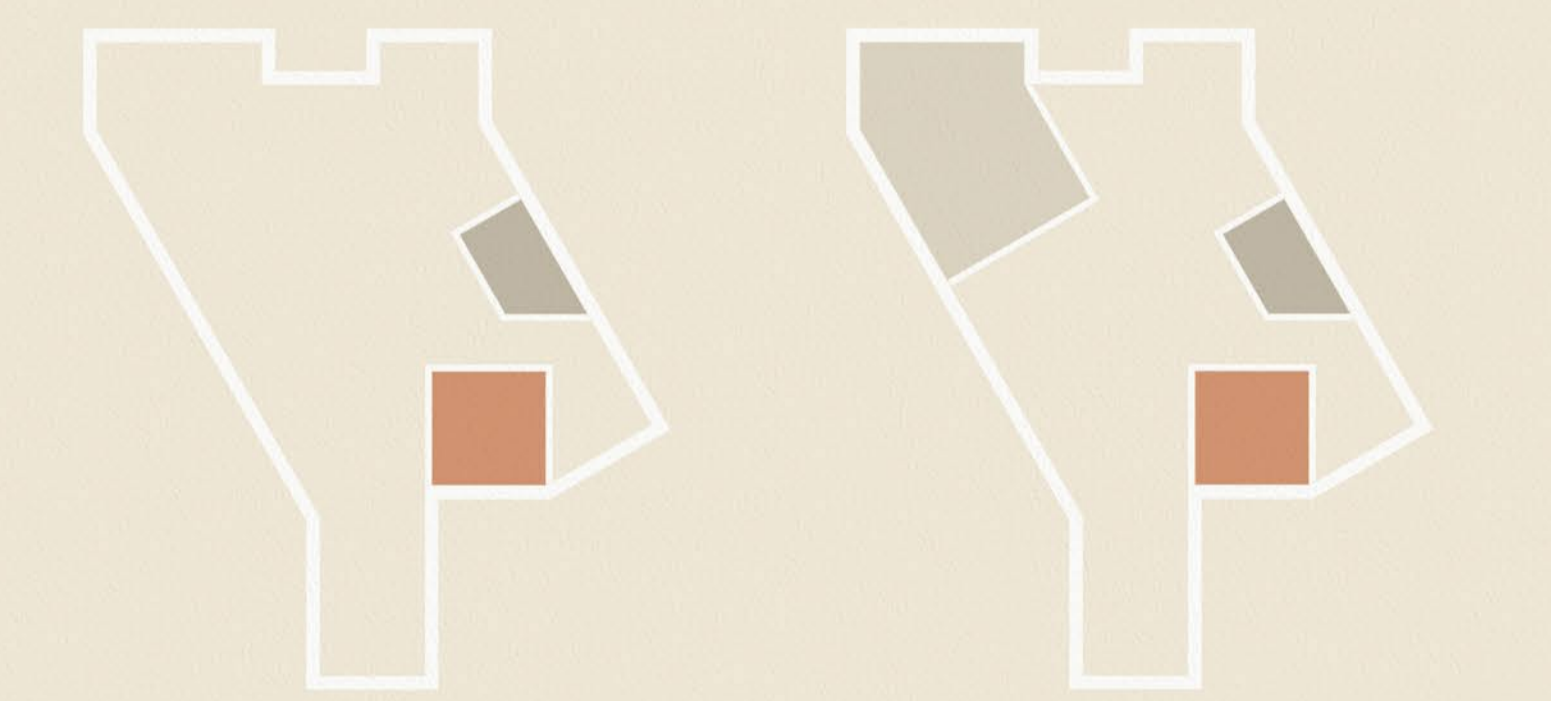
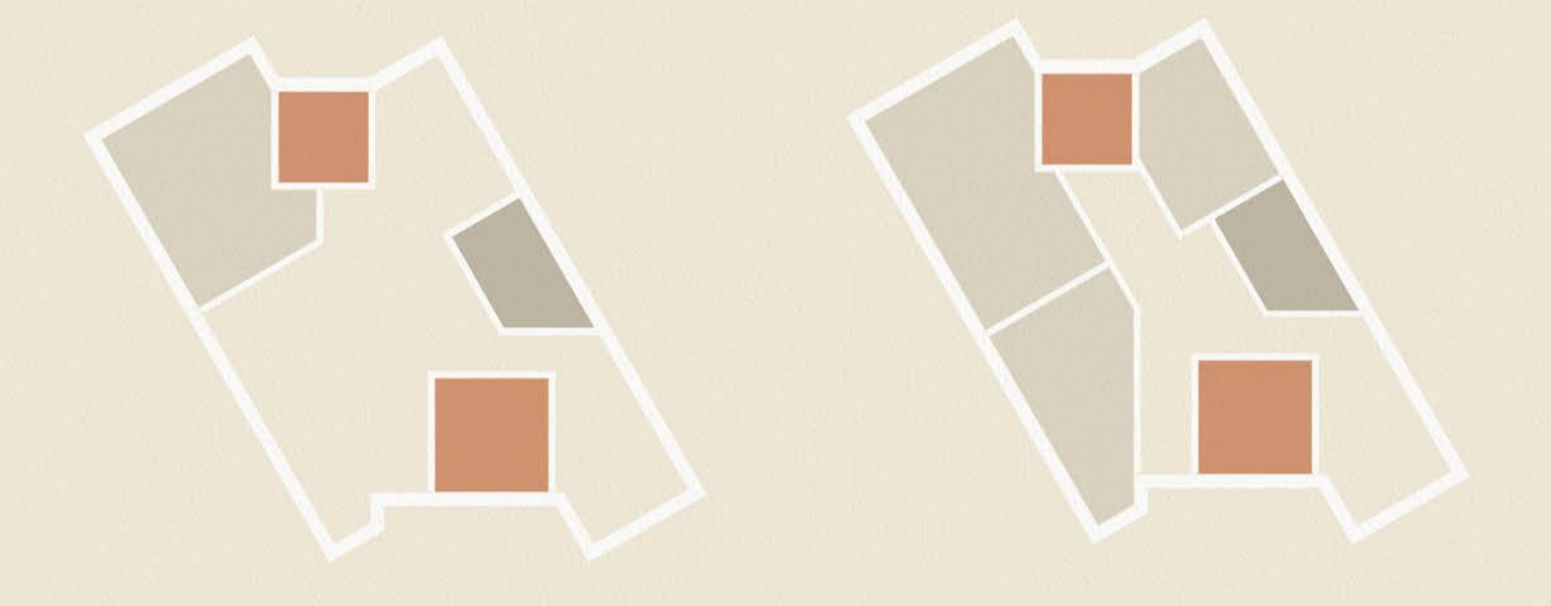
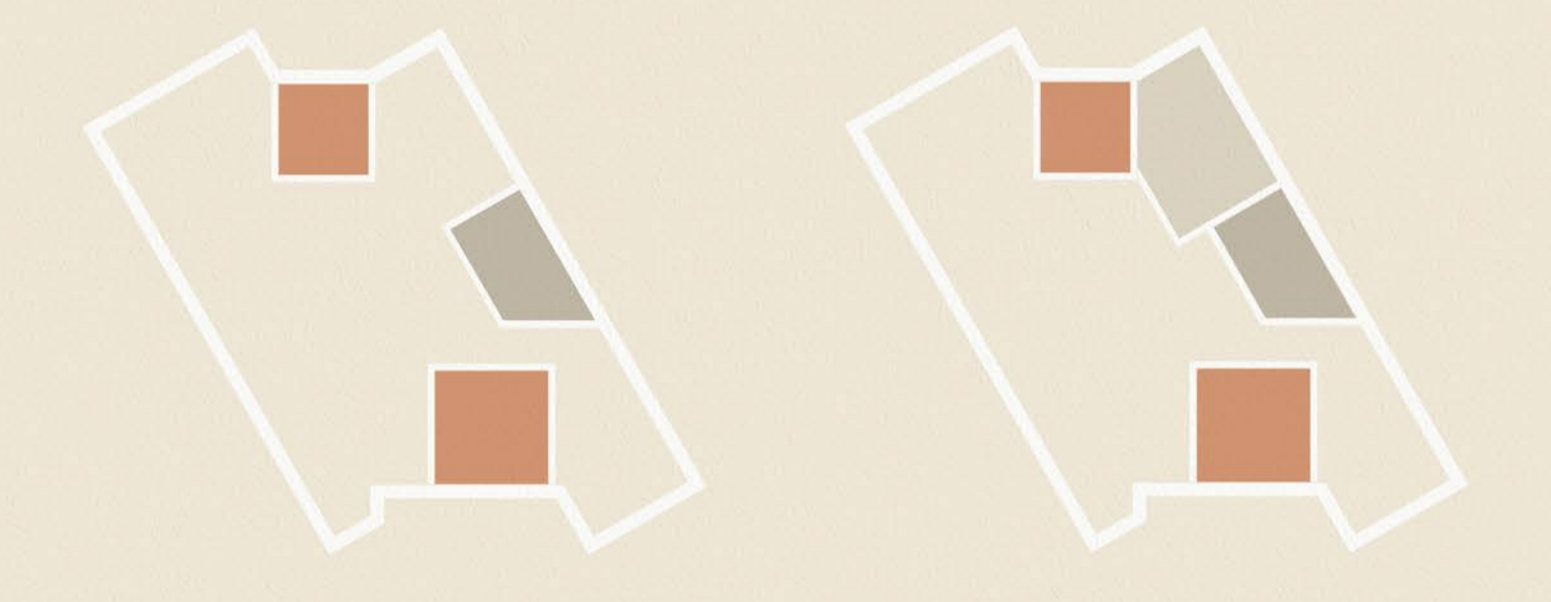
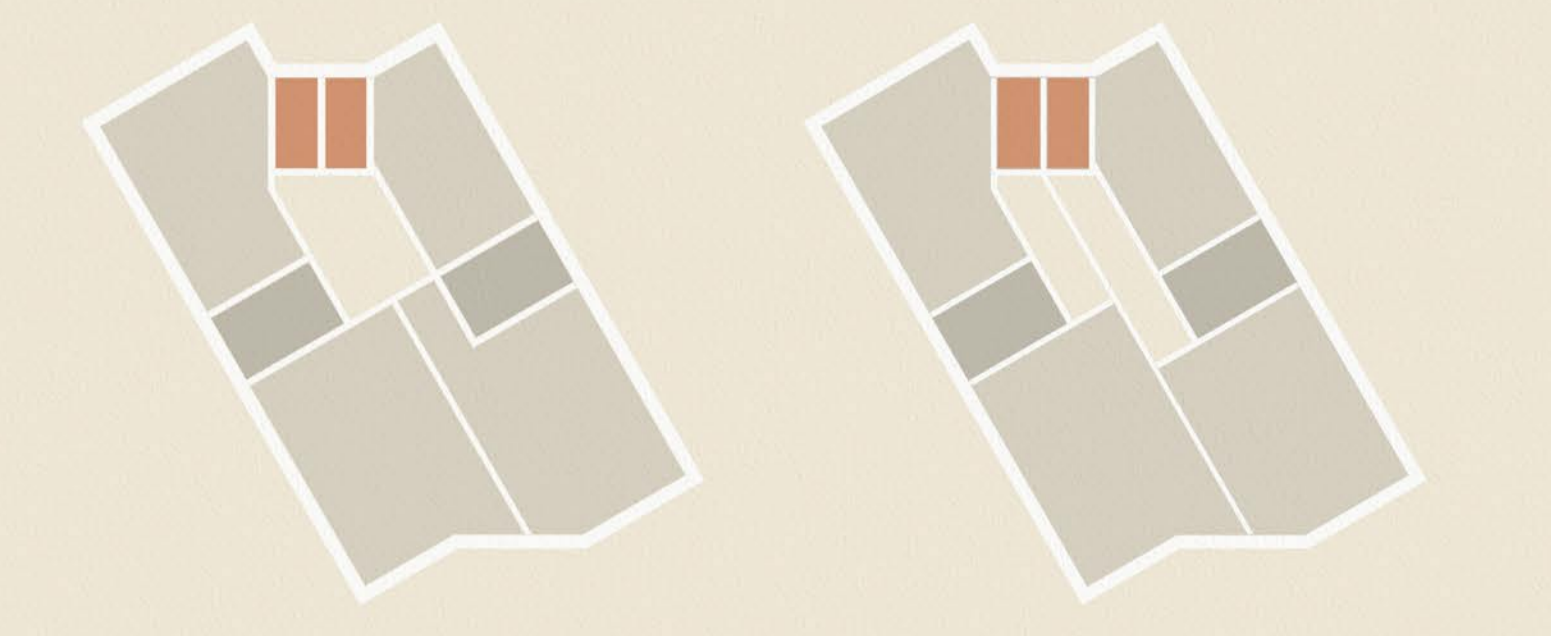
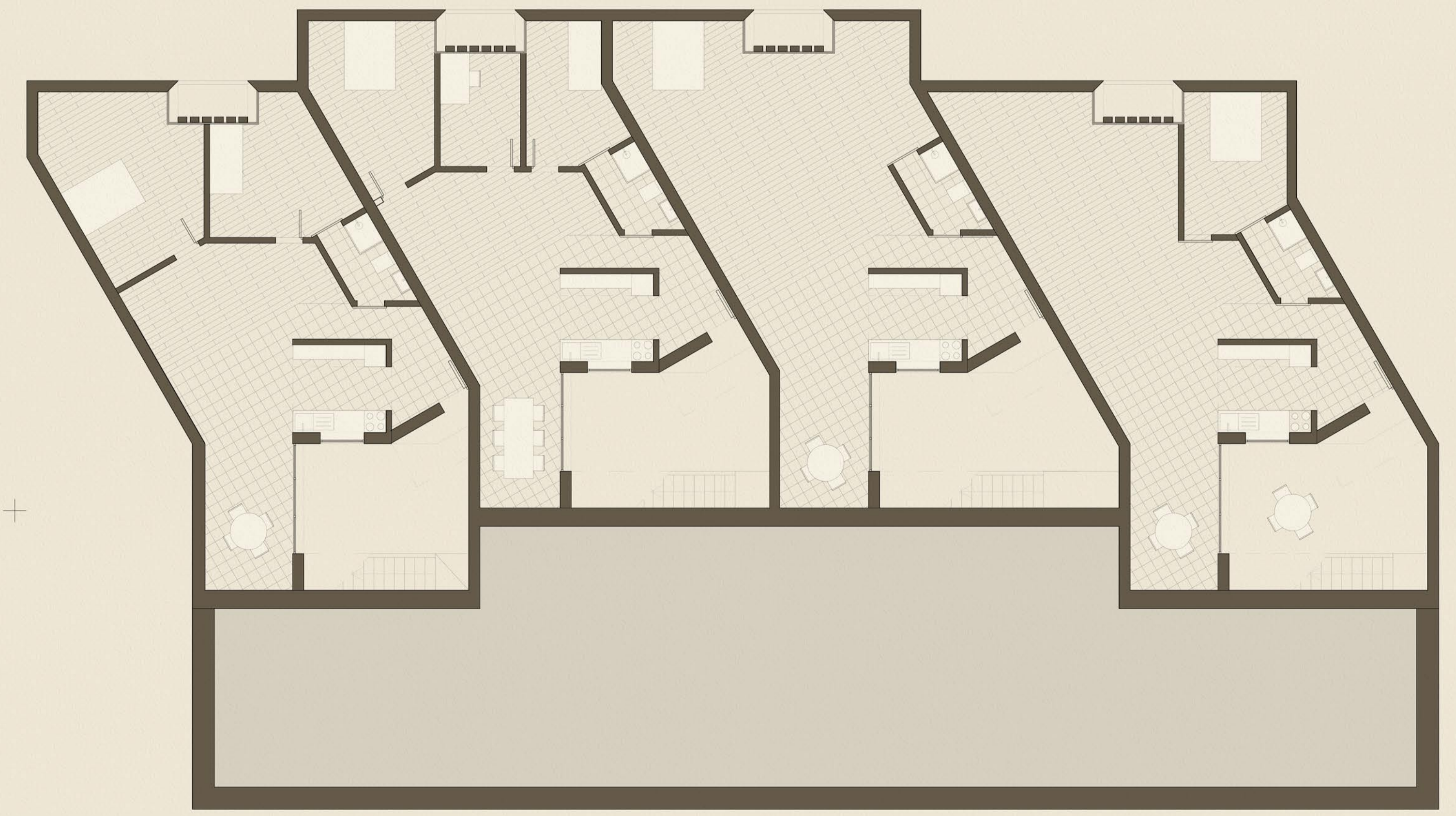
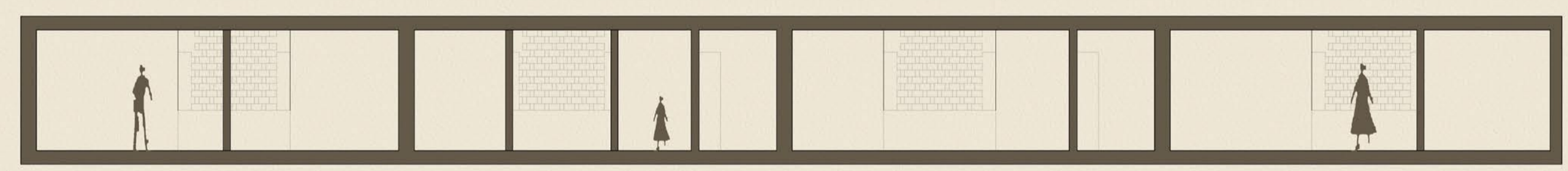
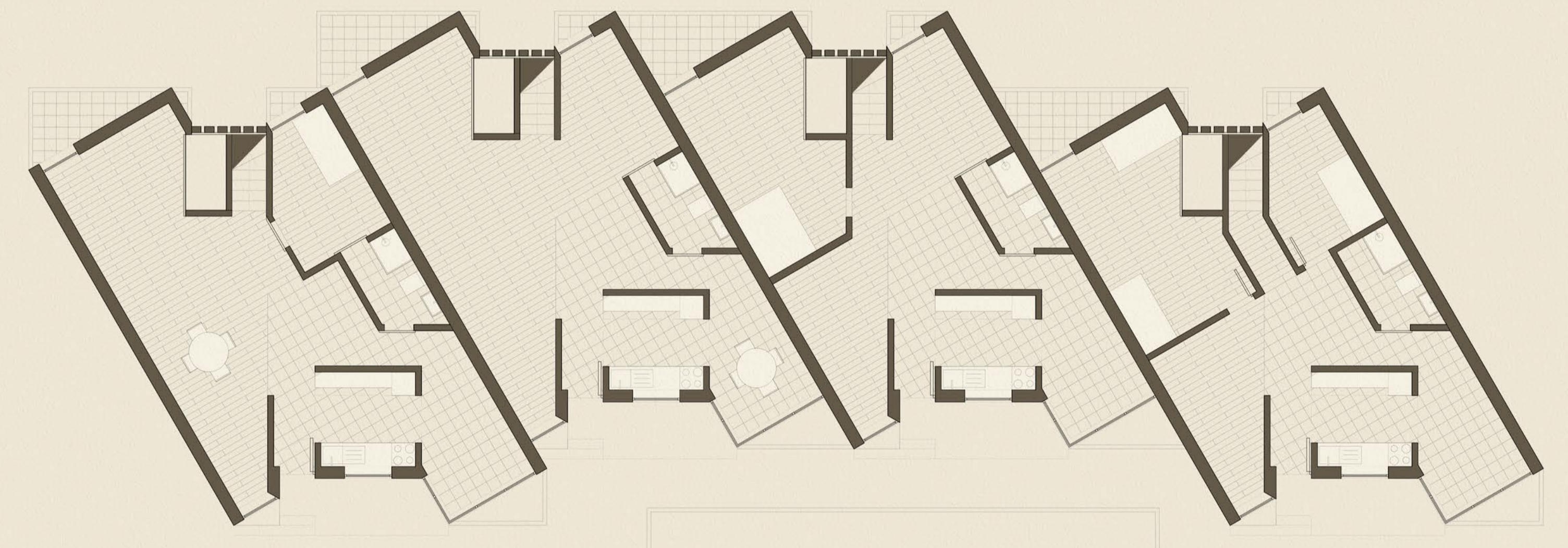
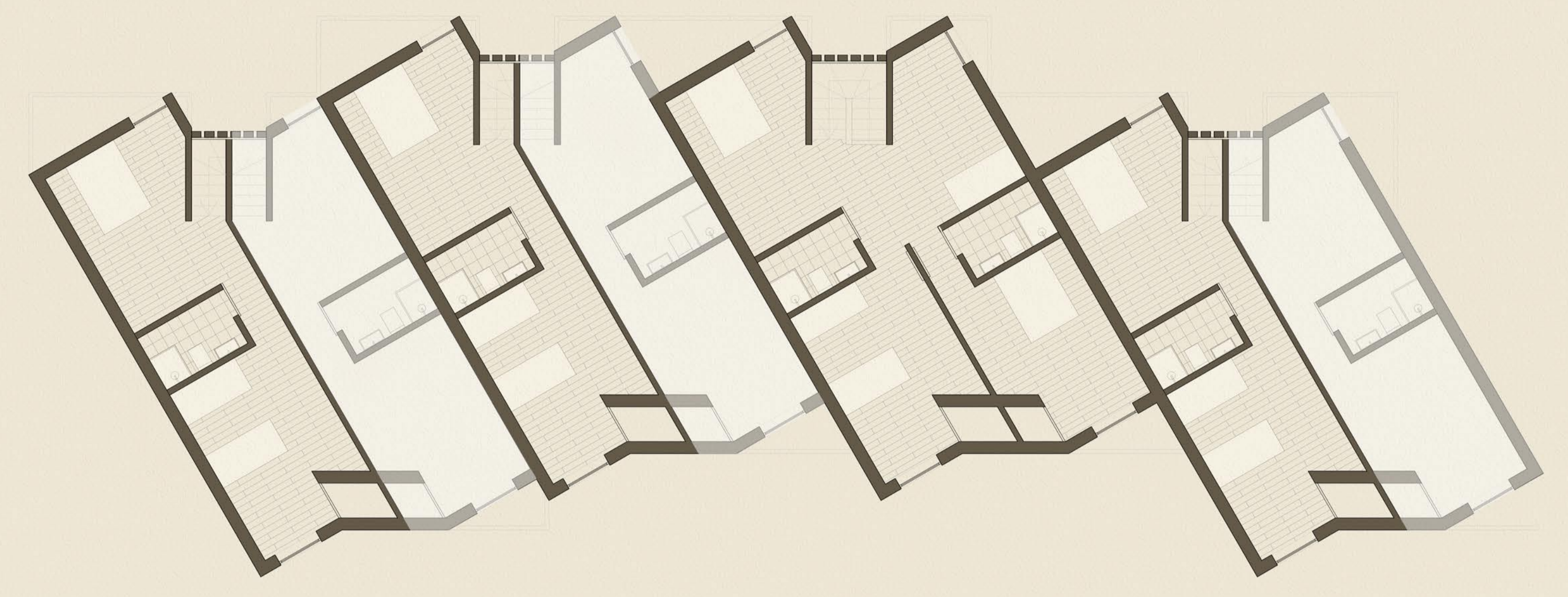
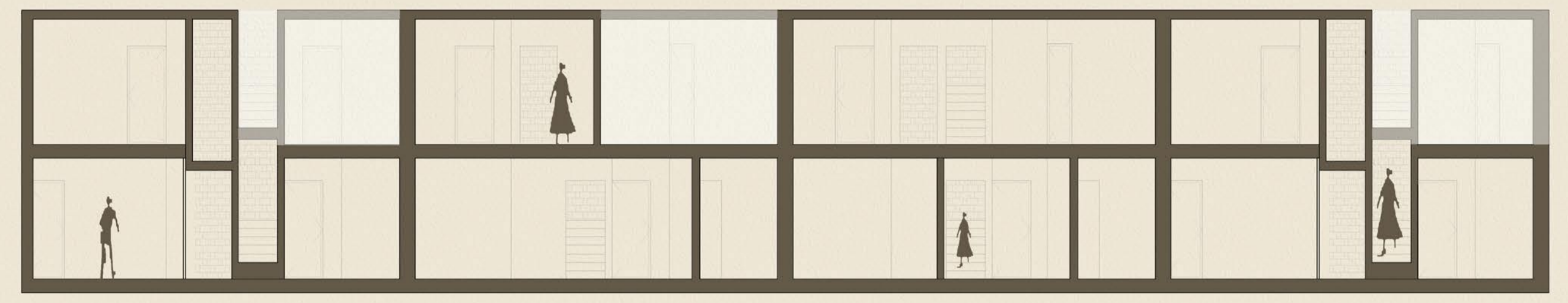
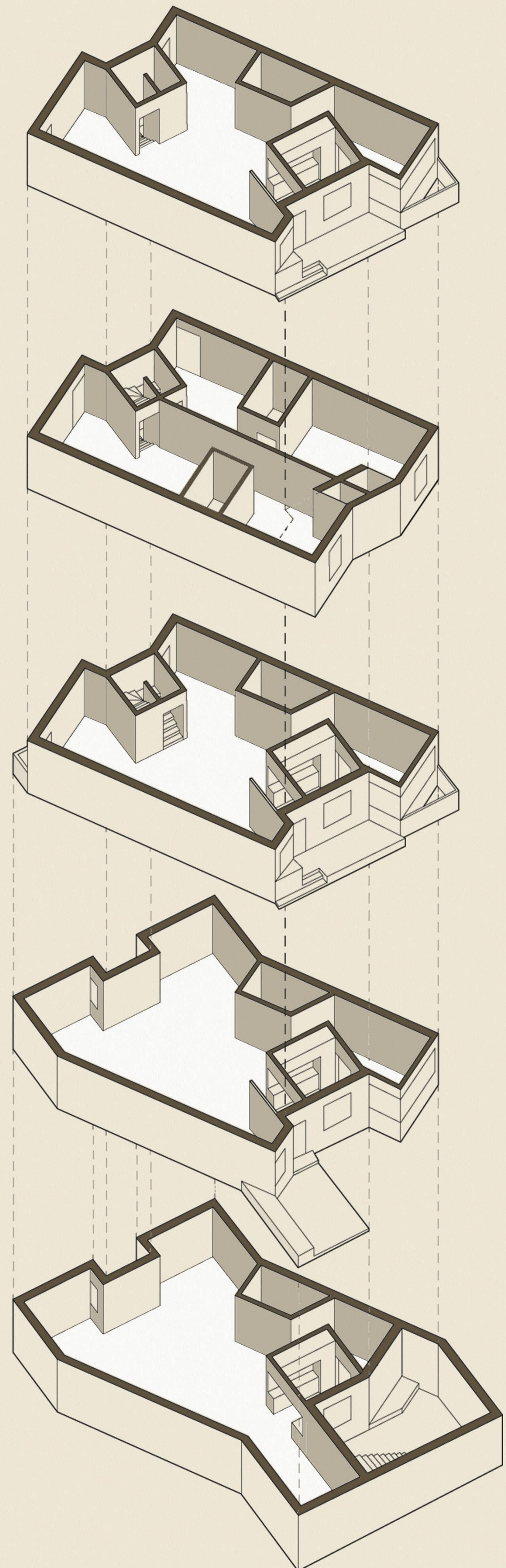


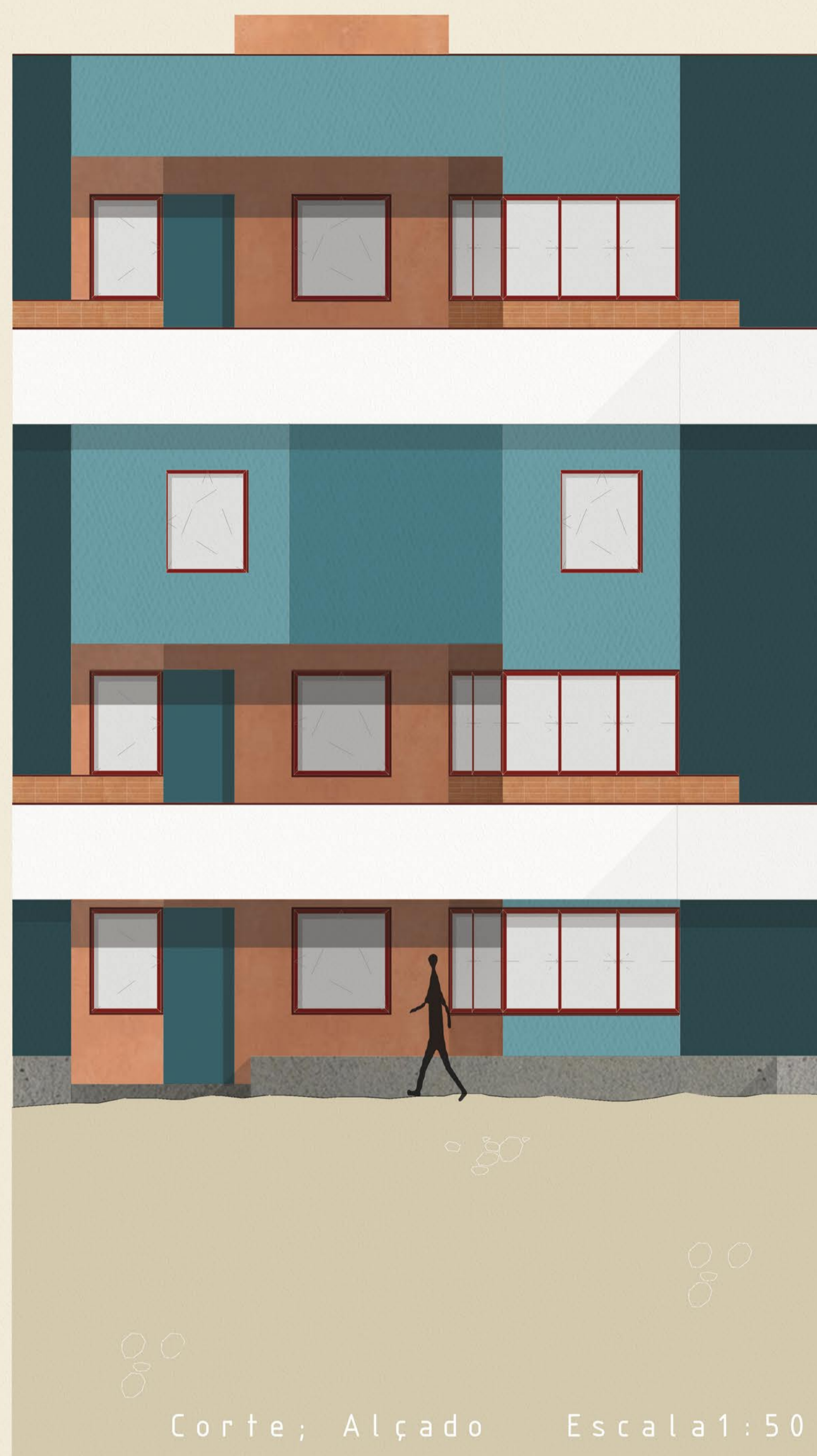
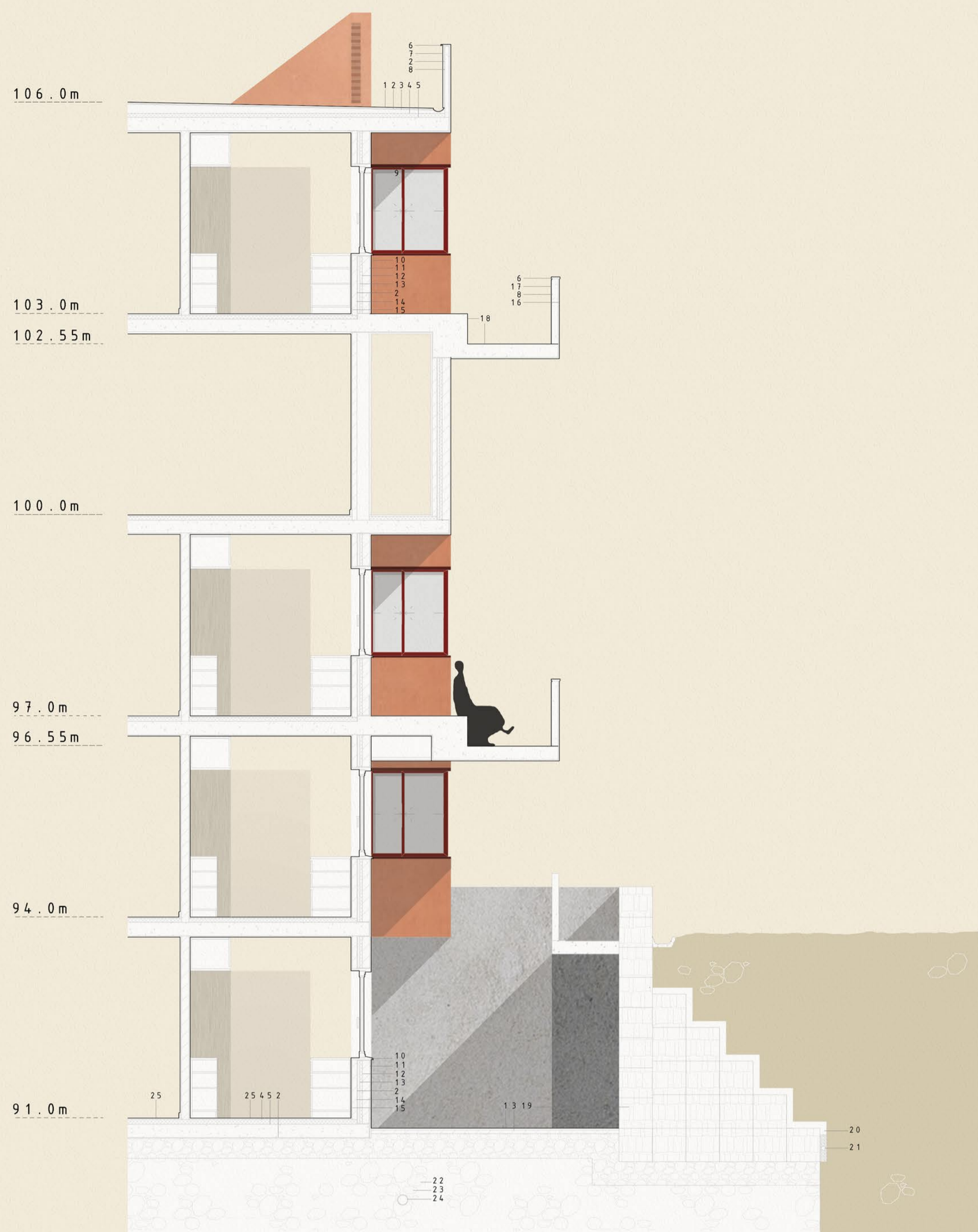
109.0m  
106.0m  
103.0m  
102.55m  
100.0m  
98.0m  
97.0m  
96.55m  
94.0m  
91.0m  
88.0m

Alçado Rua Diogo de Silves; Corte FF'; Corte EE' Escala 1:200



106.0m  
103.0m  
100.0m  
97.0m  
94.0m  
91.0m  
88.0m





1 Lajetas de betão com 3cm de espessura 2 Impermeabilização com tela asfáltica 3 Camada de forma com pendente 2% 4 Isolamento térmico com 6cm de espessura 5 Laje de betão armado 6 Chapa de zinco na cor azul 7 Reboco de argila na cor azul 8 Guarda de betão armado 9 Caixilharia de PVC em tom bordeau 10 Reboco de argila na cor semelhante ao revestimento em tijolo 11 Pano de alvenaria de tijolo de 11cm de espessura 12 Isolamento térmico com 4cm de espessura 13 Caixa de ar 14 Pano de alvenaria de tijolo de 7cm de espessura 15 Estuque e pintura 16 Reboco de argila na cor branco 17 Revestimento em tijolo à vista 18 Laje em betão aparente 19 Estrutura de contenção muro de gabião 20 Filtro de areia 21 Dreno de brita 22 Seixo rolado 23 Lâmina drenante 24 Geodreno 25 Pavimento cerâmico Terrazzo



